

Maria do Carmo Cardoso Sampaio

○ DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA NAS REDES SOCIAIS

uma leitura semiótico-psicanalítica

Maria do Carmo Cardoso Sampaio

○ DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA NAS REDES SOCIAIS

uma leitura semiótico-psicanalítica

| São Paulo | 2021 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 a autora.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela
Universidade Católica do Paraná, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Alexandre Antonio Timbane
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Alexandre Silva Santos Filho
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Aline Daiane Nunes Mascarenhas
Universidade Estadual da Bahia, Brasil

Aline Pires de Moraes
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Carolina Machado Ferrari
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Andre Luiz Alvarenga de Souza
Emill Brunner World University, Estados Unidos

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Beatriz Braga Bezerra
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Breno de Oliveira Ferreira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Carla Wanessa Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Daniel Nascimento e Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Danielle Aparecida Nascimento dos Santos
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Delton Aparecido Felipe
Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Dorana de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Doris Roncareli
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Emanuel Cesar Pires Assis
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Erika Viviane Costa Vieira
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Everly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fauston Negreiros
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Barcellos Razuck
Universidade de Brasília, Brasil

Francisca de Assiz Carvalho
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Gabrielle da Silva Forster
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Vitoriano
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira, Brasil*

Helen de Oliveira Faria
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Heloisa Candello
IBM e University of Brighton, Inglaterra

Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Ismael Montero Fernández,
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Jeronimo Becker Flores
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Josué Antunes de Macêdo
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Júlia Carolina da Costa Santos
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Karlla Christine Araújo Souza
Universidade Federal de Paraíba, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal de Paraíba, Brasil

Leandro Fabricio Campelo
Universidade de São Paulo, Brasil

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lidia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Luan Gomes dos Santos de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Marceli Cherchiglia Aquino
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Marcia Raika Silva Lima
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Maria Angelica Penatti Pipitone
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria de Fátima Scaffo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Isabel Imbrônio
Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luzia da Silva Santana
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Sandra Montenegro Silva Leão
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Miguel Rodrigues Netto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Bieging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Helena dos Santos Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patricia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Patricia Mara de Carvalho Costa Leite
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Paulo Augusto Tamanini
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Priscilla Stuart da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Radamés Mesquita Rogério
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Ramofly Bicalho Dos Santos
Universidade de Campinas, Brasil

Ramon Taniguchi Piretti Brandao
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Rarielle Rodrigues Lima
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Renatto Cesar Marcondes
Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rita Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Taiza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcisio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade de Brasília, Brasil

Thiago Guerreiro Bastos
Universidade Estácio de Sá e Centro Universitário Carioca, Brasil

Thyana Farias Galvão
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Valdir Lamim Guedes Junior
Universidade de São Paulo, Brasil

Valeska Maria Fortes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Walter de Carvalho Braga Júnior
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Wagner Corsino Enedino
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wanderson Souza Rabello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Washington Sales do Monte
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle - Canoas, Brasil

Adriana Flavia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alessandra Dale Giacomini Terra
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alessandro Pinto Ribeiro
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Marques Marino
Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil

Aline Patrícia Campos de Tolentino Lima
Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil

Ana Emídia Sousa Rocha
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Ana Iara Silva Deus
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ana Julia Bonzanini Bernardi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Luis Cardoso Tropiano
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

André Ricardo Gan
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Andressa Antonio de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Anne Karynne da Silva Barbosa
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Antônia de Jesus Alves dos Santos
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Ariane Maria Peronio Maria Fortes
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Bianca Gabriely Ferreira Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruna Donato Reche
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Camila Amaral Pereira
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Carolina Fontana da Silva
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carolina Fragoço Gonçalves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Cecilia Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Cintia Moralles Camillo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Claudia Dourado de Salces
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Cleonice de Fátima Martins
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cristiano das Neves Vilela
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniella de Jesus Lima
Universidade Tiradentes, Brasil

Dayara Rosa Silva Vieira
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Diogo Luiz Lima Augusto
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ederson Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Elaine Santana de Souza
*Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro, Brasil*

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Elias Theodoro Mateus
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elizânia Sousa do Nascimento
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Emanuella Silveira Vasconcelos
Universidade Estadual de Roraima, Brasil

Érika Catarina de Melo Alves
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Everton Boff
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Fabiana Aparecida Vilaça
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Fabiano Antonio Melo
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Fabricia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fabício Nascimento da Cruz
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fabício Tonetto Londero
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Francisco Isaac Dantas de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Gean Breda Queiros
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Glaucio Martins da Silva Bandeira
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Heliton Diego Lau
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jeane Carla Oliveira de Melo
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

João Eudes Portela de Sousa
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

João Henriques de Sousa Junior
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Juliana da Silva Paiva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Lais Braga Costa
Universidade de Cruz Alta, Brasil

Leia Mayer Eyng
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcos dos Reis Batista
Universidade Federal do Pará, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Miriam Leite Farias
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Natália de Borba Pugens
Universidade La Salle, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raick de Jesus Souza
Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Railson Pereira Souza
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Valdemar Valente Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace da Silva Mello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Wellton da Silva de Fátima
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial Patricia Bieging
Raul Inácio Busarello

Editora executiva Patricia Bieging

Coordenadora editorial Landressa Rita Schiefelbein

Assistente editorial Caroline dos Reis Soares

Diretor de criação Raul Inácio Busarello

Assistente de arte Laura Linck

Editoração eletrônica Gabrielle Lopes
Lucas Andrius de Oliveira
Peter Valmorbida

Imagens da capa Bizkette1, Myriammira - Freepik.com

Revisão Tascieli Feltrin
Landressa Rita Schiefelbein

Autor Maria do Carmo Cardoso Sampaio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S192o Sampaio, Maria do Carmo Cardoso -
O declínio da função paterna nas redes sociais: uma leitura
semiótico-psicanalítica. Maria do Carmo Cardoso Sampaio.
São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 211p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5939-246-9 (eBook)

1. Psicanálise. 2. Semiótica. 3. Família. 4. Religião.
5. Redes sociais. 6. Lacan. 7. Freud. I. Sampaio, Maria do
Carmo Cardoso. II. Título.

CDU: 159.9
CDD: 150

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.469



Dedico este trabalho ao meu
filho Emiliano Cardoso Sampaio.

AGRADECIMENTOS

Especialmente, a minha orientadora Professora Dr^a. Maria Lúcia Santaella Braga: a luz e a inspiração da palavra que alicerçam este trabalho.

À CAPES pela bolsa parcial concedida.

À Laura Laganá – Diretora Superintendente do Centro Paula Souza - pela concessão generosa de sete semestres de Afastamento-Doutorado parcial com vencimentos .

À Diretoria da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC-SP) - pelo apoio de sempre.

À minha especial colega Professora Dr^a. Maria Cecília de Salles Freire César pelo incentivo constante.

À minha colega Edmiriam Maria, ATAlI – ATAD pelo interesse e ajuda.

A todos os meus colegas da FATEC-SP que, em inúmeras Reuniões de Conselhos e Congregações, votaram favoravelmente à concessão do meu Afastamento-Doutorado de 10 h/a aulas.

Aos meus alunos do Curso Análise e Desenvolvimento de Sistemas da FATEC-SP, que muito me ajudaram no percurso da pesquisa empírica.

Aos meus Professores Doutores: Jorge de Albuquerque, João Mattar e Petry pelo carinho e incentivo.

À Assistente de Coordenação do TIDD, Edna Conti, pela dedicação exemplar.

À Luciene Maria, da Secretaria Acadêmica de Pós-Graduação da PUC-SP, pelo seu atencioso e eficaz atendimento.

À rede social *Facebook*: maravilhoso mundo que nos habita.

Ao Nome-do-Pai que ressoa em toda terra...

APRESENTAÇÃO

Uma das maiores paixões da minha mãe era ensinar! Sua vida foi dedicada ao ensino e à literatura e ela sempre me contava com muito orgulho a história de seu trajeto profissional, história que começou em uma família pobre no interior da Bahia e levou uma vida inteira de dedicação.

Em janeiro de 2021, minha mãe se despediu da vida aos 75 anos. Ao organizar sua casa (a casa em que cresci), suas coisas, livros, roupas, etc, encontrei sua tese de doutorado, defendida aos seus 70 anos de idade com muito orgulho, coroando o trabalho de uma vida inteira, avaliada com nota máxima pela banca. Além da dissertação, encontrei rascunhos do projeto de pesquisa que foi enviado à comissão do doutorado. Neste breve texto, minha mãe conta um pouco de sua vida na infância, de seu amor pela leitura, pelo ensino e também histórias que até então eu só havia ouvido de forma dispersa na mesa de jantar ou em conversas durante nossos passeios. Ao ler essa curta narrativa, fiquei muito emocionado e, por isso, decidi incluí-la como apresentação desse trabalho tão complexo que o leitor está prestes a começar a ler. Acho que essa história ajudará o leitor a entender melhor o olhar da minha mãe para um mundo que ela tenta desvendar através dessa pesquisa. Também espero que a história da minha mãe e seus escritos sejam uma inspiração para a vida do leitor assim como é para a minha! Abaixo segue o texto original da minha mãe:

*À semelhança da história de Edgar Morin no seu livro: **Ninguém Sabe o Dia Que Nascerá**, Editora UNESP, este tema: **ciberespaço** é mais uma **nascente** que emerge de dentro de minha história, traçada por muitos mistérios de encantados sofrimentos. Nascente esta que minou pela primeira vez no percurso da minha alfabetização aos 10*

anos. Somente com esta idade, avançada para os urbanos, que entrei na escola. Porque nasci num sítio no sertão da Bahia: Estrelo. Município de Cícero Dantas. Seduzida pela literatura de cordel que ouvia nas poucas feiras que meu pai me levava em Cícero Dantas, tomei a obsessiva decisão de aprender a ler.

Minha mãe procurou o único renomado ser humano da região e pediu a ele que: “abrisse uma escola” para que eu e minha irmã aprendêssemos a ler.” “O Professor”: chamava-se Castelo, imbatível na decifração de letras em cartas e escrituras e na medição de terras. Eu fiquei 5 anos lendo um só livro: “O 2º Ano” que eu abria 4 vezes toda manhã, de segunda a sexta, “para dar lição e fazer cópia”. Alternava, apenas com a pedra de fazer as “4 operações”, domínio único do “professor” naquele lugar. Eu fiz deste único livro da minha escola primária e do meu mundo a minha nascente de criação. Eu recriava cada lição, incontáveis vezes, no caminho da escola e nos intervalos do copiar.

Enquanto eu recriava “O 2º Ano” o primeiro ginásio foi construído em Cícero Dantas. Eu já com 16 anos, criei outra obsessão e passei a atormentar meus pais para levar o tormento ao padre, criador do Ginásio, para me arrumar uma bolsa de estudos e, aos seus candidatos políticos, para me concederem um lugar na sua casa para me hospedar.

Enquanto eu atormentava a mim e ao meu pai com a renitente ideia de estudar, abriu-se um curso intensivo de 3 meses, para quem tivesse necessidade de fazer o “exame de admissão ao ginásio” no verão. Eu o fiz e fui aprovada, sem cursar o primário! O criador do Ginásio, Padre, Renato Galvão, surpreendeu-se tanto com minha capacidade de esforço que me ofertou uma bolsa de estudos para os quatro anos de ginásio. Esta foi a maior vitória da minha vida, mas ainda, por ter poupado meu pai da vergonha de pedir. **Ainda é aquela vitória que me conduz ao desafio das complexas descobertas.** Pois, a partir daquela especialidade em sofrer e vencer, eu me dediquei aos

sofrimentos dos outros. Passei a ensinar aos meus colegas que muito sofriam, porque estudavam e não aprendiam. Ou aprendiam e não conseguiam expressar o conhecimento.

No 1º, 2º e 3º Anos ginasiais, eu pratiquei um trabalho terapêutico, ingênuo e inédito, sem saber que existia psicologia e psicanálise. Experiência esta que se expandiu teoricamente e foi conteúdo do meu trabalho de conclusão de curso na PUC-SP. Por não existir a conclusão do curso ginásial em Cícero Dantas, na quarta série, vim para o Rio de Janeiro continuar meus estudos. Mas durante oito anos, o trabalho árduo em escritório e as decorrentes desilusões adormeceram, pela dor, as aspirações e as inspirações de minha nascença. Como “Ninguém sabe o dia que nascerá”, me tornei a nascer em 1973 no vestibular da CESGRANRIO, para o curso de letras na Universidade do Estado da Guanabara (UEG).

Logo no primeiro ano, as sementes do meu trabalho terapêutico de Cícero Dantas retornaram a mim no fascínio da expressão da professora de Literatura Portuguesa, Doutoranda em Literatura e Psicanálise. O primeiro e inesquecível trabalho foi a análise literária do livro “O Bolor”, aplicando interpretativamente conceitos da psicanálise de Freud.

Naquele trabalho, desafiei as minhas intuições psicanalíticas e fui surpreendida com o louvor da professora. Na terceira série, pedi transferência da UEG para a PUC-SP, onde fui indicada pela professora de literatura brasileira para ser Monitora no Ciclo Básico. Nesta função, o meu olhar se voltou para os alunos com problemas de expressividade verbal, ou seja, alunos que não conseguiam aprender ou expressar o que aprendiam. Novamente! Lá estava eu estendendo a sementeira do meu ginásio, não só na PUC, mas também nas escolas de primeiro e segundo grau, onde desenvolvi um projeto sobre as “dificuldades de expressividade verbal”, que bloqueavam o estímulo ao estudo e à felicidade do aluno, projeto este que me possibilitou uma bolsa do CNPQ para custear aquela minha pesquisa de Mestrado.

Procurando atender à excentricidade e à diversidade de linguagem da minha clientela, extremamente problemática tanto no nível de expressividade verbal quanto nos níveis físico e psicológico, optei pelo Mestrado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP que, por sua vez, me instigou a buscar, na psicanálise, teorias que dessem conta dos problemas de comunicação que afligiam os meus alunos.

Para atender às hipóteses do meu projeto de pesquisa, cursei metade dos meus créditos na Psicologia Clínica, com o professor Renato Mezan, que acompanhou os meus trabalhos e a minha dissertação sobre: “O Ensino de Redação — Leitura à Margem da Instituição”, defendida em dezembro de 1987.

*De 1987 a 2003, eu buscava soluções teóricas-práticas para integrar o aluno marginal à instituição de ensino propondo atividades criativas. Paralelamente a estas minhas linhas de sofridas inquietações, nascia e se desenvolvia uma rede mundial de computadores com tamanha velocidade que, em 1989, criava um programa **www (world wide web)** que integrou todos nos sistemas e, ali, paradoxalmente, se instalou, através da multimídia, do hipertexto, da interatividade, da grande quantidade de informações disponíveis e da virtualização do tempo, os “**nós**” da “fraternidade, igualdade e liberdade”, de P. Lévy. Mas, segundo a minha vivência teórico-prática, eu já percebia, intuitivamente, o ciberespaço como o exílio dos marginais da família e da escola. Estes que, paradoxalmente, também se tornam marginais diante de todo aparato tecnológico da internet.*

Contudo, foi somente em 2003, quando relia “O Mal-Estar da Civilização”, de Freud, que me surpreendi com esta paradoxal resposta mundial que, ao acaso, me foi dada através da rede em comunidades virtuais que dissimulam os sacrifícios pulsionais exigidos pela civilização, ao mesmo tempo que simulam o verdadeiro equilíbrio entre os objetivos de preservação do grupo e as reivindicações de felicidade.

(...)

O texto segue adiante na sua versão original. Nele, minha mãe descreve seus objetivos durante sua pesquisa de doutorado, trabalho que o leitor está prestes a ler e que não quero adiantar aqui. Boa leitura e aproveite essa apresentação para agradecer à professora Lucia Santaella pelo carinho com que escreveu o prefácio deste trabalho. Apesar de eu nunca a ter encontrado pessoalmente, tenho muitas recordações das palavras de afeto e agradecimento da minha mãe ao falar da Lucia, que tanto a ajudou durante sua vida.

Mãe, parabéns pelo trabalho e espero que onde estiver, aproveite o lançamento deste livro e mais essa conquista, que eu singelamente ajudo a realizar como uma forma de te dizer te amo e agradecer por tudo o que você fez por mim!

Emiliano Cardoso Sampaio

PREFÁCIO

DE QUE É FEITA A VIDA DO INTELLECTO

Estávamos nos anos 1980 e minha carreira como professora e orientadora de mestrado e doutorado havia começado alguns anos antes. Recordações desse tipo provocam um misto de nostalgia, de um lado, porque foram anos em que a juventude prodigalizava energia, esperança e as ambições do intelecto. De outro lado, no entanto, produz melancolia, pois nos obriga a passar em revista os anos transcorridos.

No entanto, essa rememoração cabe neste momento porque, ao tratar aqui de apresentar este belo trabalho de Maria do Carmo Cardoso Sampaio, defendido originalmente como tese de doutorado sob meu acompanhamento, vejo-me instada a rememorar que nossos contatos intelectuais vieram de mais longe, de meados dos anos 1980. Maria do Carmo foi minha aluna e, então, minha orientanda de mestrado no programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Nessa ocasião, ela já trazia um cabedal de prática original de ensino e aprendizado de leitura e redação voltados para casos de jovens que apresentavam grande dificuldade nessas tarefas. Para isso, ela havia desenvolvido uma metodologia de cunho próprio muito bem-sucedida.

Tenho a memória vívida da nossa primeira conversa, tão vívida que até me lembro das cores da luz do entardecer que entravam pela sala em que conversávamos. Eram as primeiras conversas de orientação e ela ainda titubeava na escolha da pesquisa a ser desenvolvida. As conversas preliminares de orientação são exploratórias, em que tento apalpar para onde o desejo do(a) orientado(a) está soprando. Maria do Carmo revelava um certo orgulho do sucesso que alcançava na atividade de ensino que desenvolvia. Não tive dúvida. Imediatamente,

propus que ela trouxesse para a sistematização de pesquisa, o *corpus* que já tinha em mãos, aliás, perfeitamente documentado, caso a caso, dos jovens que atendia.

Assim começou e assim continuou até chegar, no tempo previsto, à defesa de uma dissertação muito bem realizada sob o título de *O ensino de redação-leitura à margem da instituição*, datada de 1987. Foi elogiada na banca e terminou com a nota máxima, para a alegria mútua de que havíamos acertado no alvo ao escolher trazer para a dissertação acadêmica uma experiência que, sem isso, poderia ficar sem o seu merecido registro devidamente institucionalizado. Portanto, uma experiência realizada à margem da instituição que vinha a receber sua justa institucionalização. Ganhavam ambas, a experiência e a instituição.

Mais de duas décadas se passaram. De quando em quando nos comunicávamos por telefone e pelos sinais de atenção nas lembranças que me enviava em Natais e aniversários. Desde 2006, dividia meu trabalho em um novo programa de Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência de Design Digital na PUC-SP. Em 2009, o programa de doutorado foi aprovado e, logo depois, Maria do Carmo me procurou para manifestar a vontade de continuar seus estudos para o nível de doutorado. Naquele intervalo de anos, ela havia se tornado professora concursada e, embora tivéssemos tido poucos encontros em presença, um novo vínculo havia se criado entre nós. Ela havia desenvolvido estudos em psicanálise, tornando-se uma boa conhecedora dos temas psicanalíticos, um motivo a mais para estreitar nossos laços.

Nas conversas preliminares, antes que ela tivesse formalmente sido selecionada e se inscrito para o doutorado, havia duas exigências a serem consideradas: de seu lado, o desejo de desenvolver um tema relacionado à psicanálise. Do lado institucional, a necessidade de vincular o tema a questões de educação ou cognição no campo tecnológico. Nossos encontros eram adoravelmente leves

e prazerosos. Havia um forte circuito de afeto, de escuta e de compreensão mútua. Não demorou muito para que chegássemos a um acordo entre as duas exigências. Havia um tema que estava muito em voga no campo psicanalítico, na época, início da segunda década deste século: o declínio social do nome do pai, da metáfora paterna. Já existiam escritos sobre o tema. Mas como essa questão se manifestava nos modos de agir sociais?

O estalo foi imediato. Tratava-se de investigar, para além das discussões teóricas, um *corpus* empírico. Ora, por essa época, o *Facebook* já crepitava como sintoma cultural, alcançando, no Brasil, níveis de participação significativos. Portanto, era possível tomar o *Facebook* como laboratório privilegiado para o exame do tema em questão. Como a imagem do pai era tratada nas postagens disponibilizadas nesse aplicativo? O caminho para a pesquisa estava aberto.

Antes de tudo era preciso rastrear teoricamente com toda a segurança necessária, de Freud a Lacan, os desenvolvimentos, em ambos os autores, do papel mítico e sintomático da figura paterna na novela familiar estendida aos entreveros coletivos. Então, seria necessário colocar a mão na massa do *Facebook*. Maria do Carmo entrou com força e coragem, sem desculpas sub-reptícias, nas complexas requisições dos caminhos a percorrer. Foram meses embrenhados nos labirintos dos textos freudianos e lacanianos para deles extrair o sumo capaz de regar o terreno da investigação. Quanto à parte da pesquisa no *Facebook*, pode-se dizer que seu trabalho foi pioneiro. Maria do Carmo passou meses e meses coletando à unha as postagens no *Facebook* a partir das palavras-chave relacionadas às questões do pai.

Digo que o tratamento metodológico foi pioneiro porque poucos tinham à época a energia e a obstinação necessária para o levantamento à mão do grande número de passagens de interesse no *Facebook*. Pouco tempo depois, o trabalho que Maria do Carmo fez à

mão passaria a ser feito por algoritmos de rastreamento temático nas postagens do *Facebook*. Nessa medida, além de pioneiro, o trabalho foi, de fato, amorosamente braçal.

Ademais, Maria do Carmo não se contentava com pouco. A quantas andava o amor frente ao declínio da figura paterna? Essa pergunta ela perseguiu com atenção no olhar e energia nos braços. Descontente com as postagens de água e açúcar daquela época em que o *Facebook* ainda não havia soltado suas garras de discordância e ódios extremados, ela foi buscar, nas camadas mais profundas da rede, sinais que a superfície ocultava.

As descobertas que a autora realizou no seu caminho atento e vigoroso estão neste livro para saciar a curiosidade que a questão proposta pela pesquisa aciona. Não adianta essas descobertas para não tirar do leitor o prazer de ir tendo com elas no decorrer de sua leitura. O que posso adiantar é que tudo que o livro tem a apresentar assim o faz em uma linguagem poética com belo estilo pessoal. Há momentos em que não se pode resistir à admiração diante de verdades que ressoam nos ritmos de uma sabedoria que abre para nós algumas frestas de compreensão acerca da realidade sociopsíquica em que vivemos.

Lucia Santaella
SP, maio de 2021



Resumo:

Esta tese se constitui no estudo sobre os sinais e sintomas relativos à função paterna nas sociedades contemporâneas. Para isso, partiu da hipótese de que essa função apresenta-se em estágio de flagrante declínio que se manifesta em muitos meios de entretenimento como cinema, televisão, como também nas imagens publicitárias etc. Por permitir o acesso direto ao que as pessoas pensam e sentem, o meio de aferição escolhido de como se dá esse declínio foi o *Facebook*, com o objetivo de rastrear as páginas temáticas em busca de dados empíricos que sustentassem a hipótese mencionada. Os fundamentos teóricos da pesquisa foram buscados na psicanálise freudiana e lacaniana já que a função simbólica, no que diz respeito à existência contingente do pai real, determina uma das bases mais fundamentais da clínica psicanalítica. As leituras dos enunciados nas redes, além de ter como pano de fundo os ensinamentos psicanalíticos, tomaram também como base as teorias da semiótica e da arte e tecnologia, de modo a desvendar as simulações e as dissimulações da linguagem da rede social *Facebook*. A análise levanta algumas categorias de convergência dos enunciados tais como o amor e a religião. Essas convergências revelam que a rede social *Facebook* é também um fenômeno cultural criado para driblar o mal-estar na civilização e simular a convalescença do pai enfraquecido libidinalmente. Logo esta convalescença pode ser entrevista nas manifestações de usuários que “postam, curtem, compartilham e comentam” temas que esbarram na função paterna.

Palavras-chave: Pai; Psicanálise; Semiótica; Tecnologia; *Facebook*;

Abstract:

This thesis presents the study of signs and symptoms related to paternal role in the contemporary societies. For this, we started with the hypothesis that this function is in decline that manifests itself in the media and many forms of entertainment such as films, television, and in the advertising images etc. By allowing direct access to what people think and feel. The chosen media for this research was the Facebook. In order to track the thematic and look for empirical to support the hypothesis mentioned. The theoretical foundations of this research were searched in Freud and Lacan. Facebook posts were selected and analyzed. The symbolic function of the real father determines one of the fundamental bases of psychoanalytic clinic. The readings of the statements in addition to the background of psychoanalytic studies were based on the theories of semiotics, art and technology in order to unveil the simulations in the language on Facebook social network. The analysis raises some of the statements in categories such as love and religion. These convergences reveal that the social network Facebook is also a cultural phenomenon created to avoid the malaise in civilization and simulate the father's convalescence weakened libidinally. This convalescence takes place through demonstrations of users who post, like, share and comment. It provides users the conditions for production signs of love. The real sex needs to have surveillance "phantasmatic" look of Facebook Social Network that clings to the password Love, marking human sexuality with an irreducible failure. And showing that sexual difference is the antagonism of the two sexual positions between which there is no common denominator, the enjoyment can only be achieved against a fundamental loss.

Keywords: *Psychoanalysis; Father; Semiotics; Technology; Facebook;*

SUMÁRIO

Introdução.....	25
------------------------	-----------

Capítulo 1

O Pai em Freud.....	33
----------------------------	-----------

O pai como um animal totêmico transfigurado em supereu da cultura.....	36
---------------------------------------------------------------------------	----

O pai como espetáculo.....	47
----------------------------	----

O pai como o próprio enigma da vida humana e da ideia de Deus.....	67
-----------------------------------------------------------------------	----

Capítulo 2

O Pai em Lacan.....	69
----------------------------	-----------

Miroiter.....	70
---------------	----

Atipias da situação familiar.....	73
-----------------------------------	----

Édipo e o desmame.....	77
------------------------	----

A imago e o outro.....	85
------------------------	----

Fantasia de castração: uma defesa narcísica.....	89
--------------------------------------------------	----

A transgressão para o pai é o exemplo do seu triunfo.....	94
-----------------------------------------------------------	----

Capítulo 3

A família-religião na rede social Facebook.....	102
--------------------------------------------------------	------------

Considerações sobre a metodologia da pesquisa.....	103
----------------------------------------------------	-----

Método e objetivo - o longo caminho do desejo.....	104
----------------------------------------------------	-----

Contexto da pesquisa (espaço-informação) – <i>Facebook</i>	105
Público-alvo	111
Análise dos enunciados, rastreados em páginas temáticas no <i>Facebook</i>	111

Capítulo 4

O pai nas redes sociais	128
Análise dos enunciados	130
Primeira categoria: a função do pai religiosa por excelência - página temática	130
Segunda categoria: filhos que odeiam o pai. Página temática	136
Terceira categoria: Menos pai?	139

Capítulo 5

Conteúdos em torno do amor	150
Amor de namorados	153
Amor sexual - em grupos fechados	166

Conclusão	195
------------------------	------------

Referências	203
--------------------------	------------

Sobre a autora	208
-----------------------------	------------

Índice remissivo	209
-------------------------------	------------

INTRODUÇÃO

No início da década de 1960, McLuhan fez a célebre observação de que viver com tecnologias elétricas e mecânicas ao mesmo tempo era o drama peculiar do século XX. O grande drama das próximas décadas vai se desdobrar sob as estrelas cruzadas do analógico e do digital. Como o coro da tragédia grega, filtros de informação vão nos guiar através dessa transição, traduzindo os zeros e os uns da linguagem digital nas imagens conhecidas, analógicas da vida cotidiana. Essas metaformas, esses mapeamentos de bits virão para ocupar praticamente todas as facetas da sociedade contemporânea: trabalho, divertimento, amor, família, arte elevada, cultura, política. Lembra Steven Johnson em seu livro *Cultura da Interface* em 2001.

Todas as facetas citadas nesta célebre observação constituem o tema central desta tese – em que se estabelece a representação da semiose do pai na tríade: família, religião e amor e suas relações paradoxais com a civilização. Por isso McLunhan viu a velocidade elétrica como sinônimo de compreensão das causas. O sistema capitalista rumaria invariavelmente para a crise, revelaria ser o desvairado que era. O ritmo da mudança tornava possível pensar historicamente uma cultura que gostava de se pensar como fora da história. Porém, com os fenômenos da aculturação e da *cibercultura*, o século XX transformou a velocidade tecnológica de uma ameaça global iminente, exponencial – como aquecimento do planeta ou a superpopulação – numa decisão de estilo de vida, de sensibilidade requintada. Porque, segundo Johnson (2001, p. 17-18), “Para que a mágica da revolução digital ocorra, um computador deve representar-se a si mesmo ao usuário numa linguagem que este compreenda.” A própria palavra interface evoca imagens de desenho animado de ícones coloridos e lixeiras que se mexem, bem como os inevitáveis clichês da acessibilidade ao usuário.

A interface como meio de comunicação estava realmente destinada à amplitude e à complexidade da arte genuína, contudo exigia uma nova linguagem para descrever a nova mídia da interface diz Steven Johnson. Santaella, em 2005, apresenta *Matrizes da Linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*, comprovando que o hibridismo das linguagens não só edifica a arquitetura da interface mas também da semiótica por estudar toda e qualquer linguagem como representação do pensamento. Como, por exemplo, as simulações e dissimulações geradas pelo poder da multiplicidade híbrida das culturas e das linguagens nas redes sociais.

Desse modo, é no espaço da arquitetura das redes sociais, ou seja, um espaço fenomenológico onde se dão as relações de identificação e de alteridade que encontramos um lugar privilegiado para investigar o percurso da neutralização do mal-estar na civilização e, em decorrência, a convalescença do pai enfraquecido libidinalmente. Mal-estar como referência ao Édipo, que introduz como essência a função do pai segundo Lacan (1995, p.220-226). “E foi este o grande problema de onde Freud partiu: o que é um pai?” Tanto a pesquisa teórica quanto a análise da pesquisa empírica nas redes da plataforma *Facebook*, que foi por nós explorada, evocam respostas ao leitor sobre esta questão nos capítulos desta tese.

Primeiro capítulo: o pai em Freud, que se apresenta em três ambivalentes dimensões: o *pai primevo* emoldurado pelo mito darwiniano, como macho forte, dono de todas as vontades e senhor de todas as fêmeas. Por isso, temido e admirado. O pai devorado pelos filhos e, paradoxalmente, sinalizador da vitória sobre a morte - o supereu de todos os filhos em potencial - que o elevou às alturas de um Deus-Todo-Poderoso representante das leis morais, sociais e sexuais e da dimensão conflitual do complexo de Édipo. O pai freudiano como espetáculo, oriundo da “negação extrema do grande delito com que teve início a sociedade e a consciência de culpa”

([FREUD, 1913]2013, p. 157). Ou apogeu do Divino metamorfoseado pelas rachaduras do túmulo do tempo. Da ciência e da tecnologia. E das aparições revolucionárias da mulher. O pai como espetáculo constituindo o modelo atual da vida dominante na sociedade – sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos. O dia dos pais, por exemplo, é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no consumo que decorre dessa escolha de triunfal sacrifício. Dessa forma, o consumo atinge a verdade do pai espetáculo. Dentre estes vários fenômenos sociais, associados à internet, destaca-se a rede social *Facebook*, para driblar o mal-estar da cultura e simular a convalescença do pai enfraquecido libidinalmente.

Segundo capítulo: o pai em Lacan é a imago da globalização que anuncia e denuncia a crise psíquica do declínio da função paterna, através da própria teoria psicanalítica ao explicitar a constituição psíquica do sujeito nesse triângulo: mãe-criança-pai. Em que o pai precisa passar pela crescente complexidade da imago da mãe (mulher) e pela imago do irmão (criança ou semelhante): como espelho da psique humana e da sociedade global. Por isso, tanto na teoria lacaniana quanto no *Facebook*, o espelho parece ser uma metáfora, porque o que acontece é uma mudança na percepção do outro. Ou seja, o outro passa a ser percebido com o eu no espelho. Neste sentido os complexos do desmame e de intrusão estão relacionados à imago materna em sua forma fundamental e condicional em que o indivíduo tem que ter reconhecido, de alguma maneira, ele (sujeito), o outro e um objeto para, no momento edipiano, o complexo de intrusão realizar concretamente essa passagem – na qual o Édipo poderá vir a se instalar. Esse salto é feito em um momento em que se cria uma inscrição qualitativamente diferente que vai do quase funcional desmame até o quase simbolizado momento de Édipo. Por isso, o pai lacaniano é uma “animação imaginativa da realidade”.

Terceiro capítulo: família-religião nas redes sociais. O principal objetivo desta pesquisa foi rastrear as páginas temáticas na rede social *Facebook*, em busca de dados empíricos que sustentassem a hipótese de que a função paterna se apresenta em estágio de flagrante declínio. Isso se manifesta em muitos meios de entretenimento como cinema, televisão, como também nas imagens publicitárias etc. Mas o *Face* permite o acesso direto ao que as pessoas pensam e sentem. Este objetivo exigiu uma rede social voltada à socialização virtual e ao entretenimento. Porque driblar o mal-estar na civilização exige um percurso de simulações prazerosas ao usuário. O meio de aferição escolhido para verificar as manifestações desse declínio foi o *Facebook*. Com atenção para os enunciados que esbarram na questão do pai ou de seus sucedâneos. Tendo como pano de fundo os ensinamentos psicanalíticos, as leituras dos enunciados tomaram também como base as teorias da arte, da semiótica e da tecnologia, de modo a desvendar as simulações e as dissimulações da linguagem da rede. A análise levantou algumas categorias de convergência dos enunciados, tais como o amor e a religião. Essas convergências revelaram que o *Facebook* é também um fenômeno cultural criado para driblar o mal-estar na civilização, dissimulando a fragilidade da figura paterna. Tendo como suporte o quadro teórico, os procedimentos metodológicos fizeram o seguinte percurso: a) visita e observação do *site* de relacionamento *Facebook* durante os anos de 2012 a 2015, para extrair manifestações de usuário como elementos constantes para comprovar a hipótese citada acima; b) análise da arquitetura sógnica do *site* e interpretação das constantes ou enunciados, extraídos das postagens de usuários nas páginas temáticas sobre: família-religião tocando a questão paterna. Amor na rede social *Facebook*. O fio condutor da indagação contínua da hipótese buscou os *insights* que pudessem indicar o segredo daquilo que o signo *Facebook* não revela: o que tanto seduz, em todo o mundo, o hábito diário de instigar a felicidade com a aventura do olhar.

Cabe ressaltar que, nas três páginas temáticas rastreadas, priorizadas e analisadas, a família-religião acabou por manifestar-se como sintoma do pátrio-poder imposto a todos os usuários universais. Isto é, o sintoma como alienação do desejo do outro: do desejo de assumir responsabilidade pelas mudanças na família contemporânea. Este sintoma inclui-se numa experiência de sofrimento em discurso constituído, que permite ser reconhecido e localizado em um registro moralmente religioso da família submissa a Deus ou a “A Família como um Projeto de Deus”, segundo as enunciatórias: mulheres ente 25 e 60 anos (perfil religioso). Este discurso tem acentuada relevância, porque parece ratificar que os conflitos sociais e familiares do mundo contemporâneo devem-se à luta de poder entre a sociedade patriarcal (aliada à religião) e a sociedade global. Isto é, a luta da cultura erudita com as demais culturas declinantes do pai (como a cultura de massa, a cibercultura e a aculturação) que parecem denunciar duas ordens sociais e culturais, em que a religião, assombrosamente, nega as transformações na família que saltam aos olhos na realidade. As leituras dos enunciados no capítulo 3 darão conta de evidenciar o acerto desses comentários.

Quarto capítulo: o pai, nas páginas rastreadas na rede social *Facebook*, apresenta-se em três diferentes categorias. Na primeira, o pai é postado e visto como uma metáfora. Ou seja, o pai real se refletindo a uma luz cada vez mais imaginária como descendência real-virtual, eterna no sentido de nobreza simbólica, que se sobressai nos traços de caráter da imago paterna - o ideal dos ideais - através de palavras que vão contaminando a metáfora paterna de tudo que tem sentido de: evolução, progresso, diferenciação, mediação, complexidade, exemplo, heroísmo, guia, mestre, mentor, piloto, comandante, luz, reflexo, semeador, fantasia, proteção, missão divina e espelhamento. Estes significantes do reconhecimento do exemplo paterno evidenciam como o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro. No caso das amostragens, o pai é o Outro: o

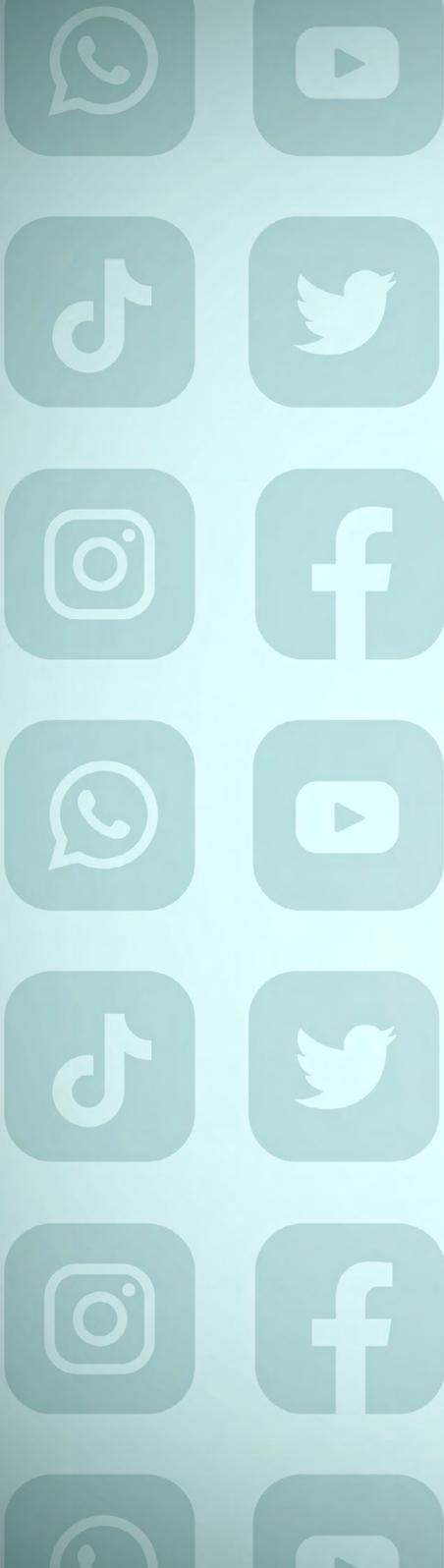
espelho escultor dos filhos, refletido nos pedaços do pai. Ou seja, num transbordamento de manifestações afetivas como uma obediência retrospectiva ao pai morto que se torna mais poderoso do que jamais o fora enquanto vivo. Mais poderoso, também, como testemunha da continuação do mito freudiano na medida em que é o pai morto que impõe retrospectivamente a instituição do interdito do incesto a partir do qual se institui a edificação simbólica do pai a partir do pai primitivo. Edificação simbólica que constitui a pedra angular da função paterna para além de todos os pais da realidade. Por que recorrer, teoricamente, à formação psíquica da criança para se interpretar a acentuação da metamorfose simbólica do pai nas redes sociais? Porque a nova prescrição da criança que irá regular a economia do seu desejo, pois é o desejo de cada um que é sempre submetido à lei do desejo do outro. E é isto que parece espelhar-se na constituição psíquica dos sujeitos usuários nas redes sociais como na segunda categoria: “odeio meu pai”, em que filhos algemados pelo ódio e pelo rancor manifestam o choque com ideal do eu e com o sintoma da morte, isto é, com aquilo que eles têm de mais real: formas de investimento que contribuem para mediatizar a relação fusional da criança com a mãe. Assim, a privação unida ao interdito só pode, enfim, suscitar na criança a representação de um pai frustrador, que lhe impõe ser confrontado com a falta imaginária desse objeto real que é a mãe da qual necessita. Apresentando-se à criança como um hipotético objeto do desejo da mãe, o pai se mostra, aos olhos daquela como um falo rival. Já na terceira categoria: “menos pai”. O pai é o representante das transgressões das normas sociais, morais e linguísticas como sintomas do sofrimento psíquico na contemporaneidade, relacionados aos afetos, às crenças, aos desejos e aos sentimentos.

Quinto capítulo: conteúdos em torno do amor partem da suposição de que o amor é uma categoria de convergência ao declínio da função paterna. As páginas rastreadas na rede em 2014 e 2015 mostram dois tipos de amor: amor de namorados, carregado da herança cultural

e filosófica da Grécia Antiga, que retrata o amor na sua relação intrínseca com a superioridade divina da beleza e do sexo masculino. Um signo dual, indicial de uma eterna demanda de beleza e de felicidade – “eterno amor”. Amor sexual, mediado pelo *marketing* estético de produtos íntimos. Neste sentido, a tela do *Facebook* é o espaço simbólico que instiga um padrão de comparação contra o qual cada usuário pode se medir. Por isso o grande Outro pode ser personificado como um agente único: o Deus que designou o amor como o maior mandamento. Vem daí que toda cultura visual das mídias, com ênfase no *Facebook*, gira ao redor do corpo como sintoma do preconceito revestido pelas linguagens não verbais: sedutoras tentações expressas pelo *marketing* do amor na máscara das faces como o fetichismo da mercadoria, entrelaçando o *Facebook* como uma rede de relacionamento entre pessoas e vitrine publicitária, ditadora da moda vista por uma multiplicidade de olhares. O fantasma é o sentido utilitarista do desejo do corpo. Do corpo-vestido com índices de venda de produtos. Sintomas que calam o corpo e anunciam o mal-estar, como impossibilidade de dizer, de narrar e de nomear. Contudo, a emancipação da mulher, como sintoma do declínio do pai, também, paradoxalmente, atenta-nos para o pai como o determinante inconsciente da senha do amor sexual que o destina ao sucesso ou ao declínio.

Como será melhor explorado no decorrer da tese, o declínio da função paterna acompanha a constituição psíquica do homem. E, parece resultar da fascinação do sujeito pela imagem (mãe) que ele já porta em si mesmo. Como esta imagem inconsciente passa pela instância de alienação interna, a marca desse delírio se estendeu ao universo imagético global e tecnológico. Por isso, o excesso da imagem da mulher nas mídias parece ter provocado a perversidade do “Deus eterno” que acompanha a herança arcaica do pai freudiano, aliado à civilização que dividiu o amor em celeste e em demoníaco, como mostra a pesquisa empírica sobre os conteúdos ao redor do amor. Assim, inconscientemente, para não enxergar a presença

real perturbadora da mulher, criou-se a máscara, o véu para além, revelando-nos, assim, o corpo da mulher como atração do sacrifício, e, por isso, talvez, a rede social *Facebook* e as mídias virtuais sejam as melhores aliadas do homem quando se trata de amor. Mas passemos ao deslindamento detalhado dessas afirmações introdutórias.



1

O Pai
em Freud

O pai, como supereu da cultura, remonta um centenário de paradoxal ambivalência e de inatingível fascínio - do pai primevo no livro *Totem e Tabu* ([FREUD,1913]2013) aos dias de hoje: a sociedade contemporânea do espetáculo (DEBORD, 1992) - essa panorâmica evolutiva cultural circula o enquadramento do pai como um animal totêmico: transfigurado em supereu da cultura e, ao mesmo tempo, como o espetáculo do pai Freudiano.

A imagem do pai primevo, em Freud, vem da conjectura de Charles Darwin, que Freud adotou em 1912, segundo a qual a forma primeva da sociedade humana foi a de uma horda governada irrestritamente por um macho forte. Um pai violento, dono de suas próprias vontades, de todas as fêmeas e de todos os filhos. De arbitrariedade sem limites. Um poderoso entrave às necessidades de poder e às reivindicações sexuais de cada filho. Temido e invejado. Amado e odiado. Por isso, os filhos, ao serem expulsos pelo pai, uniram-se e resolveram matá-lo e devorá-lo. E, assim, acabar com a horda primeva.

Após matá-lo e devorá-lo, o bando de irmãos é invadido por sentimentos ambíguos de afeto, arrependimento e culpa. Como diz Freud, o morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo, tudo como ainda hoje vemos nos destinos humanos. Aquilo que antes ele impedira com sua existência, eles proibiram então a si mesmos, na situação psíquica da obediência a *posteriori*, tão conhecida na psicanálise.

Esse ato criminoso e memorável, ou cerimonial da refeição totêmica, tornou-se mesmo, na prática psicanalítica e na cultura, um cerimonial. Porque não só inspirou Freud a desenvolver a psicanálise, voltada para os laços sociais edípicos da família tradicional: perversa, histórica, psicótica, toxicomânica e toda psicopatologia criada pelo mal-estar edípico, mas também parece que disseminou na cultura o paradoxal protocolo do cerimonial das regras e leis que iriam reger os destinos da civilização ou cultura.

Embora para Freud cultura e civilização sejam palavras sinônimas, ele prefere o nome civilização que, nada mais é do que a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que serve para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si. E que tem como traços característicos, tal como se apresentam nas sociedades humanas, todas as atividades e valores que são úteis para o ser humano, colocando a terra a seu serviço, protegendo-o da violência das forças naturais. Para isso, os primeiros atos culturais foram o uso de instrumentos como o domínio sobre o fogo, a construção de moradias, em que o domínio do fogo se sobressai como realização extraordinária e sem precedente. Isto porque, em *O futuro de uma ilusão* (2011b) Freud diz que, ao amortecer o fogo de sua própria excitação sexual, havia domado a força natural do fogo. Essa grande conquista cultural seria então o prêmio por uma renúncia pulsional.

Com base no exposto, o cerimonial da refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião. E, portanto, passou a representar na psicanálise, na família e na sociedade o protocolo da civilização, pautado na consciência do tabu, provavelmente, como a mais antiga forma que encontramos do fenômeno da consciência. Ou seja, como a percepção interna da rejeição de determinados desejos existentes em nós. E isso se torna ainda mais claro, no caso da consciência de culpa, da percepção da condenação interior dos atos mediante os quais se concretizam determinados desejos como a excitação sexual.

O PAI COMO UM ANIMAL TOTÊMICO TRANSFIGURADO EM SUPEREU DA CULTURA

O pai como animal totêmico ressurgiu desse cerimonial, porque como afirma Freud (2013, p. 12): “[...] totem é um animal comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma planta ou força da natureza (chuva, água), que tem uma relação especial com todo clã”. Mas como esse animal foi transfigurado em supereu da cultura? O supereu da cultura, exatamente como o do indivíduo, institui severas exigências ideais cujo não cumprimento é punido mediante a angústia, afirma Freud, referindo-se ao mal-estar na civilização. O desfecho do ato criminoso do bando de filhos evidencia as severas exigências ideais que não foram cumpridas pelo Eu dos filhos. Aquilo que antes o pai primevo impedira com sua existência, eles proibiram então a si mesmos, na situação psíquica da obediência *a posteriori*. Eles revogaram seu ato, declarando ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram a consequência dele, privando-se das mulheres então liberadas. Porque, para Freud, a necessidade de castigo, é uma expressão instintual do Eu, por influência do supereu sádico que se tornou masoquista, ou seja, emprega uma parte do instinto para sua destruição interna, para formar uma ligação erótica com o supereu.

Por isso, a consciência do tabu é a mais antiga forma que encontramos do fenômeno da consciência, porque se volta contra os mais fortes desejos do ser humano. E a vontade de transgredi-lo continua a existir no inconsciente. Aqueles que obedecem ao tabu têm uma postura ambivalente quanto ao alvo do tabu. A força mágica a ele atribuída remonta à capacidade de induzir em tentação. Ela age como um contágio, porque o exemplo é contagioso e o desejo proibido desloca-se para outra coisa no inconsciente.

Assim, a partir da reconstrução e análise do cerimonial da refeição totêmica, Freud, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* ([1920-1923] 2011a), vai conduzindo a forma como o pai primordial levou os filhos à *Psicologia das Massas* e como essa herança arcaica foi expandindo seu *Mal-Estar na Civilização* ([1930] 2011). Mal-estar este que, sondável, mas insolvente, entrelaçou o processo evolutivo daquele ato simbólico no indivíduo, na cultura e no próprio Freud, como psicanalista dessa trama trágica que enreda a civilização até hoje.

Evidenciando a relação ambivalente do amor paterno, característica fundamental, pelo fato da corrente positiva de desejo ser inconsciente e, por isso, abrir caminhos para outros vínculos e possibilidades de explicação. Afirmando que os processos psíquicos do inconsciente não são nada idênticos àqueles que, conhecidos de nossa vida psíquica consciente, gozam de algumas liberdades, que foram subtraídas àqueles. Um impulso inconsciente não precisa ter surgido ali onde o vemos aparecer. Pode vir de outro lugar, ter-se ligado originalmente a outras pessoas e relações e, através do mecanismo do deslocamento, ter chegado ali onde nos chama a atenção. Graças à natureza indestrutível e incorrigível dos processos inconscientes de épocas remotas, aos quais era apropriado. Também pode ter sobrevivido em épocas e circunstâncias posteriores, em que suas manifestações devem parecer estranhas.

Assim, a partir daquele cerimonial, a consciência de culpa tornou-se uma guarnição poderosa e aliada à civilização. Porque, ao saber que a consciência exerce uma atividade censória, uma das funções própria do supereu, ou seja, de vigiar e de julgar os atos e intenções do eu que o agressor é vigiado por uma instância jurídica no seu interior - a cultura passou a controlar, enfraquecer e a desarmar o perigoso prazer que o indivíduo sente em agredir por meio desse instrumento psíquico. Também para Freud, a consciência de culpa, produzida pela cultura, pode não ser reconhecida como tal, mas, em nível inconsciente, vem à luz como um mal-estar, uma insatisfação para a qual se busca outras motivações.

Dessa forma, estabelecendo relações entre *Totem e Tabu*, refeição totêmica (2013), e *supereu* (2011), fica evidente que a agressividade dos filhos contra o pai foi introjetada, internalizada, mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, para os próprios filhos, onde se dispôs a exercer contra os Eus a mesma severa agressividade que os Eus satisfizeram no pai. E, assim, a consciência de culpa se manifestou como necessidade de punição.

Como se vê a cultura é um processo especial que se desenrola na humanidade, a serviço de Eros, que pretende juntar os indivíduos isolados: famílias, depois etnias, povos e nações numa grande unidade, a da humanidade, ao mesmo tempo, esse programa se opõe ao instinto natural de agressão dos seres humanos, à hostilidade de um contra todos e de todos contra um. Esse instinto de agressão é o derivado e representante maior do instinto de morte que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo.

Eros e o instinto de morte, uma parceria que contrapõe a figura do pai na ambivalência do amor e ódio tal como naquele ato memorável e criminoso em que os impulsos afetuosos estão até hoje a ele subjugados e por eles comandados. Assim, submerso aos temores e às punições impiedosas do supereu, ou seja, à sua própria natureza psíquica indomável, à prepotência da natureza física, à fragilidade do corpo e à insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade, o homem se curva ao desamparo infantil, à nostalgia do pai despertada por ele e, principalmente, ao medo ante o superior poder do destino. Diante de tudo isso, só o amor pode inspirar o modelo da busca da finalidade da vida: da busca da felicidade segundo Freud.

Nesse encontro efêmero da busca da felicidade e do amor vem à luz a beleza prudente e próspera da formação da família, culturalmente, sob a contradição de dois pilares: o desejo de satisfação genital e a necessidade de trabalho estável. Contradição esta que introduz o amor

como um ingrediente do mal-estar na civilização. Isto porque, se, para Freud, a descoberta de que o amor sexual (genital) proporciona ao indivíduo as mais fortes vivências de satisfação, dá-lhe realmente o protótipo de toda felicidade e coloca o erotismo genital no centro da vida, a formação da família de direito desviou, assustadoramente, o sentido freudiano de amor sexual. Pois, para Freud:

É de supor que a formação da família se relacionou ao fato de a necessidade de satisfação genital não mais se apresentar como um hóspede, que surge repentinamente e após a partida não dá notícias por muito tempo, mas sim estabelecer-se duradouramente como um inquilino. Assim o macho teve um motivo para conservar junto a si a mulher ou, de modo mais geral, os objetos sexuais; as fêmeas, que não queriam separar-se de seus filhotes desamparados, também no interesse delas tinham que ficar junto ao macho forte (FREUD, 2011, p. 43-44).

Nessa visível contradição cultural do amor sexual (genital) que surge repentinamente como um hóspede e se transforma em necessidade de satisfação genital para estabelecer-se duradouramente como um inquilino, a meu ver, muda tudo na estrutura psíquica do amor na expressão freudiana do homem como um ser para o sexo. Com base no desenvolvimento das três categorias fenomenológicas peirceanas: primeiridade, secundidade e terceiridade - na formação da família, a primeiridade que deveria se apresentar como uma qualidade do desejo do amor genital do homem pela fêmea e, como um sentimento maternal, da mulher pela criança, gerada por ela, parece aí se acenar para o conceito de admirável em Peirce: como algo que toda alma vagamente deseja e muito mais vagamente percebe também a razão por que a ética, como a ciência da ação ou conduta, recebe da Estética seus primeiros princípios.

Todavia, o despertar do acaso, sentimento, sugestão, indeterminação, hipótese, isto é, a pura qualidade da efemeridade do desejo, ao se transformar em necessidade: dualidade conflituosa do

amor sexual genital *versus* trabalho, traz à luz a secundidade. Ou seja: a relação de um determinado fenômeno com outra coisa. Uma etapa fenomenológica que corresponde ao modo de conflito da experiência, marcada por características como: dualidade, ação e reação, conformação, existência, resistência, atualidade e, especialmente, o conflito que Peirce explica como a ação mútua de duas coisas sem relação com um terceiro, ou *medium*, e sem levar em conta qualquer lei da ação. Como, por exemplo, na formação da família em que o amor passa de desejo para necessidade de unir o macho à fêmea, mais a compulsão ao trabalho estável. Assim como a mulher não dispensava a criança que saíra dela mesma, e o macho trabalhador.

Considerando, ainda, as categorias, fica evidente que os conflitos que habitam a trajetória do pai até hoje, constituíram-se no instante desse contrato ambivalente do amor sexual com a família e o trabalho. Isto porque, o mundo mênada, por onde transita a imprevisibilidade do amor como acaso e sugestão de um sentimento indeterminado, originalmente fora do tempo, passa a ser controlado pelo tempo do trabalho estável, como um esforço para resistir duradouramente o trabalho e a família – características da secundidade que são caminhos, pistas do desprazer que conduz à representação, à continuidade, à generalidade e à abertura para a interpretação, como marcas teóricas da terceiridade: suporte da lei que estabelece o poder dessa comunidade família como Direito, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como força bruta. Passo cultural decisivo.

Para dissimular a servidão do amor ao trabalho e à família, estáveis, a cultura se valeu da religião que logo elegeu um velho-novo ingrediente: o amor inibido na meta. Não só para amenizar o choque brutal desse conflituoso encontro: amor sexual, família e religião, mas também para vigiar, controlar a mina instintiva do amor sexual, remanescente do ato criminoso e memorável: o cerimonial da refeição totêmica – motivado pelos ciúmes sexuais entre o pai primevo e os filhos.

E, assim, a vitória sobre o pai ensinou aos filhos que uma associação pode ser mais forte que o indivíduo. A cultura totêmica baseia-se nas restrições que eles tiveram que impor uns aos outros, a fim de preservar o novo estado de coisas. Para eliminar os conflitos, o amor, efêmero por natureza, se fixou na família de direito e na religião.

Esse jogo cultural de simulações e dissimulações na formação da família, revela algo além da necessidade de satisfação sexual direta, vinculada à necessidade de trabalho estável: a criação de uma terceira necessidade que se sobrepõe às duas primeiras: a necessidade da plenitude de poder do pai, ou seja: a necessidade de deus. Por isso, contrariando Freud, é fácil entender como essa cultura pode não tornar felizes os que dela participam.

Para esclarecer o obstáculo da cultura à felicidade, o entendimento desta confissão Freudiana, em *O Mal-Estar na Civilização* (2011, p. 16) é de sublime sabedoria: “[...]eu não saberia indicar uma necessidade vinda da infância que seja tão forte quanto a de proteção paterna”. Freud refere-se à necessidade, tipicamente masculina, e que se harmoniza bem com o complexo de Édipo, explicado por Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* ([1920-1923]2011a) como os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo: duas identificações do menino, psicologicamente diferenciadas, com o pai e com a mãe. O filho, ao perceber o pai como um obstáculo entre ele e a mãe, adquire uma tonalidade hostil que se torna idêntica ao desejo de substituir o pai também junto à mãe. Pois, desde o início, a identificação é ambivalente. E, pode tornar-se tanto expressão de ternura como de desejo de eliminação. Comporta-se como um derivado da primeira fase, a fase oral da organização da libido, na qual o indivíduo incorporou, comendo, o objeto desejado e estimado.

Por outro lado e ao mesmo tempo, o menino começou a empreender um verdadeiro investimento objetual direto na mãe, do tipo por apoio. As duas ligações afetivas coexistem por um tempo,

sem influenciar ou perturbar uma à outra. Com incessante progresso na unificação da vida psíquica, terminam por se encontrar, e desta confluência surge o complexo de Édipo normal.

Com base na explicação acima, a hipérbole dessa confissão: “eu não saberia indicar uma necessidade vinda da infância que seja tão forte quanto a de proteção paterna” (FREUD, 2011, p. 16) carrega, a meu ver, não só a convivência com o complexo de Édipo, mas também a fortaleza do pai de forma ambígua. Porque, considerando o contexto, proteção paterna pode significar proteção aos pais das comunidades totêmicas que não estão mais sob o jugo de um só pai de arbitrariedade sem limites (mas não podem viver sem ele). E pode significar, ainda, proteção paterna ao desamparo da criança que, devido à sua fragilidade, necessita da proteção de um pai, para garantir-lhe a sua sobrevivência não só afetiva, mas também física e social por meio do trabalho estável. E, para exceder mais ainda essa carência: a proteção do pai a que todos ansiavam era uma tentativa de expiação muito mais séria do que o velho contrato com o totem. Como Freud enfatiza em *Totem e Tabu*, referindo-se ao assassinato do pai primevo.

Diante de tudo isso, que felicidade é capaz de predominar quando o princípio do prazer é uma simulação orquestrada pelo princípio da realidade, que amplia universalmente o seu poder com o trabalho sutil e soberano da religião?

Segundo Freud, com a introdução das divindades paternas, a sociedade sem pai converteu-se gradualmente naquela organizada de forma patriarcal. A família era uma restauração da antiga horda primeva, e devolvia aos pais uma boa parcela dos seus direitos de antes. Houve pais novamente, mas as realizações sociais do clã fraterno não foram abandonadas, e a efetiva distância entre os novos pais de família e o ilimitado pai primevo da horda era grande o suficiente para garantir a continuação da necessidade religiosa, a conservação do insaciado anseio pelo pai.

Parece que esse desacordo do amor sensual com a família e com a religião explica a onipresença da agressividade e destrutividade erótica e não erótica que tomou conta do mundo. E, talvez por isso, há muito tempo, o erotismo genital esteja sendo colocado muito mais no centro da morte do que da vida. Haja vista a surpreendente quantidade de mulheres mortas pelos seus parceiros a cada dia que passa. Isso porque, segundo *Le Bon* via Freud (2011a, p. 24), “[...] o homem massificado age com o ímpeto da massa que o faz descer vários degraus na escala da civilização. Tornando-se um instintivo e, conseqüentemente, um bárbaro”. Para Freud, esse contágio acompanha o inconsciente, porque o âmagão de *Eu o Id (Es)* a que pertence a herança arcaica da alma humana, é inconsciente. Também o reprimido inconsciente resultou de uma parte dessa herança. Por isso, gerar filhos, abandonar as mulheres e torturá-las, além de exibí-las no espetáculo de escândalos: os holofotes da audiência da sociedade de consumo, são atos que denunciam a espontaneidade, a violência, a ferocidade, e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos.

Neste sentido, o contágio acompanha não só o inconsciente, mas também a cultura que, como já foi exposto, obedece ao impulso erótico interno, que a faz unir os homens em uma massa intimamente ligada e só pode alcançar esse fim mediante um fortalecimento cada vez maior do sentimento de culpa. O que teve início com o pai se complementa na massa. Portanto, a luta entre Eros e Instinto de morte caracteriza não somente o processo cultural que se desenrola na humanidade, mas também se refere ao desenvolvimento do indivíduo e desvenda, além do mais, o próprio segredo da vida orgânica, porque, como diz Freud, o processo cultural da humanidade e o desenvolvimento do indivíduo são também processos vitais e, portanto, participam da característica mais ampla da vida.

Paradoxalmente e ainda tendo em vista a refeição totêmica e sua repercussão cultural - o amor, o sentimento de culpa e a figura do

pai também caminham juntos - por isso, o amor que criou a família - célula germinal da civilização - se opõe aos interesses da cultura. E a cultura ameaça o amor e as mulheres, ao atribuir aos homens fins culturais elevados e ao designar a mulher, apenas como recuperadora da libido do homem. E assim, renegada ao segundo plano pelas solicitações da cultura, as mulheres adotam uma atitude hostil frente a ela, comprovando, assim, que a necessidade sexual não une os homens, mas os divide. O bando de irmãos, como vimos, aliaram-se para vencer o pai, mas eram rivais uns dos outros no tocante às mulheres. Cada um desejaria, como o pai, tê-las todas para si, e na luta de todos contra todos a nova organização sucumbiria. Nenhum era tão mais forte que os outros, de modo a poder assumir o papel do pai. Assim, os irmãos, querendo viver juntos, não tiveram alternativa, senão instituir a proibição do incesto.

Dessa forma, a participação do amor sexual está na gênese da consciência e na fatídica inevitabilidade do sentimento de culpa, isto porque, a ampliação do âmbito de cultura se dá com a restrição da vida sexual, tendo em vista que a primeira fase cultural, a do totemismo, já traz consigo a proibição da escolha incestuosa de objeto, as mais antigas e importantes proibições do tabu que são as duas leis fundamentais do totemismo: não liquidar o animal totêmico e evitar relações sexuais com os indivíduos do mesmo totem que são do sexo oposto. Para Freud, talvez a mais incisiva mutilação que a vida amorosa humana experimentou no curso do tempo.

Mesmo que o amor plenamente sensual e amor inibido na meta possam ir além da família e estabelecerem novas uniões com pessoas antes desconhecidas, Freud divide-o em dois tipos: O amor genital à formação de novas famílias. E o amor inibido na meta: sentimentos positivos entre pais e filhos. E relações de amizade e ternura. Este tipo de amor foi, na origem, amor plenamente sensual, e ainda o é no inconsciente humano. Todavia, a libido inibida na meta apresenta em

Freud um exacerbado mal-estar, ou seja, causa a ele um extremo fator de perturbação, devido a uma das chamadas exigências ideais da sociedade civilizada. “Ama teu próximo como a ti mesmo”, conhecida universalmente, sem dúvida mais velha que o cristianismo, que a ostenta como sua mais gloriosa reivindicação.

A indignação de Freud, em relação à frase citada, diz respeito ao sentido de negação desmedida do pendor agressivo do ser humano que ela carrega, ao transformar a maldade sem limites do homem em brandura. E, por isso, Freud faz um questionamento de muitas páginas sobre a maldade do indivíduo, evidenciando as razões pelas quais ele não merece o seu amor. Mas, apenas, sentimentos de hostilidade e até ódio.

Toda essa descarga negativa de Freud contra o amor ao próximo, em *O Mal-Estar na Civilização* (2011a) deve-se, a meu ver, aos sofrimentos e desilusões da Primeira Guerra Mundial e, conseqüentemente, tudo que ele e seus familiares estavam vivendo com intenso sofrimento e que parece justificar o seu abominável descrédito no ser humano. Porque se este forte quinhão de agressividade do ser humano for analisado à luz de toda sua dramaturgia na teoria e na prática psicanalíticas, isso mudaria os argumentos do próprio Freud.

Esta expressão universal: “ama teu próximo como a ti mesmo” apresenta muita coerência cultural. Por ter sido absorvida pela religião que, com esse gesto, reforça o propósito da civilização: manter multidões humanas ligadas libidinalmente entre si. E, paradoxalmente, ainda exercer a vigilância repressiva dessa mesma obra de Eros. Ao menos amar ao próximo não implicará danos aos propósitos da cultura, por estabelecer prêmios para a maldade, como analisa Freud. Ao contrário, inibe a agressividade na evolução do indivíduo, ao mesmo tempo em que abranda o perigo que se oculta internamente em cada Eu, através do exercício de amar o próprio Eu, por identificação amorosa com o próximo. Como expressa a frase dos filhos, referindo-

se ao pai primevo em *Totem e Tabu*: “se o pai nos tivesse tratado como o totem, nós jamais teríamos caído na tentação de matá-lo”.

Amar o próximo é, então, a tentativa de mitigar o vivo sentimento de culpa, de obter uma espécie de reconciliação com o pai da herança arcaica. Para, assim, atender à carência gerada pela fantasia psíquica da criança que espera do pai edípico proteção, cuidado, indulgência. Fantasia esta comum a todos os homens. Portanto, uma generosidade dessa natureza exige compartilhamento tanto ao Eu quanto ao próximo. Enfatizando, assim, o contrato com o pai: no amor-sexual, na família e na religião.

Para realizar esses propósitos, a civilização e a religião se uniram em parceria não só para restringir o amor sexual, mas também para pôr limites aos instintos agressivos do homem, através de métodos que devem instigar as pessoas a estabelecer identificações e relações amorosas inibidas em sua meta, através do mandamento de perspicácia cultural: “Ama teu próximo como a ti mesmo” ostenta como sua mais gloriosa reivindicação – sua força universal que sintetiza o poder do amor numa frase que se tornou *slogan* - não só da massa artificial Igreja Católica, mas também da massa na sociedade de consumo porque, diz Freud (2011a, p. 45): “[...] temos a impressão, se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, por amor a eles”.

Essa constatação de Freud germina num trabalho científico que acompanha o pai da Horda Primeva à Massa, ou seja, da ascensão do indivíduo: o Pai Primevo à ascensão da alma coletiva na massa artificial: Igreja Católica e a sociedade de consumo. Pois, o homem comum entende como sua religião o sistema de doutrinas e promessas que, de um lado, esclarece os enigmas deste mundo com invejável perfeição e, de outro, lhe garante que uma solícita Providência velará por sua vida e compensará numa outra existência as eventuais frustrações desta.

Essa Providência o homem comum só pode imaginar como um pai grandiosamente elevado. Ou seja: novamente, apenas a religião sabe responder à questão sobre a finalidade da vida. Dificilmente erramos, ao concluir que a ideia de uma finalidade da vida existe em função do sistema religioso.

Eis o desequilíbrio da vida na atual sociedade. Pois como se sabe, Eros e o instinto de morte, lado a lado, mantêm o equilíbrio. Porém, o amor passou a ser tabu ou sinônimo de sadismo, instinto parcial da sexualidade, ou seja: a fusão particularmente forte entre o impulso ao amor e o instinto de destruição. E, na sua contraparte, o masoquismo, uma ligação de destrutividade dirigida para dentro com a sexualidade que faz visível e notável a tendência normalmente imperceptível; a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica, que ocupa o devido lugar na interpretação da vida - como constatamos nos dias atuais - a mais cega fúria destruidora, sem propósito sexual, onde se reconhece que sua satisfação está ligada a um prazer narcísico extraordinariamente elevado, pois mostra ao Eu a realização de seus mais antigos desejos de onipotência.

O PAI COMO ESPETÁCULO

E, dessa forma, o instinto de destruição domado e moderado, como que inibido na meta e dirigido aos objetos, proporciona ao Eu a satisfação das necessidades vitais e o domínio sobre a natureza. Porque, segundo *Le Bon*, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (2011, p. 25) “[...] a massa é impulsiva, volúvel e excitável. É guiada quase exclusivamente pelo inconsciente”. Por isso, unida à cultura, obedece a impulso erótico interno, que a faz unir os homens em uma massa intimamente ligada e que só pode alcançar esse fim mediante um fortalecimento cada vez maior do sentimento de culpa. Portanto, a

luta ente Eros e Instinto de morte caracteriza não somente o processo cultural que se desenrola na humanidade, mas também se refere ao desenvolvimento do indivíduo e desvenda, além do mais, o próprio segredo da vida orgânica. O processo cultural da humanidade e o desenvolvimento do indivíduo são também processos vitais, e, portanto, participam da característica mais ampla da vida: desde o enquadramento do pai como um animal totêmico, transfigurado em supereu da cultura até o pai freudiano como espetáculo. Conduzido ao apogeu na longa cena abaixo:

[...] erguido tão acima dos homens que apenas pela mediação do sacerdote se pode lidar com ele. Ao mesmo tempo reis divinos surgem nessa ordenação social, transpondo o sistema patriarcal para o Estado. É preciso dizer que a vingança do pai deposto e novamente entronizado é implacável, o domínio da autoridade está no apogeu. Os filhos submetidos aproveitaram a nova situação para aliviar mais ainda sua consciência de culpa. O sacrifício tal como é então, acha-se inteiramente fora de sua responsabilidade. O próprio deus o exigiu e prescreveu (FREUD, 2013, p. 157).

É, portanto, nesta citação do pai como modelo do espetáculo, que se instaura o Pai Freudiano, em que o signo religião se reinventa na experiência do dia a dia. Desde os primórdios da representação cerimonial da refeição totêmica até a representação em *grafite do Papa Francisco*, visualizada nas ruas de Roma e no *Jornal Hoje* em 29/01/2014.

Considerando ambas representações, é admirável notar como a religião exercita extensivamente um ritual familiar dos conflitos impostos pela natureza psíquica do ser humano nas relações ambíguas de amor e ódio em relação ao pai: de maldade e de generosidade; de consciência de culpa e de arrependimento. Ou seja: a religião, paradoxalmente, alicerça a culpa social, ao mesmo tempo em que redime os pecados advindos do inconsciente por contágio culposo, psiquicamente tramados pelo instinto e pela razão dos filhos sexualmente reprimidos pelo pai. Assim, a religião representa um banquete de supereus, para explicar o ato criminoso

e memorável inconcebível à racionalidade instintiva do homem: matar e devorar o próprio pai.

Dessa forma, arcar com a responsabilidade de uma herança arcaica social de consciência de culpa, desde o pai primordial até os dias de hoje, não tem sido um trabalho fácil, principalmente, para a Religião Católica como massa bastante organizada, duradoura e artificial. Por isso, ela soube aproveitar, em todas as épocas, tanto o sentimento de culpa quanto o medo social e espiritual da perda do amor atrelado à busca da finalidade da vida ou à busca da felicidade.

No sentido artístico, privilegiando a beleza, para Freud, qualidade sensorial peculiar, suavemente inebriante. Ou para Santaella: a arte como necessidade psíquica de sobrevivência. Ambas, para mim, vigentes principalmente, após a morte e bem representadas pela arte tumular desde as Pirâmides do Egito até os Cemitérios de Classe Alta como, por exemplo, o Cemitério da Consolação em São Paulo que cultua, principalmente, as famílias tradicionais, como exemplos: a família libanesa Caufar e o busto do patriarca da família Siciliano entre outras que, pela beleza da construção artística dos túmulos, aproveita para ostentar, em silêncio eterno e sagrado, toda riqueza ou fama que a efemeridade da vida não lhes permitiram viver e mostrar.

Além disso, para encontrar a felicidade no enlevo do homem a Deus, a arquitetura, a exemplo das igrejas góticas, desvia o olhar e a mente dos fiéis: da beleza como atração, originalmente, como característica do objeto sexual para o admirável caminho que leva ao amor e à felicidade, construído e cultuado pelo Cristianismo que, em dois séculos, criou um reino arquitetônico, decorado à semelhança do Reino de Deus.

Assim, desde tempos imemoriais, a Igreja Católica vem ostentando o reino dos signos com a diversidade imprevisível e inebriante de cantos, cheiros, fumaças, luzes, sons, cores, formas,

sendo ela a primeira a usar, com consciência, as linguagens verbais e, principalmente, as não verbais como poder de conquista da alma dos fiéis na vida e na morte.

Segundo a *Revista Arautos do Evangelho* (2010), o esplendor das catedrais góticas, uma das criações artísticas mais elevadas da civilização universal, via o caminho da beleza como um percurso privilegiado e fascinante para encontrar e amar a Deus.

Aquelas catedrais, verdadeira glória da Idade Média Cristã, como síntese de arte e de fé, caracterizavam-se pelo desenvolvimento longitudinal, em comprimento das naves, solidez das paredes expressas, abóbodas em pedra com ogiva e linhas simples e essenciais, para suscitar sentimentos que impelisses as almas a praticar o bem. A introdução das esculturas tinha um caráter educativo. Os pórticos das igrejas românicas representavam Cristo: porta que conduz ao Céu. A arquitetura transportava os fiéis para um espaço e tempo diferentes dos da vida comum.

Assim, o impulso vertical e a luminosidade tencionavam traduzir, nas suas linhas arquitetônicas, a aspiração das almas por Deus. Dos vitrais pintados, uma cascata de luz derramava-se sobre os fiéis para lhes narrar a história da salvação e para os envolver nesta história. Desse modo, as verdades luminosas se encaminhavam para a verdadeira luz, de que Cristo é a verdadeira porta.

E, dessa forma, o caráter artístico e científico alicerça a Religião Católica na Civilização Ocidental. Isto porque o desenvolvimento cultural depende da interação entre expectativa e observação, das ondas de gratificação, desapontamento, conjecturas acertadas e jogadas em falso, que constituem a nossa vida diária. Para Gombrich (2011), ao anotar relações, a mente registra tendências. A história da arte está cheia de relações que apenas podem ser entendidas dessa maneira.

Portanto, a meu ver, foi através da beleza que a religião implantou e difundiu o delírio de massa ou o delírio do espetáculo, através de um grande número de pessoas empreendendo conjuntamente a tentativa de proteger-se do sofrimento e assegurar a felicidade na vida e na morte.

É, também, através desse delírio de massa, que o pai hipnotizador primordial, metamorfoseado pelo poder invisível do capitalismo sob o comando do consumo, hipnotiza todos os pais e os transforma em espetáculos oriundos da vingança do pai deposto e novamente entronizado, que exigiu e prescreveu o modelo do espetáculo.

Por isso, Freud descreve a hipnose como uma massa a dois. Isto significa que, assim como o pai original é o hipnotizador, ele não aparece em nenhum ponto específico, mas está em toda parte, submerso à sugestionabilidade e ao contágio do tabu que impulsiona o indivíduo a recorrer a métodos que, mesmo incompletos, ajudam a mitigar o sofrimento.

É, portanto, a beleza, que nem a cultura nem a religião dispensam, desde a Mitologia Grega à massa artificial da Religião Católica que se estende às grandes metrópoles, onde o pai hipnotizador, articulado intimamente com a performance das mídias, sugere ligações libidinais: essência da massa segundo Freud. Isso se visualizou no espetáculo da *Jornada Internacional da Juventude* com o Papa no Brasil, em julho/2013, da qual 164 países e três milhões de jovens participaram.

Um espetáculo de cinco dias de Jornada que mostrou, incrivelmente, as roupagens do poder centradas, todas, na beleza da fé, comprovando que os fiéis vão à igreja, não somente em busca da salvação no céu, mas também e, principalmente, da salvação de suas necessidades vitais: biológicas, psíquicas e sociais. Precisam de remédios para a cura do corpo e da alma. Esse remédio se resume

numa palavra: beleza. Expressa, principalmente, pelos signos não verbais, selecionados para combinar com as carências dos piores odores de fome de afeto: atenção, amparo, esperança e do pão e do sangue para alimentar o corpo e a alma. Enfim, tudo que constitui o espetáculo da busca da felicidade que remonta à refeição totêmica, ou seja, a festa do paradoxo insolúvel da humanidade que traz à luz os inquietantes, incompreendidos e misteriosos termos-enigmas dessa festa paradoxal: hipnose, contágio e sugestão que manipulam a religião, a família, o amor-sexual e, inibido na meta como peças de um jogo de dissimulações do instinto de morte para enganar Eros. Este, na sua viagem longeva do filósofo Platão, coincide perfeitamente com a força amorosa da libido da psicanálise.

Neste sentido, a característica inquietante da hipnose remete a algo familiar que sucumbiu à repressão, como já foi visto - a exemplo do pai primordial que havia impedido os filhos de satisfazerem seus impulsos sexuais diretos; obrigou-os à abstinência e, por conseguinte, ao estabelecimento de laços afetivos com ele e entre si, que podiam resultar dos impulsos de meta sexual inibida. Seus ciúmes sexuais e sua intolerância vieram a ser, em última análise, as causas da psicologia das massas – a Psicologia mais antiga do mundo – diz Freud.

O que é uma massa, de que maneira ela adquire a capacidade de influir tão decisivamente na vida psíquica do indivíduo, e em que consiste a modificação psíquica que ela impõe ao indivíduo? Para Freud, segundo a psicologia teórica das massas, a resposta deve limitar-se à terceira questão: em que consiste a modificação psíquica que ela impõe ao indivíduo? Freud, observando a reação alterada do indivíduo que fornece o material à psicologia das massas e, passando a palavra a *Le Bon* (2011, p.19-20) diz:

Na massa, acredita *Le Bon*, as aquisições próprias dos indivíduos se desvanecem, e com isso desaparece sua particularidade. O inconsciente próprio da raça ressalta, o heterogêneo submerge

no homogêneo. Diríamos que a superestrutura psíquica, que se desenvolveu de modo tão diverso nos indivíduos, é desmontada, debilitada, e o fundamento inconsciente comum a todos é posto a nu (torna-se operante).

Neste sentido, a massa, por ser anônima e, inconsequentemente, irresponsável, deixa-se facilmente hipnotizar pelo pai consumo sob a sugestão da publicidade, propaganda e *marketing* que, com suas medidas hipnóticas, desperta nos hipnotizados uma porção de herança arcaica, a qual também se harmonizou com os pais espetáculos, devido a essa revivescência individual com o pai primordial que conservou um grau de aptidão pessoal para a repetição de situações antigas. Por que o pai consumo é o hipnotizador? Freud responde:

O hipnotizador afirma estar de posse de um poder misterioso que rouba ao sujeito a vontade própria, ou, o que é o mesmo, o sujeito acredita isso dele. Tal poder misterioso - ainda popularmente chamado de magnetismo animal - deve ser o mesmo que os primitivos veem como fonte do tabu, o mesmo que emana de reis e chefes e que torna perigoso aproximar-se deles. Esse poder o hipnotizador pretende possuir; e como o manifesta, então? Exortando a pessoa a olhar para ele nos olhos; tipicamente, ele hipnotiza pelo olhar (FREUD, 2011a, p. 87-88).

É exatamente no olhar que está o fetiche da sociedade de consumo. Toda ela se fantasmagoriza para atrair e seduzir o olhar do consumidor. Todo o capital do mundo parece se voltar para esse reino fantasmagórico: um reino como extensão do homem às tecnologias resplandecentes nas mídias onde o olho, como sugestão da hipnose, libera imaginações e somatiza o Eu como Eus. Distende e move sensorialidades perceptivas, cognitivas e estéticas.

Para constatar esta performance de hipnotismo pelo olhar, basta observar os internautas imersivos nas telas dos computadores ou dos celulares e nos espaços dos Shoppings Centers. Pessoas que se entregam ao hipnotizador como num sono profundo: ornado pelas

incríveis diversidades de luzes, sons, cores e formas que, mesmo não estando ao alcance interpretativo, tocam uníssonos como *sono* e *sonho* no desejo que nunca se esvanece: o enlevo do estado hipnótico. Esse sono feliz, na sociedade do espetáculo, pode se chamar popularmente dormir acordado. E Freud ratifica essa constatação e análise nas palavras de *Ferenczi*, ao descobrir que, ao dar ordens para dormir, como faz frequentemente ao iniciar a hipnose, o hipnotizador se coloca no lugar dos pais. Logo, ele acreditou poder distinguir duas espécies de hipnose, uma lisonjeira e apaziguadora que atribuiu ao modelo materno, e outra ameaçadora, que derivou do pai.

Por isso, toda a fantasmagoria que estrela e instiga o consumo é ameaçadora porque derivou do pai – encarnado nesse poder invisível que contagia o pós-modernismo, uma vez que, como uma linha de pensamento, questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade, objetividade e progresso ou emancipação universal. Também, como estilo de cultura contemporânea, reflete essa mudança por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, autorreflexiva, divertida, caudatária, pluralista, que obscurece as fronteiras entre cultura elitista e cultura popular bem como entre a arte e a experiência cotidiana.

Em síntese, esse poder invisível nada mais é do que a mudança histórica ocorrida no ocidente para uma nova forma de capitalismo – para o mundo efêmero e descentralizado, imantado na tecnologia do consumismo e da indústria cultural onde predomina a linguagem da subjetividade que, imediatamente, suplantou e suplementou questões de ação e organização política.

Neste sentido, a cultura pós-moderna, por estar constituída pela mobilidade, flexibilidade, ausência de regras e instabilidade, enquanto parte de sua teoria, nivela tudo: coloniza povos, importa novos grupos étnicos para seu mercado de trabalho e, assim, vê-se forçada a estender seus privilégios a novas clientelas e, em consequência de tudo isso, surge toda uma variedade de culturas e técnicas competindo

entre si e que a própria natureza híbrida, transgressiva e promíscua ajudou a criar.

Diante das características desse intrincado poder cultural que, simultaneamente, veste a arquitetura visível do mundo e a dissimulação da herança arcaica do pai como hipnotizador, a questão do olhar do pai carece de questionamento, em se tratando de ameaça. Então surge a seguinte questão: o que aconteceu com o mito científico do pai da horda primordial, elevado a criador do mundo e do ideal de cada filho?

No século XX, as revoluções científicas, tecnológicas, da mulher e suas conseqüentes evoluções contribuíram para o enfraquecimento desse mito arcaico do macho forte, alicerçado pelo trabalho milenar da cultura que, desde aquele mito, dividiu, antagonicamente, a função do homem e da mulher. Ao primeiro, atribuindo tarefas difíceis, que o obrigava a sublimações instintuais das quais, para a civilização, a mulher não era capaz. Pior ainda: a energia psíquica que os homens precisavam para equilibrar a distribuição da libido a ser gasta para fins culturais, na maior parte, iam retirar das mulheres e da vida sexual como já foi visto. Assim, aquelas revoluções e evoluções encontraram o homem despreparado para concorrer com a mulher sexual e mercadologicamente. Pois, o relacionamento social de ambos sempre foi culturalmente antagônico.

Talvez essa depreciação da mulher, criada pela própria cultura, tenha colocado, na história humana, o homem e a mulher como dois opositores. O homem estimado e estimulado pela civilização ao cultivo das atividades psíquicas, das realizações intelectuais, científicas e artísticas mais elevadas, e a mulher servindo de reservatório de libido para o homem.

Apesar das contradições, o século XX, alterou essa imagem preconceituosa imposta pela cultura à mulher. E mostrou, ao mundo, a capacidade, a versatilidade e o poder da mulher em todos os sentidos.

Não só intelectualmente. Mas, como diz Freud (2011a, p. 101) “[...] em todos os mitos substituir o pai é sempre um feito heroico”.

Então, como ficou o mito heroico do pai diante da revolução da mulher? A vida não deu oportunidade a Freud de vivenciar esse outro lado experimental em que as revoluções e evoluções lançaram o homem pós-moderno e, em decorrência, metamorfosearam o pai. De macho forte, na família e na sociedade, independente de todos, principalmente da mulher e dos filhos, de repente, ele cai de improviso numa cena em que lhe falta o trono. Um pai que passa a competir com a mulher e com os próprios filhos no mercado de trabalho e em todas as situações da vida social. Ele desce das alturas do céu e tenta as alturas de um circo, cujas acrobacias ele tem que ensaiar sem escolas e sem instrutores. Anonimamente. Onde a personagem principal pode ser a mulher. Dona de suas vontades, da sua profissão e do seu dinheiro e, ainda, em igualdade com o homem perante a lei, podendo fazer dele, também, a sua reserva de libido.

Também até poderiam trocar libidos sem torturas cruéis, se não houvesse o inexplicável contágio (uma das proibições do Tabu) e a sugestionabilidade de que o contágio é apenas um efeito, segundo *Le Bon* (FREUD, 2011, p. 22):

Referindo-se à sugestionabilidade, *Le Bon* diz que, hoje, o indivíduo, ao ter perdido sua personalidade consciente, obedece às sugestões do operador responsável por essa perda. Por isso, comete os atos mais contrários a seu caráter e a seu costume. Além do mais há provas de que o indivíduo mergulhado há muito tempo no seio de uma massa ativa, logo cai, em consequência de eflúvios que dela emanam, num estado particular de fascinação do hipnotizado nas mãos do hipnotizador. De onde advêm as perdas da personalidade consciente, da vontade e do discernimento. Sentimentos e pensamentos são então orientados no sentido determinado pelo hipnotizador.

Como foi dito, anteriormente, a meu ver, o hipnotizador na sociedade do espetáculo é o consumo. E os olhos que hipnotizam a massa são os *leds* da publicidade, da propaganda e do *marketing* que transfiguram o amor, a família e a religião numa única estrela-guia da finalidade da vida: a busca da felicidade. É esse o reino de todas as luzes e de todas as cores e formatos. Dimensões e tamanhos; incríveis e imprevisíveis que nivelam os homens a mercadorias. Isto porque, na massa, segundo *Le Bon* (FREUD, 2011, p. 22-23):

A personalidade consciente se foi, a vontade e o discernimento sumiram. Sentimentos e pensamentos são então orientados no sentido determinado pelo hipnotizador. Tal é aproximadamente, o estado de um indivíduo que participa de uma massa. Ele não é mais consciente de seus atos. Nele, como no hipnotizado, enquanto certas faculdades são destruídas, outras podem ser levadas a um estado de exaltação extrema. A influência de uma sugestão o levará, com irresistível impetuosidade, à realização de certos atos. Impetuosidade ainda mais irresistível nas massas que no sujeito hipnotizado, pois a sugestão, sendo a mesma para todos os indivíduos, exacerba-se pela reciprocidade.

Assim, como integrante de uma cultura de massa, o pai não é mais aquele macho forte, livre, cuja vontade não carecia do reforço dos demais. E, talvez, a razão dessa inversão de papéis ainda esteja na emancipação feminina, uma vez que a mulher se tornou livre, não somente para escolher seus parceiros como instinto sexual direto, mas também para administrar sua vida particular sem vínculos com os homens. E até ter filhos como produção independente. Dessa forma, ela passou a exibir a característica predominante do macho forte: não carecer do reforço dos demais, neste caso, os homens.

Paradoxalmente, o pai espetáculo se mantém. Traçado sob as linhas de contradições advindas de acordos realizados sem concordância com a vontade dos homens. Mas, encenados por um Poder Invisível – Reis Divinos e Globalizados - mediados por homens descompromissados eticamente com a vida social. Isto porque, com

base na anterior citação freudiana (2013, p. 157), o signo primevo do pai, interpretado sob o signo espetáculo, também é filho, uma vez que foi devorado pelos filhos, exprime a satisfação em favor da mais elevada concepção de Deus: o controle da vida e da morte. Assim, as contradições sociais e morais continuam assumindo a dimensão de um conflito avassalador na vida do homem civilizado, uma vez que na passagem dos homens pela história e pelo coletivo, a cena da derrota do pai, de sua maior humilhação, tornou-se o material para representar seu mais alto triunfo. A importância que o sacrifício adquiriu universalmente está no fato de que oferece ao pai a satisfação pela injúria sofrida, ao mesmo tempo, que perpetua a lembrança do malfeito.

Por isso, o pai espetáculo é a repetição e a celebração daquele ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião. Porque, como já foi dito, representa a tentativa de civilização, mas com resíduos de barbárie como se evidencia nos meios de comunicação de massa: especialmente nos telejornais, nas redes sociais, onde o pai como espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade – sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos. O dia dos Pais, por exemplo, é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção e no consumo que decorre dessa escolha de triunfal sacrifício. Dessa forma, o consumo atinge a verdade do pai espetáculo. Porque, segundo Debord (1992, p. 10):

[...] o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana - isto é, social - como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a negação visível da vida; como negação da vida que se tornou visível.

Mas, a imagem do pai ainda é como na época de Freud? Segundo o próprio Freud (2013, p. 165) “[...] nenhuma geração é capaz de esconder eventos psíquicos relevantes daquela que sucede”. Por essa via de compreensão inconsciente de todos os costumes, cerimônias e

estatutos deixados pela relação original com o pai primevo, também as gerações posteriores podem ter assumido esta herança afetiva. Nesse sentido, a família primeva que inspirou Freud a desenvolver a psicanálise, é a família pai-orientada. A família que constitui o pátrio poder: pai, papa, padre e patrão, onde o pai é a figura central na família e na sociedade. Porque a mãe também está sujeita ao poder do pai. Todos doentes do pai como diz Freud, porque, para ele, o pai tem um lugar no inconsciente. É o Juiz do superego que controla os desejos do sujeito.

Portanto, parece existir uma relação entre a sociedade pai-orientada e a violência generalizada, que tem como agente primordial o sexo masculino. Isto porque, a partir do século XX, a presença significativa da mulher em todos os segmentos sociais e psíquicos, como, por exemplo, o seu lugar de significante na metáfora paterna em Lacan, enfraqueceu o pai libidinalmente no exercício de sua função como pai real, como se verá, mais adiante, na análise empírica do pai nas redes sociais. Assim, o pai, enfraquecido como representante simbólico da lei, perde a noção de limite do certo ou do errado e transgredir o avesso da lei em forma de violência generalizada às mulheres e aos filhos, como sintomas sociais do fracasso da Lei e do desejo do pai vinculado à herança arcaica do pai primevo, questão esta ampliada por Fantini (2009, p. 62):

O impasse contemporâneo relativo a um modelo de suporte à lei simbólica coloca, entre outras, da perspectiva da Psicanálise e da comunicação, o problema da transgressão e da violência. Transgressão pensada aqui não em sua forma mais comum, como violação das leis sociais, mas no sentido mais positivo do termo, como ato capaz de criar uma situação nova, um ato insustentável para o sistema. [...] a violência, enquanto ato social que externaliza a agressividade do sujeito, pode ser vista em sua forma menos perigosa - na imagem -, o que aponta para a lição freudiana de que, em vez de nos confrontar com o real, a imagem violenta serve precisamente como proteção contra esse encontro.

É esse encontro da imagem violenta com o real que, a meu ver, neutraliza o mal-estar do pai na contemporaneidade como o símbolo da desorientação masculina. Como bem visualiza o excessivo número de postagens nas páginas “odeio meu pai” versus “eu amo meu pai” na rede social *Facebook*, que, paradoxalmente, parecem dissimular todos os conflitos e toda barbárie do pai, mencionados nas mídias diariamente.

Nesse sentido, é o olhar do pai, no caso do menino, que ainda o veste de referências. Condição para estruturar-se como sujeito e, assim, estender os sublimes desejos que constituem os dilemas da estética familiar: o ideal e o admirar-se que representam a figura do pai no complexo de Édipo, ou seja: o admirável que faz da família a célula germinal da civilização ou o invólucro da ética, estética, metafísica e semiótica povoando o mundo.

Assim, o desejo e o limite criam o contínuo, isto é, a lei do pai. A tradução de um signo em outros signos como constatada na evolução cultural da família freudiana. Como o princípio do crescimento contínuo do líder da massa que continua a ser o pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita. Porque tem ânsia extrema de autoridade, ou nas palavras de *Le Bon* (FREUD, 2011, p. 30) “[...]sede de submissão”. Por isso, tanto o pai primevo quanto a massa traziam latente a ideia de uma personalidade muito potente e perigosa, ante a qual só se podia ter uma atitude passiva-masoquista, a cuja vontade era preciso se render. E era um grande risco estar a sós com ela - “*cair-lhe sob os olhos*”.

Logo, é esse o espetáculo que não pode ser identificado pelo simples olhar, mesmo que este seja acloplado à escuta. Ele escapa à atividade do homem, à reconsideração e à correção de sua obra. Pois, “[...] Sempre que haja representação independente, o espetáculo se reconstitui”, segundo Debord. (1992, p. 18). E o espetáculo do pai se reconstitui em novo século: XXI – no esplendor da cibercultura -

a partir da comunicação da rede de computadores, da indústria do entretenimento, do comércio eletrônico e de outros fenômenos sociais associados à internet: encurtando distâncias, aproximando culturas e pessoas e gerando uma comunicação sem fronteiras. Tudo isso sob o impacto da aculturação, pois, a cada dia, a cibercultura sofre intervenções de diferentes culturas de todas as partes do mundo, por vários meios e com diferentes finalidades, intensificando o processo da globalização (KEEN, 2012).

Dentre esses vários fenômenos sociais, associados à internet, destaca-se o *Facebook* - para driblar o mal-estar da cultura e simular a convalescença do pai enfraquecido libidinalmente, tal como será constatado, mais à frente, nos capítulos de análise das redes. Isto porque, paradoxalmente e, ao mesmo tempo, a civilização tem de recorrer a tudo para abrandar os instintos agressivos do homem, através de métodos que devem instigar as pessoas a estabelecerem identificações e relações amorosas inibidas em sua meta, restringindo a vida sexual e amando o próximo como a si mesmo. Mandamento este que, embora possa ser contrário à natureza humana original, como justifica Freud, se refletido à luz das teorias referentes à massa e à horda primeva ([1920-1923] 2011) e ao supereu ([1930] 2011), é uma expressão de intensa perspicácia cultural. De fato, “amar o próximo como a si mesmo” - é o *slogan* universal que cria desejos e necessidades libidinais nas pessoas: de se manterem unidas por identificações que preservam os instintos sexuais inibidos em sua meta.

Além do mais, para Freud, esse tipo de amor foi, na origem, amor plenamente sensual, e ainda o é no inconsciente humano. E, por isso, o surgimento de tais ligações afetivas, de início não intencionais, fornece uma via bastante frequentada para a escolha do objeto sexual. Neste sentido, a onipotente e a onipresente permissividade amorosa, inibida e desinibida na meta que, como se verá, manifesta-se no *Facebook*, dribla, também, a culpabilidade latente que norteia o destino do pai primevo à massa, porque parece dissimular os sacrifícios pulsionais exigidos pela civilização, ao mesmo tempo, que

simula o verdadeiro equilíbrio entre os objetivos de preservação do grupo e as reivindicações de felicidade.

Assim, novas e complexas formas de sociabilidade emergem deste fenômeno global em que o social e o tecnológico convergem na cibercultura: um pacto revolucionário, quando os olhos derrotam o paladar e o olfato e se multiplicam em olhares multissensoriais eróticos que amenizam o perigo daquilo que o amor sexual e presencial a dois representa para os propósitos da cultura.

Neste jogo de simulações, o *Facebook* reflete um espelhamento psíquico: o Eu e o outro. Assim, considerando a teoria do supereu, amar ao próximo é uma forma de terapia que desarma o rigor, a severidade do supereu. Deste modo, está ajudando ao outro e a si mesmo, em relação às consequências advindas da intenção e execução da agressividade do Eu ao próximo; como a maioria das doenças psíquicas geradas pela consciência de culpa, a exemplo da histeria, ou seja, do desmedido sofrimento que a falta de afeto e a autopunição trazem para o Eu, como bem mostra o filme: *Freud: Além da Alma*.

O amor a si mesmo, talvez o mais difícil de ser praticado. Tendo em vista um quê da natureza indomável do ser humano: sua própria constituição psíquica. E o jogo da crueldade do supereu. Por isso, é no amar a si mesmo que parece residir todo o trabalho de autoconhecimento e autocorreção da natureza humana, para que o próximo seja realmente beneficiado com o seu amor.

Neste sentido, o amor nasce dessa cumplicidade recíproca, porque, segundo Freud (2011, p. 43-44): “[...] só o amor inspira o modelo da busca da finalidade da vida: da busca da felicidade. Porque aquilo que circula no aparelho anímico é fundamental libido, princípio erótico, incompletude”. Mas, “[...] se o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida está em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo como o microcosmo” (FREUD, 2011, p. 20),

como a hodierna participação nas redes pode driblar o conflito entre indivíduo e sociedade e suas diferentes configurações na vida civilizada?

Em geral, na sua espacialidade atemporal. Pois, as redes sociais exploram o que há de mais sensível no indivíduo: o rosto que hoje prolifera em inumeráveis rostos voláteis. Mesmo assim, envolvido pela simulação de felicidade do amor, o pai nas mídias atuais, parece destinar o pai freudiano para viver sob o jugo do:

- a) pendor agressivo natural;
- b) herança arcaica culposa;
- c) supereu impiedoso;
- d) hostilidade ao trabalho;
- e) medo social da perda do amor.

São atributos psíquicos que intensificam o desprazer que mina o amor a si mesmo, imobiliza o sentimento de qualidade e, conseqüentemente, abre espaço à modificação psíquica que a massa impõe ao indivíduo, como comprovam as características das massas, extraídas do livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu* ([1920-1923]2011), destacadas por Freud:

- A superestrutura psíquica que se desenvolveu de modo tão diverso no indivíduo, é desmontada, debilitada. O inconsciente é posto a nu (torna-se operante);
- A alma coletiva sente, pensa e age de forma bem diferente do indivíduo isoladamente;
- A particularidade do indivíduo desaparece;
- O heterogêneo submerge no homogêneo;

- A prioridade do interesse coletivo reina em detrimento do interesse pessoal;
- O homem só se torna capaz enquanto parte de uma massa;
- A perda da personalidade consciente (obedece às sugestões do operador que a fez perdê-la) comete erros mais contrários a seu caráter e a seu costume;
- Invalidez da vontade e do discernimento;
- Impulsos nobres ou cruéis; heroicos ou covardes são imperiosos;
- Sentimento de onipotência;
- Indivíduo influenciável; crédulo; e acrítico - sem noção do impossível;
- Impulsivo, volúvel e excitável, instintivo (bárbaro). Desce vários degraus na escala da civilização;
- Estado de fascinação do hipnotizado nas mãos do hipnotizador;
- Sentimentos e atos contagiosos.

Se todos os sentimentos e pensamentos do pai, integrante das massas, são determinados pelo hipnotizador, ou seja: pela arbitrariedade sem limites do pai primordial, eis porque o vazio do amor próprio é preenchido pelo amor aos integrantes da massa. Mas a que poder deveríamos atribuir este feito senão a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo? Se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, ele o faz por amor a eles, supõe Freud.

A falta de amor a si mesmo impede a mente de valorizar a memória, através do sentir e pensar o passado, através da autocorreção, para criar o futuro e refletir o presente. Faz com que a relevância desta última

característica em destaque, aliada aos Meios de Comunicação de Massa – como canais privilegiados de disseminação do contágio de todos os atos e sentimentos – deem prioridade ao mal. Mas, segundo Freud, com frequência o mal não é, em absoluto, uma coisa nociva ou perigosa para o Eu, mas, pelo contrário, algo que ele deseja e que lhe dá prazer.

Assim, os Meios de Comunicação de Massa e as Redes Sociais, inclusive, vão acendendo os propósitos anônimos, equiparando todos pelo prazer da execução do mal, conforme já podemos adiantar, como ilustração dos dados de rastreamento que colhemos na rede como na página¹ onde os internautas postam o perfil de um pai:

- Odioso;
- Desamoroso;
- Violento;
- Explorador dos filhos;
- Igual a um verme;
- Ausente;
- Inútil.

Dentre as inúmeras frases, as que mais denotam mal-estar em relação ao pai são:

- Toda noite sonho em ter um pai amigo, mas é só um sonho...
- Conviver com meu pai foi e é meu maior desafio. Conversamos muito pelo pensamento, já que não temos diálogo. Quando estou perto dele me sinto algemado, preso num lugar onde não encontro saída. O rancor e ódio que sinto me deixam doente, me

1 Link: <https://www.facebook.com/pages/odeiomeupai?fref=ts>

matam, me destroem dia após dia. Às vezes tenho vontade de sair correndo, ir embora para um lugar que não sei ainda onde, para fazer não sei o quê...

- Desejo a morte para esse animal do meu pai todos os dias...
- É assim que vejo meu pai, com duas faces. Uma pessoa *boa* para quem é de fora, mas um verdadeiro inferno para nós aqui em casa.
- Senhor Jesus, ouça-me, olha para tudo que está acontecendo em minha casa. Olha como meu pai trata minha mãe. Não nos abandone senhor, eu imploro, em nome de Deus!
- Sim, pode ser chocante pra quem lê; Pode ser comum; Pode ser infantil. Foda-se! Eu odeio meu pai!
- Odeio meu pai, se eu pudesse o mataria.
- Que ódio do meu pai, parece que não me entende e não faz a mínima questão de entender...
- Se espelha no pai do céu porque no pai da terra tá complicado.

Páginas como “te-odeio-pai” exacerbam essa trama dramática cultural arcaica, instigada por um extraordinário aumento da ânsia pelo pai, não só de manifestação de ódio, mas de declaração de amor e de procura que nos remete à família como restauração da antiga horda primeva e à efetiva distância entre os novos pais de família e o ilimitado pai primevo, para garantir a continuação da necessidade religiosa e a conservação do insaciado anseio pelo pai.

Tudo isso parece destinar o pai freudiano a repetir aquela trama psíquica sexual da ambivalência afetiva de cem anos atrás em *Totem e Tabu*. Isto porque o pai em Freud é sujeito de um mundo edípico, isto é, de um mundo que responde a orientações verticais bem-definidas,

com significações hierarquizadas e ideais bem-marcados e, portanto, que se adapta ao relevo social de uma época de identificações constituídas de: pai, pátria, moeda, fronteiras, ou seja, do pai juiz que foi ao superego controlar os desejos do sujeito.

Assim, resistindo ao espaço e ao tempo pós-modernos, “o pai heroico”, delineado pelos objetos como o amor-genital da fêmea e o trabalho estável dos quais resultaram a formação da família – transformou-se também num objeto de manifestações psicológicas dos filhos, isto é, num objeto de consumo paradoxal do prazer e do desprazer que resistem aos propósitos da civilização, pois tudo parece indicar que não encontrou ainda o seu lugar como sujeito pós-moderno – na era da globalização.

Dessa forma, literalmente, o pai como espetáculo é um irresponsável pelo seu sintoma. Pois, segundo Freud (2013, p. 157) o próprio deus o exigiu e prescreveu “[...] a negação extrema do grande delito com que teve início a sociedade e a consciência de culpa”. E, somente desta forma, na história do pai em Freud, ciência e religião prosseguem cúmplices. A ciência psicanálise preocupada em analisar os sintomas do pai na sua evolução histórica. E ambas em busca das razões da felicidade.

O PAI COMO O PRÓPRIO ENIGMA DA VIDA HUMANA E DA IDEIA DE DEUS

Talvez o pai seja o próprio enigma da vida humana “[...] de onde apareceu a ideia de deus” – ideia esta que Freud em *Totem e Tabu* (2013, p. 153), deixa sem resposta. O que se pode afirmar é que o superego é onisciente, onipotente e onipresente, logo se deduz que já exista um Deus dentro de cada ser humano que é o invisível e inatingível

supereu. Mas é cruel e ameaçador demais para o ser humano saber que dentro dele existe um Deus, julgando a si e ao próximo e, sob o qual não há poder que o julgue, a não ser as leis jurídicas, que também são humanas e, conseqüentemente, falíveis.

Assim, a ideia de Deus deve ter aparecido da suposição de Freud de que a mentira do mito heroico culminou na divinização do herói. Talvez o herói divinizado tenha sido anterior ao deus-pai, o precursor da volta do pai primordial como divindade. A série de deuses seria, então, cronologicamente: deusa-mãe, herói e deus-pai. Mas apenas com a elevação do pai primordial, que nunca fora esquecido, a divindade adquiriu os traços que ainda hoje vemos nela.

Vindo explicitamente de Freud, a ideia de Deus apareceu, porque, segundo ele, as ilusões religiosas oferecem a mais forte proteção contra o perigo das neuroses. Isso tudo relacionado à oposição entre os impulsos sexuais diretos e os inibidos em sua meta. O neurótico abandonado a si mesmo, é forçado a substituir as grandes formações de grupo por suas formações de sintomas.



2

O Pai
em Lacan

Em *Os Complexos Familiares* (2008) Lacan apresenta o pai como um fotograma de excentricidade do declínio ao esplendor fantasmagórico. Ambos acessados pela senha do imaginário, que conduz o ineditismo lacaniano na invenção do mais sedutor complexo de intrusão de um século especular: o século XX, que o escolheu como imago de um mundo narcísico, espelhado nas coincidências cronológicas com a biografia intelectual de Lacan:

MIROITER

1967 foi o começo da Escola Francesa de Psicanálise e da Globalização. Esse mundo real - que se abre para Lacan - vai girar em torno da questão da imagem visual, representada no espelho da globalização, acelerado pela sonata tecnológica a soar-visualizar a favorita expressão lacaniana: *miroiter*, que vem da palavra *miroir* (espelho) e que expressa exatamente essa ideia de uma ambiguidade fundamental do perigo, da sedução e de todo movimento efêmero do século XXI.

Tanto que narcísico, no vocabulário lacaniano, quer dizer imaginário, ligado à imagem. E, também, à fantasia de algo que se opõe à realidade. E o objeto narcísico por excelência é a imagem do corpo, unificada, que se origina na identificação especular com o semelhante. Essas fantasias vão ter o seu papel de defesa extremamente valorizado contra esse risco de explosão que é um risco simétrico da fusão, da imagem de um corpo inteiro unificado, que tem um sentido defensivo, que é exatamente o seu sentido narcísico. Por isso, protege o sujeito não só da angústia da explosão, do desaparecimento, da reabsorção no seio materno, mas também da explosão da revolta contra uma sociedade carente de alimentos, habitação, escola, respeito e que, portanto, não legitima o pacto edípico com o sujeito separado da mãe.

A que nos remete o risco da explosão/o sentido defensivo em 1938? Remete-nos à grande crise, à grande depressão dos anos 30. Já nessa época, a sociedade e a civilização estavam ameaçadas pela insuficiência da função do pai, que, de repente, aparece miserável sem condições de suprir a família, em termos alimentares e econômicos. E, por isso, há uma contestação cada vez maior da autoridade do pai, descrita por Lacan como uma figura humilhada, dividida e artificial que declina em importância psíquica, na medida em que a sociedade se torna mais complexa. E o ideal de um pai seguro, forte é uma constatação empírica que cada vez menos os pais são capazes de preencher.

[...] Declínio mais intimamente ligado à dialética da família conjugal, já que se opera pelo crescimento relativo, muito sensível, por exemplo, na vida americana das exigências matrimoniais. [...] qualquer que seja seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica (LACAN, 2008, p. 59).

Ao mesmo tempo, Lacan idealiza o valor simbólico do pai, ao acrescentar que o papel da imago paterna deixa-se aperceber, de modo impressionante, na formação da maior parte dos grandes homens. A sua influência literária e moral, na época clássica do progresso, e os ideólogos que no século XIX lançaram contra a família paternalista as críticas mais subversivas, foram, portanto, marcados por essa mesma família paternalista. Mas um grande número de efeitos psicológicos parecem nos relevar um declínio social da imago paterna. Declínio condicionado pelo retorno sobre o indivíduo de efeitos extremos do progresso social, que se manifesta sobretudo nos nossos dias, nas coletividades mais atingidas por esses efeitos do progresso: concentração econômica, catástrofes políticas.

Parece-me que houve, também, descobertas científicas e tecnológicas que trataram do corpo das mulheres a começar pela contracepção na década de 1950, depois a fecundação *in vitro*, ou seja, fora deste corpo. Sobretudo, a ciência e a tecnologia, com a

invenção dos eletrodomésticos, também, libertaram o corpo da mulher para o trabalho fora de casa e para as seduções e aparições do amor: separações, desquites e divórcios. Livre-escolha dos parceiros e várias formas de construir e reconstruir uma família são fenômenos e contradições dessas revoluções e evoluções, que desembocaram na sociedade global, pós-moderna, a partir de 1960 (HARVEY, 1993).

Visualizava-se uma nova sociedade. Uma nova situação política, econômica, cultural e artística. E quem era o sujeito dessa nova era? A mulher. Determinante das mudanças dos laços amorosos na família, na sociedade e na psicanálise. Assim, o jovem Lacan, sobre os alicerces da linguagem, de sua releitura de Freud e de sua vastíssima experiência clínica, começou a mostrar a psicanálise à semelhança do desenvolvimento do próprio homem: encarnado no desejo da mulher-mãe e fundado e construído na própria receptividade do corpo na miragem do espelho.

Dessa forma, Lacan manteve a psicanálise no estatuto que preserva sua relação com a ciência, distinta do cientificismo, porque o que faz a ligação entre as duas é exatamente o sujeito (LACAN, 1998).

Neste sentido, a crise psicológica do declínio do pai me direciona para o intrincamento de duas hipóteses. A aparição da própria psicanálise e a invenção lacaniana desse incrível e especular complexo de intrusão da imagem do semelhante em que o estágio do espelho é o momento genético. Ou seja, o complexo de intrusão, segundo o meu olhar, nada mais é do que a intrusão da fantasia como o esplendor do mito histórico da figura do pai. Isto é, a promessa do nome-do-pai: o ideal de todos os ideais. Tanto que Lacan, em *Os complexos familiares*, insiste em dizer que:

[...] o complexo de Édipo supõe uma certa tipicidade nas relações psicológicas entre os pais, e insistimos especialmente no duplo papel que desempenha o pai, enquanto representa a autoridade e enquanto centro da revelação sexual: é a

ambiguidade mesma de sua imago, encarnação da repressão e catalisador de um acesso essencial à realidade, que relacionamos o duplo progresso, típico de uma cultura, de certo temperamento do supereu e de uma orientação eminentemente evolutiva da personalidade (LACAN, 2008, p. 86-87).

Ressalta, ainda, que o sujeito forma seu supereu e seu ideal do eu não tanto segundo o eu do progenitor quanto às instâncias homólogas de sua personalidade: o que quer dizer que, no processo de identificação que resolve o complexo edipiano, “[...] a criança é bem mais sensível às intenções que lhe são comunicadas afetivamente pelo progenitor, que ao que se pode objetivar de seu comportamento” (LACAN, 2008 p. 34-35).

ATIPIAS DA SITUAÇÃO FAMILIAR

Assim, uma primeira atipia da situação familiar se define em razão do conflito que o complexo de Édipo implica, especialmente nas relações do filho com o pai. A fecundidade desse conflito reside na seleção psicológica que ele assegura, fazendo da oposição de cada geração à precedente a própria condição dialética da tradição do tipo paternalista.

Neste sentido, para Lacan, o reforço patogênico do supereu no indivíduo se faz de forma tirânica das interdições que ressurgem com a estrutura matriarcal de toda estagnação dos elos domésticos. Os ideais religiosos e seus equivalentes sociais desempenham aqui o papel de veículos dessa opressão psicológica, na medida em que são utilizados para fins exclusivistas pelo corpo familiar e reduzidos a significar as exigências do nome ou da raça.

Já a segunda atipia da situação familiar se define na dimensão dos efeitos psíquicos que o Édipo assegura na medida em que preside a sublimação da sexualidade; efeitos que nos esforçamos por apreender

como uma animação imaginativa da realidade. Toda uma ordem de anomalias dos interesses está referida a ela, o que justifica para a intuição imediata o uso sistematizado na psicanálise do termo libido.

Essa estrutura de involução intrapsíquica corresponde à relação do narcisismo, tal como o definimos geneticamente enquanto a forma psíquica na qual se compensa a insuficiência específica da vitalidade humana. Desse modo:

[...] um ritmo biológico regula, sem dúvida, certos distúrbios afetivos, ditos ciclotímicos, sem que sua manifestação seja separável de uma inerente expressividade de derrota e de triunfo. Da mesma forma, todas as integrações do desejo humano se fazem em formas derivadas do narcisismo primordial (LACAN, 2008, p. 89).

No entanto, como foi visto, duas formas se distinguem por sua função crítica nesse desenvolvimento: a do duplo e a do ideal do eu. A segunda representando o acabamento e a metamorfose da primeira. O ideal do eu substituindo o duplo, ou seja, a imagem antecipadora da unidade do eu, no momento em que esta se acaba, pela nova antecipação da maturidade libidinal do sujeito.

A terceira atipia da situação familiar é a de assegurar a sexualização psíquica, ou seja, uma certa relação de conformidade entre a personalidade imaginária do sujeito e seu eixo biológico: essa relação se acha invertida em níveis diversos da estrutura psíquica, inclusive a determinação psicológica de uma homossexualidade patente.

Lacan, para nivelar o mito de Édipo a tantos outros na história dos povos patriarcais, faz uma referência sociológica:

[...] o fato do profetismo pelo qual Bergson recorre à história, na medida em que se produziu eminentemente no povo judeu, se compreende pela situação eleita que foi criada para esse povo de ser o defensor do patriarcado entre grupos dados a cultos maternos, pela sua luta convulsiva para manter o ideal patriarcal contra a sedução irreprimível dessas culturas (LACAN, 2008, p. 56).

Como ilustração desse fato, recorro à História do pai adotivo de Jesus: São José, o primeiro Santo da Religião Católica, que parece acolher com magnificência a teoria lacaniana no tocante ao Édipo.

Com esta frase, a Revista *Arautos do Evangelho* (2014, p. 13-15) no capítulo: *Elevado a alturas inimagináveis...* descreve com exatidão de fé a regra que elegeu São José, pai adotivo do Menino Jesus, a realização da maior missão da história.

Que missão e que história são estas? Segundo (LACAN, 2008, p. 42-43): “[...] a missão do pai associada à figura da norma, da regra, da lei. Ou seja: a missão da castração - que nem a criança, nem a mãe, nem o duplo especular conseguem fazer. Mas, somente, a função do pai”.

Uma missão de generosa, infinita e inesgotável linguagem, ao lembrar, ainda, neste sentido, as palavras de Deus a Abraão: “Por pai de muitas nações te constitui” (BÍBLIA SAGRADA, Rm 4, 17ª, 1993). [...] Existe, portanto, um nível superior ao natural, ao humano, uma família constituída pela fé e não pelo sangue. Insiste o apóstolo: [...] Assim, será a tua posteridade”.

Eis, nestas duas citações, o vínculo simbólico que supera o de sangue, o carnal. E liga a estabilidade do reino da família à eternidade. Graças aos atributos da imago do pai, a exemplo de São José, eleito por Deus, na Religião Católica, por uma posição de modelo de humildade – a ponto de se considerar indigno de sucesso tão alto e extraordinário. Admiravelmente, íntegro, justo, recatado, desprezioso, disciplinado, trabalhador, impressionante modelo da virtude da confiança e, principalmente: “[...] amante e cumpridor da Lei do Pai. [...] Será pai do menino [...] Ela dará à luz um filho, e tu lhe dará o nome de Jesus. [...] Quando acordou, José fez conforme o Anjo do Senhor havia mandado” (ARAUTOS DO EVANGELHO, 2014, p. 14).

Eis a Grandeza de São José à Luz do Evangelho: ser pai legal de Nosso Senhor, de modo a garantir que o Menino viesse ao mundo

em condições de normalidade familiar, a fim de operar a redenção da humanidade, em uma situação de decadência moral terrível, tal como em nossos dias e, em 1930, quando Lacan constatou o declínio do pai.

Na primeira leitura desta solenidade, extraída do Segundo Livro de Samuel, a Igreja aplica a São José e, sobretudo, a Jesus Cristo as palavras dirigidas pelo senhor Davi, pela boca do profeta Natã. Uma vez garantida a estabilidade de seu trono, Davi tinha grande empenho em edificar um templo para Deus, [...] Por isso, com a bênção divina, ele começou a fazer planos, a reunir material para as obras e preciosos elementos de ornamentação. Certo dia, o profeta Natã lhe fez saber que não seria ele quem levantaria a morada para Deus, mas um de seus filhos: Assim fala o Senhor:

Quando chegar o fim dos teus dias e repousares com teus pais, então, suscitarei, depois de ti um filho teu, e confirmarei a sua realeza. Será ele que construirá uma casa para o meu nome, e eu firmarei para sempre o seu trono real. Eu serei para ele um pai e ele será para Mim um filho. Tua casa e teu reino serão estáveis para sempre diante de mim (ARAUTOS DO EVANGELHO, 2014, p. 12).

“Será ele que construirá uma casa para o meu nome, e eu firmarei para sempre o seu trono real”. Ou seja, a estabilidade do reino da família à eternidade. Como se vê, a exemplo de São José, escolhido por Deus para ser o pai adotivo de Jesus dar-lhe o Nome-do-Pai, uma descendência Real, eterna no sentido de nobreza simbólica, que se sobressai nos traços de caráter da imago paterna.

Escolhemos o exemplo do texto evangélico porque nele se pode perceber que existe no Nome-do-Pai uma descendência Real, eterna no sentido de nobreza simbólica que se sobressai nos traços de caráter da imago paterna e que se firmam dialeticamente na sociedade como exigências da pessoa e da universalização dos ideais.

Lacan pode esclarecer esse processo de escolha de José como esposo da Virgem Maria e pai adotivo do Menino a quem ele, por lei divina, deveria dar-lhe o nome de Jesus:

Nesse processo, duas funções se refletem na estrutura da própria família: a tradição, nos ideias patrícos, de formas privilegiadas do casamento; a exaltação apoteótica que o cristianismo traz as exigências da pessoa. A Igreja integrou essa tradição na moral do cristianismo, colocando em primeiro plano no laço do casamento a livre escolha da pessoa, fazendo assim a instituição familiar dar o passo decisivo para sua moderna estrutura, a saber, o secreto reviramento de sua preponderância social em benefício do casamento. [...] Esse reviramento subversivo e crítico no qual o homem se realiza encontra seu germe mais ativo em três condições da família conjugal. [...] Para encarnar a autoridade na geração mais próxima e sob uma figura familiar, a família conjugal põe essa autoridade ao alcance imediato da subversão criadora. O que traduzem, mesmo para a observação mais comum, as inversões que a criança imagina na ordem das gerações, nas quais ela própria se substitui ao pai ou ao avô. (LACAN, 2008, p. 56-57).

Tudo isso, para realizar mais humanamente o conflito do homem com sua angústia mais arcaica, para oferecer-lhe o campo cerrado mais leal onde ele possa medir-se com as figuras mais profundas do seu destino, para colocar ao alcance de sua existência individual o triunfo mais completo contra a servidão original que o complexo da família conjugal cria: os êxitos superiores do caráter, da felicidade e da criação.

ÉDIPO E O DESMAME

É nesse ponto de esplendor da imago paterna, que o advento do Édipo é preparado pelos complexos do desmame e de intrusão, relacionados ao feminino, onde a imago maternal tem sua forma fundamental e condicional: o indivíduo tem que ter reconhecido, de

alguma maneira, ele (sujeito), o outro e um objeto para, no momento edipiano, o complexo de intrusão realizar concretamente essa passagem – na qual o Édipo poderá vir a se instalar - essa passagem instaladora, essa experiência puramente corporal é traduzida em termos psíquicos. Esse salto é feito em um momento em que se cria uma inscrição qualitativamente diferente, esta vai do quase funcional desmame até o quase simbolizado momento de Édipo. Nesse contexto, o fantasma de castração representa a defesa que o eu narcísico, identificado ao seu duplo especular, opõe ao regresso da angústia que, no primeiro momento do complexo de Édipo, tende a abalá-lo.

Logo, o indivíduo se encontra no final do complexo de intrusão, fundado na imago do semelhante, não só porque tende a afastar o sujeito da imagem materna, protegê-lo contra a reabsorção por essa mesma figura, elaborar essa separação: funções marcadamente defensivas contra o risco da entropia, mas também porque isso leva o indivíduo do seu estado primário de um bicho saído da barriga da mulher, ao estado propriamente humano. Ao estruturar o sujeito na vida psíquica, esse complexo vai encenar o jogo de chegada dessa complexidade crescente do sujeito num espaço de dois interativos momentos: primeiro, a boa estruturação psíquica do sujeito que se dá através da situação do desmame: atração pela imago desestruturadora de uma mãe que suga e é sugada: “[...] um seio para absorver e um seio no qual se absorver”, nas palavras de Lacan (2008, p. 19).

Nessa passagem - preparada pelo complexo do desmame e concretizada pelo complexo de intrusão - Lacan se refere ao eu narcísico identificado ao duplo especular, isto é, à imagem do semelhante projetada no espelho (LACAN, 1998).

A imago do pai precisa passar pela crescente complexidade da imago da mãe (mulher) e pela imago do irmão (criança ou semelhante) para, exatamente, nesta ordem aparecer o Édipo.

Assim, os complexos organizadores no desenvolvimento psíquico denominam os fenômenos que, na consciência, parecem os mais integrados à identidade da pessoa. No inconsciente, são motivados, não são apenas justificações passionais, mas racionalizações objetiváveis. Nesse sentido, o alcance da família como objeto e circunstância foi, ao mesmo tempo aumentado. E Lacan ainda acrescenta: (2008, p. 18) “E o elemento fundamental do complexo é esta entidade paradoxal chamada imago: um objeto. Um ideal. Uma realidade. Ou poder imantador da imago: figuras, imagens”.

Para ele, complexos e imagos revolucionaram a psicologia e, especialmente, a da família, que se revelou como o lugar de eleição dos lugares mais estáveis e mais típicos o que a transformou e fez passar de simples temas de paráfrases moralizantes a observações de uma análise concreta.

Complexos, imagos, sentimentos e crenças vão ser estudados em sua relação com a família e em função do desenvolvimento diferente do instinto. Caracterizando-se de duas formas. Por um lado, se produz como traços tão gerais em toda extensão da espécie. Por outro lado, representa no psiquismo uma função biológica, exercida por um aparelho anatomicamente diferenciado: a lactação.

Assim ao considerar uma deficiência biológica nos primeiros meses de vida e, o homem como um animal de nascimento prematuro, essa concepção explica a generalidade do complexo e que ele seja independente dos acidentes da ablactação: desmame no sentido estrito – que caracteriza a expressão psíquica, a primeira e também a mais adequada, a imago mais obscura de um desmame mais antigo, mais penoso e de maior amplitude vital: aquele que, no nascimento, separa a criança da matriz, separação prematura da qual provém um mal-estar que nenhum cuidado materno pode compensar. Portanto - imago paradoxal - pivô de um conceito do complexo, original pela exclusão de toda referência orgânica. Fenômeno de interrupção da amamentação.

Dessa forma, complexo, para Lacan, é:

[...] todo e qualquer fundamento biológico que, ao defini-lo por certas relações ideais, liga-se, contudo, à sua base material. Esta base é a função que ele assegura no grupo social; e esse fundamento biológico pode ser visto na dependência vital do indivíduo em relação ao grupo. Ou seja, o complexo, unidade básica do psiquismo, não responde às funções vitais, mas à insuficiência congênita dessas funções (LACAN, 2008, p. 16-17).

Segundo meu entendimento, o complexo só ocasionalmente tem uma relação orgânica, quando ele supre uma insuficiência vital pela regulação de uma função social. Este é o caso do complexo do desmame. Essa relação orgânica explica que a imago da mãe se atenha às profundezas do psiquismo e que sua sublimação seja particularmente difícil, o que se manifesta na ligação da criança “às saias da mãe” e na duração às vezes anacrônica desse elo. Todavia, o instinto tem um suporte orgânico e não é nada mais do que a regulação deste numa função vital.

No sentido de melhor elucidar essa nova e crescente organização sequencial dos complexos em Lacan, seguem a enumeração, a definição e a explicação de cada complexo.

Complexo do desmame (LACAN, 2008, p. 19):

[...] é o nome dado a interrupção de um fenômeno corporal da amamentação, convertido em algo mental. Para Lacan, é, ainda, a imago da mãe solícita de completude. E seu fundamental papel está no inconsciente. Porque, diz Lacan, o sujeito vai ocupar a posição de *fa lu* e de objeto privilegiado do desejo da mãe.

Assim constituída, a imago do seio materno domina toda vida do homem. Isto porque no aleitamento, no abraço e na contemplação da criança, a mãe, ao mesmo tempo, recebe e satisfaz o mais primitivo de todos os desejos. Até a tolerância da dor do parto pode ser compreendida como o fato de uma compensação representativa do primeiro dos fenômenos afetivos que surge: a angústia, nascida com a vida.

O que caracteriza essa relação de amamentação é, portanto o traço de completude, de envolvimento, de preenchimento da falha geral. Isto é, há um determinado momento, fisiologicamente, no qual o elemento absorvido se torna insuficiente e é preciso repeti-lo. E a repetição dessa experiência de amamentação é infinita.

Lacan ressalta que, apenas a imago, imprime o desmame congênito do homem no mais profundo do psiquismo e pode explicar a potência, a riqueza e a duração do sentimento materno. A realização dessa imago na consciência assegura à mulher uma satisfação psíquica privilegiada, ao passo que seus efeitos na conduta da mãe preservam a criança do abandono que seria fatal para esta.

A imago, no entanto, deve ser sublimada para que novas relações se introduzam com o grupo social, para que novos complexos se integrem ao psiquismo. Na medida em que resiste a essas exigências novas que são as do progresso da personalidade, a imago, salutar na origem, torna-se fator de morte. Lacan, contradizendo Freud no que diz respeito ao instinto de morte, enfatiza que a tendência à morte, que especifica o psiquismo do homem, explica-se porque o complexo, unidade funcional desse psiquismo, não corresponde a funções vitais, mas à insuficiência congênita dessas funções de onde advém o masoquismo primário onde o sujeito assume a reprodução desse mesmo mal-estar pelos seus primeiros atos de jogo que se refere à história do carretel, do esconde-esconde. Um dos pontos que, segundo Lacan (2005, p. 35):

[...] parece dos mais estabelecidos da teoria analítica é o do automatismo, do pretense automatismo de repetição, cujo primeiro exemplo foi tão bem mostrado por Freud em *mais além do princípio do prazer*. Vê-se como age a primeira mestria: a criança abole seu brinquedo, pelo desaparecimento. Essa repetição primitiva, essa escansão temporal, faz com que a identidade do objeto seja mantido na presença e na ausência.

Lacan, da mesma forma que Freud, afirma que o mal-estar do desmame, isto é da ausência da mãe, é assumido pelos primeiros atos de jogo da criança. Reprodução esta que o sublima e o transpõe. E assim se esboça, diz Lacan, um desdobramento do sujeito que será acabado através da identificação com o irmão. O elemento importante no jogo não é o puxar a mãe para si, mas sim, ser o agente da desapareição da mãe quando ele quer. Lacan interpreta esse momento como representando um momento do masoquismo primário, justamente porque o sujeito, ao mesmo tempo em que finge um sofrimento, sofre. Ou seja, ele se identifica com o seu agressor ao incluí-lo dentro de si.

A saturação do complexo funda o sentimento materno; sua sublimação contribui para o sentimento familiar; sua liquidação deixa traços onde é possível reconhecê-la: é essa estrutura da imago que permanece na base dos progressos mentais que a remanejaram. Para Lacan, ela se caracteriza como uma assimilação perfeita da totalidade ao ser. Filosoficamente, representando: nostalgias da humanidade, miragem metafísica da harmonia universal, abismo místico da fusão afetiva, utopia social de uma tutela totalitária, todas saídas da obsessão do paraíso perdido de antes do nascimento e da mais obscura aspiração à morte: não no sentido biológico, mas a morte como algo de um apetite. Encarnação da morte é a mãe e seu estado fusional, a responsável pelo funcionamento dessa imago é a relação de amamentação. Morrer significa voltar para o seio materno.

A imago da mãe está ligada às profundezas do psiquismo, por isso deve ser sublimada para que novas relações se introduzam com o grupo social. Neste sentido, para Lacan, não existe trauma de separação. Ao contrário, a separação é exatamente aquilo que protege o indivíduo contra esse risco de ser reabsorvido dentro dessa espécie de grande útero, de grande ventre materno.

Cabe ressaltar a ênfase que Lacan atribui ao corte, à interrupção, ou seja, a todos esses poderes benéficos e até messiânicos da separação, da castração e de tudo aquilo que indica intervalo para ele.

[...] com o complexo do desmame: um corpo estranho introduzido é violentamente dentro do psiquismo, processos fisiológicos ligados à amamentação chamados ablactação e que correspondem a este momento evolutivo na vida de todos os mamíferos. No homem, o fenômeno propriamente biológico da interrupção da amamentação é metaforizado, pervertido e deslocado para outro nível - ao contrário do que é ablactação nos outros mamíferos (LACAN, 2008, p. 19-28).

Nesse sentido da caracterização do ego, a instância de relação com o mundo exterior não só cumpre as funções psicológicas superiores: atenção, apreensão, compreensão e inteligência, mas também passa a ser vista como instância de alienação interna já que essa identificação se dá com uma imagem: imagem do próprio corpo da criança – que é a imagem da mãe

Imagem inteira, integrada, total. Equivalente a um contorno gestáltico, completo, porque a criança se encontra em uma etapa de descoordenação motora, chamada por Lacan de prematuração biológica. Ou seja, descompasso entre a imagem que a criança tem de si mesma: realidade intrínseca na qual se encontra esse sujeito, que gera uma identificação extremamente precoce e que se origina de uma maneira muito particular e original: formação do próprio sujeito, ou seja, as relações do ego com suas fontes inconscientes e narcísicas. Para Lacan, (2008, p. 20-21):

[...] a conversão desses fenômenos em experiência de uma psique. No momento de desmame uma tensão vital é resolvida em intenção mental [...]. Traumatizante ou não, o desmame deixa no psiquismo humano o traço permanente da relação biológica que ele interrompe. Por isso, sendo esse estágio anterior ao advento da forma do objeto, não parece que esses conteúdos possam se representar na consciência.

Se, para Lacan, há alguma coisa de profundamente errada com a psique humana, a meu ver, é este descompasso, esta falta latente este desejo de completude entre o equipamento psíquico do ser humano e as exigências - tarefas que a vida psíquica, orgânica e social impõem ao ego e que, paradoxalmente, a própria civilização e cultura tentam preencher; essa falta e remediar o descompasso espelhando naquilo que ele tem de mais vulnerável: o complexo ou traumatismo do desmame que corresponde à insuficiência congênita das funções ou experiências vitais porque, à luz da teoria lacaniana, este excesso de imagens serve para proteger o sujeito contra o risco da entropia e tem uma função marcadamente defensiva e, ao mesmo tempo, evolutiva.

Refletindo sobre tudo isso, na sua parte empírica, esta pesquisa irá ponderar que o mundo próprio a essa fase é o *Facebook* - o mundo narcísico. E neste sentido, os indicadores desta pesquisa empírica no *Facebook*, sobre o declínio da função do pai, apontam para a suposição de que, contemporaneamente, a criação de redes sociais como *Facebook* tentam preencher a falta para defender a própria civilização do risco de explosão contra suas próprias contradições. Porque, como já foi dito, o que caracteriza essa relação de amamentação é o traço de completude, de envolvimento, de preenchimento da falha geral. Isto é, há um determinado momento, fisiologicamente, no qual o elemento absorvido se torna insuficiente e é preciso repeti-lo. E a repetição dessa experiência de amamentação é infinita segundo Lacan.

A minha tentativa de justificar essa hipótese acima exposta acompanha a explanação teórica lacaniana sobre o complexo de intrusão, a partir da constituição psíquica do sujeito. Porque, para Lacan (2008, p. 37), o complexo de intrusão

[...] representa a experiência realizada pelo sujeito primitivo, quando vê um ou vários de seus semelhantes participar com ele na relação doméstica, isto é, na relação com a mãe e quando ele se reconhece como tendo irmãos. Parece-me que o irmão, neste contexto, não é o irmão biologicamente filho do mesmo

casal, mas o fato de poder entrar nessa relação de semelhança com o que ele chama de sujeito primitivo. Isto é, o irmão fornece o modelo arcaico do eu. Quanto mais conforme for esse modelo com o conjunto das pulsões do sujeito, mais feliz será a síntese do eu e mais reais as formas da objetividade. E Lacan enfatiza que, seja como for, é pelo semelhante que o objeto como o eu se realiza: quanto mais pode assimilar de seu parceiro, mais o sujeito conforta ao mesmo tempo sua personalidade e sua objetividade – garantia de sua futura eficácia.

Quanto ao intervalo de idade, Lacan se refere à condição estrutural de semelhança, ou seja, é preciso que haja algum ponto de semelhança entre esses dois que vão se identificar. Sem essas condições de semelhança não pode haver um reconhecimento de um rival ou outro. Quando a criança se encontra com o outro, dentro desse intervalo de idade, existe não só imitação, mas ainda convergência, alternância e adaptação, isto é um fenômeno de inversão e de simetria, simultaneamente, nos gestos respectivos. E toda diferença reside em que a criança vê na outra uma figura em espelho.

No homem, nesse estágio, diz Lacan, a sequência da falta de coordenação prolongada dos aparelhos resulta num estágio constituído afetiva e mentalmente sobre a base de uma proprioceptividade que apresenta o corpo como despedaçado: por um lado, o interesse psíquico se acha deslocado para tendências que visam algum recolamento do corpo próprio; por outro, a realidade é submetida a um despedaçamento perceptivo, cujo caos até suas categorias, espaços, por exemplo, tão díspares quanto as estáticas sucessivas da criança, e que “[...]se ordena refletindo as formas do corpo que fornecem de alguma forma o modelo de todos os objetos” (LACAN, 2008, p. 34-35).

A IMAGO E O OUTRO

Tanto na teoria lacaniana quanto no *Facebook*, parece que o espelho é uma metáfora, porque o que acontece é uma mudança

na percepção do outro. O outro passa a ser percebido com o eu no espelho. Por isso, a imagem no espelho é sempre do eu e do outro. Parece-me que esse olhar no espelho soma dois momentos: primeiro, a identificação com o duplo. Segundo, a descoberta de que a semelhança é especular onde ocorrem dois tipos de identificação: uma que destrói ou ignora outrem. Outra que é uma identificação da qual brota a figura do outro. No espelho o mesmo é o outro. É o domínio do imaginário. É o domínio da rivalidade e da agressividade, vinculada à dimensão do narcisismo, que tem como objeto primordial da agressividade esse outro que é um rival, é a imagem invertida, simétrica, com a qual o sujeito se identifica.

Lacan (2008, p. 33) nomeia esse momento genético de identificação com o estádio do espelho como correspondente “ao declínio do desmame, isto é, ao fim dos seis meses, cuja dominante psíquica do mal-estar corresponde ao atraso do crescimento físico, que traduz essa prematuração do nascimento: fundamento específico do desmame no homem”.

Assim, para Lacan, (2008, p. 35-38):

[...] não existe outrem nesse mundo. Porque a imagem do outro desempenha um papel primário de pura expressividade. Desencadeia no sujeito posturas e atitudes que são semelhantes. Isto mostra que o sujeito não se distingue da imagem, ou seja, é o momento da identificação por excelência.

Lacan também enfatiza que a percepção da atividade do outro não basta para romper o isolamento afetivo do sujeito. Tanto quanto a imagem do semelhante só desempenha seu papel primário, limitado à função de expressividade, ele desencadeia no sujeito emoções e posturas similares, ao menos na medida em que a estrutura atual de seus aparelhos o permite. Na discordância emocional e motora dessa fase, o sujeito não se distingue da própria imagem, que só faz acrescentar a intrusão temporária de uma tendência estrangeira,

chamada intrusão narcísica, que contribui para formação do eu. Antes que o eu afirme sua identidade.

Neste sentido, para Lacan, identificação com o duplo significa percepção de uma imagem una, porém no corpo de uma outra criança. Conseqüentemente, para chegar até a imagem unificada do próprio corpo, é preciso que tenha ocorrido a percepção de uma imagem unificada em outro corpo: o do semelhante. Neste caso, o acesso ao eu passa pela identificação com o outro, logo, a imagem no espelho é, não somente semelhante à da outra criança, mas também é imagem do próprio eu.

O importante neste primeiro momento é a ênfase que Lacan dá à questão do desdobramento do eu, quando ele diz que, na identificação com a outra criança, duas figuras empíricas estão diante da outra, porém cada uma delas representa sozinha a totalidade do processo. Ou seja, não há comunicação entre as duas crianças. E, por isso, o autor elucida que: “[...] não tem outrem nesse mundo” (LACAN, 2008, p. 36).

Isto significa que ou se confunde com essa imagem que o forma e o aliena ao mesmo tempo. Logo, o eu conservará dessa origem a estrutura ambígua do espetáculo manifesta nas situações de despotismo, sedução, exibição, da sua forma a pulsões, sadomasoquista isto é, o desejo de ver e de ser visto, em sua essência, é destruidora do outro.

Para Lacan (2008, p. 29) “Vale dizer que a identificação específica das condutas sociais, nesse estágio do espelho, se funda num sentimento do outro, que só pode ser mal conhecido sem uma concepção correta de seu valor inteiramente imaginário”.

Esta citação lacaniana evidencia que a percepção da forma do semelhante enquanto unidade mental está ligada a um nível correlativo de inteligência e de sociabilidade. Neste sentido, o fenômeno de percepção que se produz no homem desde o sexto mês, surgindo a partir

desse momento sob uma forma inteiramente diferente, característica de uma intuição iluminativa sobre o fundo de uma inibição atenta, revelação súbita do comportamento adaptado gesto de referência a alguma parte do próprio corpo. Antecipando nosso exame empírico do *Facebook*, nele também o esbanjamento jubilatório de energia assinala objetivamente o triunfo do rosto que, em Lacan, se remete:

[...] a reação de interesse que a criança manifesta diante do rosto humano (precoce) desde os primeiros dias e antes mesmo que as coordenações motoras dos olhos estejam concluídas. Esse fato não pode ser destacado do progresso pelo qual o rosto humano assumirá todo o seu valor de expressão psíquica. Esse valor, por ser social, não pode ser tido como convencional (LACAN, 2008, p. 21).

Para Lacan, fantasias do corpo fragmentado são aquelas nas quais os indivíduos veem parte do seu próprio corpo separadas umas das outras. Fantasia esta que é agraciada pelo objeto parcial: o olhar que faz proliferar a própria imagem e a do outro como *flashes* de pura expressividade e, portanto, desencadeia, no sujeito, posturas e atitudes que são semelhantes. Esse é o momento da identificação por excelência, porque mostra que o sujeito não se distingue da imagem. Aquilo que o outro faz, ele também faz, mas sem se dar conta de que ele está respondendo ao outro, isto é, ele está apenas imitando aquilo que o outro faz. Isso será exemplificado nas constantes extraídas da diversidade de páginas temáticas sobre o pai nas redes.

A imago do duplo é a imago de um ideal. Ideal de completude narcísica, logicamente, ideal de completude corpórea na imagem do espelho. Portanto, se introduz com essa ideia de ideal o desejo de coincidir com ele, na memória, e toda uma série de fenômenos vão aparecer em função dessa coincidência.

Com relação a essa ideia de imago e de imagem pela visualidade, Lacan vai usar o termo *narcisismo*, não para conotar qualquer investimento do ego, mas para conotar o investimento de

uma imagem do ego. Imagem que pressupõe um ver e um ser visto. Logo, segundo ele, para que haja uma imagem do ego, é necessário que o ego seja, simultaneamente, objeto e sujeito de si mesmo. Nesse sentido, o *narcisismo* implica um certo tipo de relação consigo mesmo, mas também com a figura do outro. Por isso, para Lacan, narcisismo é um conjunto de identificações com: objetos internos, figuras e imagens (imagos) – plantados na psique (constituição do sujeito). Ele explica que o narcisismo aparecerá em um momento relativamente tardio no processo evolutivo, por serem necessárias operações psíquicas mais complexas e seqüências de identificações contraditórias.

FANTASIA DE CASTRAÇÃO: UMA DEFESA NARCÍSICA

Nas páginas (2008, p. 39-48), referentes ao complexo de Édipo, Lacan analisa as relações psíquicas na família humana e instala o argumento segundo o qual “a fantasia de castração é uma defesa e ela está relacionada ao corpo fragmentado que na fantasia de castração poderia funcionar com defesa, já que ela é, habitualmente, apresentada como uma ameaça, uma violência.

Dois pontos funcionam como apoio para o argumento de Lacan quando diz que a “castração é uma sevícia destinada a mutilar um órgão do macho”.

O primeiro aspecto é o fato de que a castração só pode ser entendida como uma mutilação, na medida que aquilo que vai ser arrancado, cortado, separado for uma parte de um corpo unificado, ou seja, uma imagem unificada do corpo – o que representa um avanço em relação a essas imagens do corpo fragmentado. Isto é, uma unificação pressuposta pela própria imagem, pela própria ideia da castração.

O segundo, refere-se à figuração de um agente externo que viria punir o desejo incestuoso com essa sevícia, com essa violência, de tal maneira que aparece uma terceira figura: o outro ponto da constituição dessa imagem como uma imagem defensiva o que parece não se tratar mais de luta ou de atração entre: de um lado, o filho; de outro lado a mãe, mas sim da representação, da figuração de um agente externo a essa dupla, que vai funcionar como elemento separador e criador de uma distância e de um intervalo entre dois protagonistas do drama.

No “Complexo de Intrusão”, (LACAN, 2008, p. 27-38) refere-se à figura do *rival* que, naquele momento, é confundido com o objeto do ciúmes entre o irmão mais novo e irmão mais velho: “um objeto (de ciúmes) e outro o rival”. Nesse caso, o afeto se dirige para essa figura que concentra em si essas duas determinações, esses dois atributos. Assim para Lacan, o ciúme humano se revela como arquétipo dos sentimentos sociais, porque ele forma o seu objeto mais do que o determina e, por isso se distingue da rivalidade imediata. Esse complexo fraterno, na invenção de Lacan diz respeito exatamente a esse momento da intrusão do espelho e do ciúme e está relacionado com o tema do narcisismo. Ele diz, como já vimos, que a imagem de si se forma a partir da imagem do semelhante. Ou seja, no sentido de que pode ser uma outra criança ou um outro rosto humano e, portanto, só pode tratar-se de uma relação narcísica.

Ainda em relação ao ciúme, Lacan esclarece que o eu, assim concebido, não encontra antes dos três anos sua constituição essencial, ou seja, a objetividade fundamental do conhecimento humano. Por isso, incrivelmente, retira sua riqueza e seu poderio da insuficiência vital do homem em suas origens. Dessa forma, o simbolismo primordial do objeto favorece tanto a sua extensão fora dos limites dos instintos vitais quanto sua percepção como instrumento. Sua socialização pela simpatia ciumenta funda sua permanência e sua substancialidade.

Fica claro com isso que o pai vem normalmente substituir o quadro do duplo, isto é, do semelhante, onde o eu se identificou primeiro e pelo qual ele ainda pode se confundir com o outro. Assim todo o lado da identificação com o semelhante, isto é, a fase do espelho funda-se exatamente nessa possibilidade de uma identificação que é transitiva. Eu sou o outro e o outro sou eu.

Neste sentido, talvez a grande aquisição do complexo de Édipo seja exatamente a divisão dessa figura em duas figuras independentes: a do rival por um lado e a do objeto do desejo, por outro lado.

Nessa linha de pensamento, o lugar do objeto do desejo vai ser ocupado pela mãe, pelo seio no qual vai se absorver segundo Lacan. E a figura do rival vai ser ocupada pelo pai. Isto quer dizer que a oralidade só vai se constituir como tal no momento em que surge a nostalgia do seio.

Quer dizer, ainda, que não basta ter parado de mamar para ter saudade do seio, mas sim, é preciso que um processo psíquico venha localizar esse seio como fazendo parte das propriedades de um outro. Porque o seio vai aparecer como um objeto perdido no momento em que o sujeito se dá conta não só de que ele não está mais ali, mas também de que ele pertence a um outro. Segundo meu entendimento, esse outro carrega total ambivalência, porque pode ser tanto o seio da mãe quanto o seio do pai, ou melhor, o dono fantasmático do seio. A nostalgia do seio dá lugar à nostalgia do todo e da fusão. Portanto, é a nostalgia do seio que define a reestruturação dessa experiência do desmame pelo complexo de Édipo.

E para enfatizar esse esquema de rivalidade, Lacan acentua que: “[...] o progenitor do sexo oposto aparece à criança ao mesmo tempo como o agente da interdição sexual e como exemplo da sua transgressão” (LACAN, 2008, p. 40).

E acrescenta:

A imago do pai concentra a função de repressão com a de sublimação; mas este é o resultado de uma determinação social, a da família paternalista. Esse duplo processo tem uma importância genética fundamental, pois permanece inscrito no psiquismo em duas instâncias permanentes: a que recalca se chama o supereu. A que sublima, o ideal do eu. Elas representam o acabamento da crise edípica (LACAN, 2008, p. 39-43).

Essas imagens reproduzem a imago do progenitor do mesmo sexo, o ideal do eu, contribuindo, assim, para o conformismo sexual do psiquismo. Mas a imago do pai teria, nessas duas funções, um papel prototípico em virtude da dominação do sexo masculino. Lacan esclarece:

Ora, o material da experiência analítica sugere uma interpretação diferente; a fantasia de castração é, com efeito, precedida por toda uma série de fantasias de despedaçamento o corpo que vão, regressivamente, da deslocação e do desmembramento, passam pela *eviração*, pelo *eventramento*, chegam até à *devoração* e ao *amortalhamento* (LACAN, 2008, p. 48, *grifos nossos*)

O complexo de Édipo, ao mesmo tempo em que marca o ápice da sexualidade infantil, também é o móvel da repressão que reduz suas imagens ao estado de latência até a puberdade; se ele determina uma condensação da realidade no sentido da vida, também é o momento da sublimação que no homem abre sua extensão desinteressada para essa realidade.

O que se deduz ainda dessa ênfase, é o fato de que a identificação com o pai, é na verdade, uma forma de identificação com o agressor. Ideia essa que retoma a linha do “Luto e Melancolia” em Freud, que mostra essa identificação se fazendo com o objeto perdido. Ou seja, tendo perdido o objeto, o eu dá um jeito de fazer com que essa perda seja compensada ou magicamente anulada através de uma identificação com esse objeto que é então transformado num traço de caráter. O que não deixa de ser uma identificação complexa,

porque o objeto que é perdido é, também, um objeto agressor e mau, exatamente porque o abandonou.

Para o realce da beleza desse paradoxo, Freud expressa: a sombra do objeto caiu sobre o eu o que implica numa aquisição. Em uma propriedade do eu. O eu, de alguma forma compensa ou limita os efeitos desastrosos dessa perda, construindo em si mesmo, uma espécie de monumento funerário a esse objeto perdido, que é rígido dentro do eu, através da identificação.

Retomando e citando a originalidade da identificação edipiana em Lacan ao dizer que não é, no entanto, suficientemente sublinhado que o objeto de identificação seja o objeto do desejo, mas aquele que a ele se opõe no triângulo edipiano. Porque é bem a preparação das vias do seu regresso futuro que representa na consciência o ideal do eu. O ideal do eu é esse que está fundado sobre o pai.

Dessa espécie de cruzamento das identificações, Lacan mostra que a figura do pai é muito apta a operar, na relação mãe/filho; filho/mãe. Uma cisão, uma separação, na medida em que ele mesmo – figura do pai – já é habitada por uma separação interna. Assim, ao contrário das figuras anteriores: maciças, inteiriças, a *imagem do pai* é marcada desde o início por espécie de distância entre dois dos seus atributos que são atributos decisórios dela e que Lacan chama de dois aspectos:

Primeiro, agente da interdição sexual. E, portanto, origem do superego. Segundo, agente da transgressão dessa proibição. Portanto, figura do ideal do ego. Conceitos estes que Lacan, cuidadosamente, diferencia de ego ideal. Para Lacan, o ego ideal vai funcionar como uma espécie de polo de atração para trás. Ele é um índice de regressão, enquanto o ideal do ego é alguma coisa que faz avançar para frente, na medida em que ele suscita e mobiliza o desejo de coincidir com ele. Logo ele funciona como uma espécie de motor do trabalho psíquico, de tudo que tem sentido de evolução, progresso, diferenciação, mediação, complexidade. Tudo isso se ratificará nos enunciados extraídos das páginas do *Facebook*.

O pai, uma figura que é colocada à distância e funciona como parâmetro do nosso próprio desempenho, tem o sentido de ideal no significado habitual da palavra. E, sobretudo, ela é de origem paterna.

Paradoxalmente, o pai, ao mesmo tempo em que ele é o agente da proibição na realização do desejo incestuoso, é, também, o agente da castração. Dessa forma, o pai vai se caracterizar por ser o oposto desse todo indiferenciado, indiferenciante e, portanto, uma figura do limite, da diferença. Isso vai aparecer nas duas funções que Lacan atribui ao pai. De um lado a figura de um superego ou de núcleo de um superego, mais precisamente, encarregado da repressão do desejo. Um superego mais matizado, menos cruel, mais disposto ao compromisso, mas, sobretudo num papel novo que lhe foi atribuído por Lacan: o papel do *ideal do ego*. E que ele dá o nome de *exemplo*.

Nessa perspectiva, o pai vai ser, constantemente, o símbolo, a figuração de algo que satisfaz provisoriamente, mas não completamente. Porque ele contém dentro de si uma carência. Na terminologia lacaniana, esse pai assumiu a sua castração simbólica. Ele não se coloca no lugar de fonte das normas, mas no lugar de representante das normas. Assim, enquanto ele é o portador do simbólico, a mãe é figurada como a representação do imaginário.

A TRANSGRESSÃO PARA O PAI É O EXEMPLO DO SEU TRIUNFO

Exatamente por ser exemplo da sua transgressão, que o pai pode se propor como o ideal do ego. Essa interpretação é reforçada por dois momentos da argumentação de Lacan. O primeiro é o momento no qual ele fala da maior complexidade tanto do objeto quanto do eu que se identifica com o pai. O segundo, é quando

ele realça que o objeto da identificação não é aqui o objeto do desejo, a mãe, mas aquele que a ele se opõe no triângulo edipiano. A identificação de mimética tornou-se propiciatória, o objeto da participação sadomasoquista destaca-se do sujeito, distancia-se dele na nova ambiguidade do temor e do amor.

Como se vê, o pai é temível na medida em que é agente de interdição. Sendo amado na medida que é também protetor, benévolo e exemplo da transgressão. Lacan (2008, p. 51-52) acrescenta “[...] Esse fato define, para nós, a originalidade da identificação edipiana: ele nos parece indicar que, no complexo de Édipo, não é o momento do desejo que erige o objeto em sua nova realidade, mas o da defesa narcísica do sujeito”.

Ela é uma defesa narcísica porque opera através de uma identificação. E quem sai reforçado dessa história é o sujeito: a criança que está passando por todo esse processo. Logo, o resultado disso tudo é um reforço narcísico, no sentido da complexidade e crescente do sujeito. E Lacan (2008, p. 53) acrescenta:

A imago do pai, à medida que domina, polariza nos dois sexos as formas mais perfeitas do ideal do eu, sobre os quais basta indicar que realizam o ideal viril no menino e o ideal virginal na menina. Ao contrário, nas formas diminuídas dessa imago podemos ressaltar as lesões físicas, especialmente aquelas que a apresentam como estropiada ou enceguecida, para designar a energia de sublimação de sua direção criadora e favorecer sua reclusão em algum ideal de integridade narcísica. A morte do pai, em qualquer etapa do desenvolvimento que se produza e segundo o grau de acabamento do Édipo, tende, do mesmo modo, a estancar, coagulando-o, o progresso da realidade.

Como uma mágica, Lacan pinçou fragmentos do pai real, do início do século XX, para, em linguagem conotativa, direcionar a figura do pai como metáfora. Ou seja: se ele explicasse as razões do declínio da figura paterna, denotativamente, não estaria sendo coerente com

a problemática do pai que envolve as tramas do “inconsciente: região tão escura quanto o próprio inferno” - definição de Freud, em 1885, em Viena, no filme: *Freud – Além da Alma* (HUSTON, 1962).

Obscuro segredo que instiga as possíveis considerações finais deste capítulo. Pois, parece ser neste filme ou - naquele secreto labirinto dos desejos - que Lacan foi extrair os complexos e as imagens que teceram a problemática paterna.

Pois, Lacan, na segunda atipia da situação familiar, na dimensão dos efeitos psíquicos, define que o Édipo assegura, na medida em que preside a sublimação da sexualidade, efeitos que nos esforçamos por apreender como de uma animação imaginativa da realidade. Toda uma ordem de anomalias dos interesses está referida a ela, o que justifica, para a intuição imediata, uso sistematizado na psicanálise do termo energético libido que, para Lacan, exprime a noção de reversibilidade que implica a de equivalência de um certo metabolismo das imagens – naturalmente, algo complexo.

Tão complexo que, somente a animação imaginativa da realidade, tecida com o requinte teórico e metafórico de Lacan, faz esquecer o declínio da figura do pai, ao nos elevar teoricamente ao esplendor dessa imago (que aguarda o momento mágico), preparado pelo complexo do desmame concretizado pelo complexo de intrusão, ou seja: o momento de sua inscrição qualitativamente diferente do quase funcional complexo de intrusão ao quase simbolizado complexo de Édipo.

O quase, para mim, é o imaginário da metáfora, a incerteza criadora do 4º elemento: o falo. Isto porque, o Édipo é a fantasia da castração, logo ele representa o desvio da realidade, isto é, do declínio. E a chegada ao simbolizado Édipo.

Além de ser fantasia, a castração também é um jogo lúcido e lúdico. Porque, a criança, na lucidez da percepção de sua insuficiência

vital, ao sentir que existe um outro dono anunciante do desejo da mãe, entre o conflito de amor e ódio, ela negocia esse desejo pela dissimulação, silenciando a frustração, a reprovação e a interdição e espelhando-se na transgressão da lei do incesto que o pai edita – o seu triunfo!

É essa espera oscilante, entre derrotas e glórias, que o filme acima citado, metaforicamente, revela a descoberta da sexualidade infantil – caminho para o inconsciente e fórmula do Complexo de Édipo.

Assim, espelhando-se nos casos de seus pacientes históricos adultos, presos às suas fantasias de terror e de amor ao pai, o personagem Freud, no filme citado, descobriu que “a memória desperta a excitação sexual que a moralidade condena, [...] se torna intolerável e, por isso nunca vem à tona” - em especial no caso da personagem Cecily, onde através da hipnose, a agressão da mãe foi lembrada e a memória trouxe o que havia reprimido, sexualmente, na infância: no triângulo pai-mãe-filha.

Sabidamente, Freud, contaminado pelas experiências com seus pacientes, também registra sonhos recorrentes aterrorizantes que lhe tirava o apetite, a fala e o sono - semelhantes aos de sua prática clínica - os quais se manifestam, de forma latente, na teoria metafórica do pai em Lacan e nos sonhos de Freud: “como ideias escapando da repressão”, segundo ele.

Neste sentido, o filme: *Freud, Além da Alma* faz uma revisão conceitual do complexo de Édipo a partir de Freud em Lacan, apresentando a concepção sobre o que é Complexo de Édipo e Complexo de Castração. O inédito, tanto no sentido do filme quanto de Lacan, é que ambos ressaltam a oposição fundamental entre figura materna, paraíso e inferno: ego ideal, simbolizado pela pulseira-serpente como trapaça do desejo da mãe-filho, ou seja, o imaginário que movimenta, dentro do Freud psicanalista, a questão da sexualidade infantil (a cobra - o prazer de picar - mesmo com a

fome saciada), o desejo do seio como o desejo pela própria mãe, primeiro objeto de amor. Figura paterna, superego e ideal do ego. Simbolizado pelo ato de extrema coragem, tirar a cobra da mão da mulher-mãe e, ainda, fazer todo aquele malabarismo-mágico com a cobra ritualizando seu pescoço, num ato voraz e sedutor de adentrar à sua boca.

E, assim, fica evidente, segundo Lacan, que as duas *imagos* ocupam lugares diferentes dentro do triângulo – uma como objeto do desejo e outra como obstáculo à realização desse desejo. E a figura do pai é claramente exaltada, a um ponto impressionante, tanto no filme: *Freud – Além da Alma* quanto em Lacan. Metaforizando a falha do pai: que é o medo da onipotência materna fantasmática e o psíquico e o social simultaneamente. Porque o objeto que se propõe ao desejo edipiano é a mãe como sustento a absorver e como seio onde se reabsorver, simbolizada, admiravelmente, como a fusão pulseira-cobra.

Um desejo de fusão e de risco que ronda o ser humano desde o seu nascimento. O risco de separar-se da mãe é o de voltar a indiferenciar de maneira fusional com ela. Essa situação se presta bem a reativar as tendências do complexo do desmame, quando a cobra, lânguida e veloz, quer entrar pela boca do já adulto Freud-pai no sonho, representando tão bem o poder da serpente, autora da transgressão de Adão na Bíblia.

Considerando, portanto, o complexo de Édipo condicionado pela maturação da sexualidade: pulsões genitais que aparecem por volta dos quatro anos, os fragmentos citados confirmam que essas pulsões fixam a criança a um objeto sexual, que é o genitor do sexo oposto. E são frustradas pela presença do genitor do mesmo sexo, que é um obstáculo à satisfação.

Isto porque, para Lacan, o ego ideal vai funcionar como uma espécie de polo de atração para trás. Como um índice de regressão.

Enquanto o ideal do ego é alguma coisa que faz avançar para frente, na medida em que ele suscita e mobiliza o desejo de coincidir com ele. Por isso que a pulseira-cobra sai do braço da mãe, com o filho escanchado sobre seu corpo e é tirada pelo pai representante de tudo que tem sentido de evolução, progresso, diferenciação, mediação, complexidade. Ou seja, o pai como a figura da delimitação que separa o permitido do proibido: “O filho honra o pai” (BÍBLIA SAGRADA, MI 1, 6, 1993).

Além disso, a análise dos fragmentos dos sonhos recorrentes do personagem Freud revela que a imago instaurada por esse complexo de intrusão é a imago do duplo. Ou seja, um conteúdo inconsciente que é fixado dentro do esquema do complexo. Portanto, a imago do duplo é a imago de um ideal. Ideal de completude narcísica, logicamente, ideal de completude corpórea na imagem do espelho. Como por exemplo, o menino puxando o pai (árabe) - o nome de mimo da mãe pelo filho - criança: “meu pequeno árabe”. Assim, se introduz com essa ideia de ideal o desejo de coincidir com o ideal do “Nome-do-Pai” e toda uma série de fenômenos vão aparecer em função dessa coincidência. Por isso, como já foi visto, para Lacan, a fantasia de castração não está tanto no seu caráter agressivo, mas no seu caráter narcísico: “Segure-o, seu fricote! Honre a mim, seu pai!” (Referindo-se à cobra: metáfora da mulher-mãe)!”

Pois, para Lacan, o ciúme humano se revela como arquétipo dos sentimentos sociais, porque ele forma o seu objeto mais do que o determina e, por isso se distingue da rivalidade imediata. Esse complexo fraterno, na invenção de Lacan diz respeito exatamente a esse momento da intrusão do espelho e do ciúme e, por isso, está relacionado com o tema do narcisismo. Ele diz que a imagem de si se forma a partir da imagem do semelhante. Ou seja no sentido de que pode ser uma outra criança ou um outro rosto humano e, portanto, trata-se de uma relação narcísica.

Em relação à tradição psicanalítica a ideia original de Lacan no tocante à castração é que Lacan, assim como no filme, não retira da castração o seu caráter de fantasia, mas reforça que a fantasia de castração é uma defesa. Partes do corpo precedem a fantasia de castração como os olhos de Freud que, no sonho, “deviam ser fechados”, porque o olhar é uma pulsão parcial assim como a voz: “não posso! Não posso!”

Assim, como “ideias escapando da repressão”, o filme revela as diferentes etapas que presidem à gênese da metáfora paterna. Mostrando que a função paterna só é operatória com a condição de ser investida na dialética edipiana, pelo estatuto da instância simbólica mediadora da relação mãe e filho.

Isto porque a qualidade do pai ou prescrição simbólica desta lei supõe uma negociação imaginária prévia que se desenrola entre os protagonistas familiares pai-mãe-filho, onde o quarto elemento é o “*fa*lu, centro da gravidade da função paterna, porque vai permitir a um pai real chegar a assumir a sua representação simbólica”(DOR, 2011, p. 15). Dor diz, ainda, que “o *fa*lu é a embreagem de todos os outros protagonistas”.

É essa embreagem que inscreve a figura do pai entre o declínio e o esplendor da especular invenção do complexo de intrusão. Esplendor da pós-modernidade, da unidade fusional do mundo globalizado, paradoxalmente, espelhado em fragmentos de uma rede mundial, imagem do espelho *Facebook* que é a imagem do duplo, imagem de um ideal narcísico. Por isso, a imagem especular fornece um bom símbolo dessa realidade, de seu valor afetivo, ilusório como a imagem, e de sua estrutura como ele reflete a forma humana, no imaginário que o rosto emana.

Como se vê, a forma humana parece que foi estruturada, esteticamente, como imagem do duplo, por exemplo: dois hemisférios do cérebro; dois olhos; dois rins; dois braços e pernas, etc. Por isso, a imagem do corpo unificada é o objeto narcísico por excelência já que

se origina por identificação, através da pulsão que, segundo Freud, é uma medida de exigência de trabalho imposta à psique, pelo fato dela estar conectada ao corpo.

Assim, considerando a relação de espelhamento, de ideia de imago e de imagem pela visualidade, à luz da teoria lacaniana, o que está inibido, sublimado não é uma pulsão, mas uma imago, ou seja, o poder imantador dessa imago. No caso do *Facebook*, a meu ver, o excesso de imagos serve para proteger o sujeito contra o risco da entropia.

3

**A FAMÍLIA-
RELIGIÃO
NA REDE
SOCIAL
FACEBOOK**

A metodologia aqui empregada foi a da pesquisa qualitativa, de caráter interpretativo, a partir da coleta de um *corpus* empírico, este colhido diretamente nas redes. Para poder verificar os modos pelos quais a figura paterna está sendo referida e projetada na contemporaneidade, foi realizado um rastreamento nas redes, especialmente *Facebook*. Esse rastreamento seguiu a metodologia proposta por Bruno Latour, especialmente na sua obra *Reassembling the social: An introduction to actor-network theory* (2005, p. 143-144) na qual o autor apresenta conselhos a um estudante de como praticar a arte de rastrear situações nas quais as fronteiras entre as pessoas são incertas e quando flutua a margem de entidades que devem ser consideradas. Diante disso, para Latour, a regra é descrever, descrever, descrever. Isto significa prestar atenção ao estado de coisas concreto, encontrar o relato unicamente adequado de uma dada situação. Deixar a hermenêutica de lado e voltar ao objeto, melhor dizendo, à própria coisa, ao que está acontecendo. Essa metodologia se revela a mais adequada para os propósitos desta pesquisa.

A análise qualitativa dos dados coletados foi subsidiada pela pesquisa teórica conceitual de modo a abrir a análise às complexidades e desdobramentos temáticos da figura paterna nas redes sociais digitais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA

O excessivo número de postagens conduziu a pesquisa empírica à feitura de três capítulos, cada um deles exibindo um tipo de desdobramento temático relacionado à metáfora paterna. São eles:

- A família-religião
- O pai
- O amor

MÉTODO E OBJETIVO - O LONGO CAMINHO DO DESEJO

Como já foi mencionado, a busca de dados empíricos levou a rastrear as páginas temáticas na rede social *Facebook*, tendo em vista testar a hipótese, bastante discutida de uns anos para cá, de que a função paterna apresenta-se em estágio de flagrante declínio, algo que também se manifesta a seu modo em muitos meios de entretenimento como cinema, televisão e imagens publicitárias etc. Por permitir o acesso direto ao que as pessoas pensam e sentem, o meio de aferição escolhido de como se dá esse declínio foi o *Facebook*, com atenção para os enunciados que esbarram na questão do pai ou de seus sucedâneos. A leitura e interpretação dos enunciados não foi inocente, mas tomou como base os ensinamentos psicanalíticos, também, as teorias da arte, da semiótica e da tecnologia, de modo a desvendar as simulações e as dissimulações da linguagem da rede social. A análise levantou algumas categorias de convergência dos enunciados, tais como o amor e a religião. Essas convergências revelaram que a rede social *Facebook* é também um fenômeno cultural criado para driblar o mal-estar na civilização e simular a convalescença do pai enfraquecido libidinalmente. Trata-se de uma rede social voltada à socialização virtual e ao entretenimento. Isto porque driblar o mal-estar na civilização exige um percurso de simulações prazerosas ao usuário. Seguem-se abaixo os indicadores práticos do método empregado:

- Visita e observação do *site* de relacionamento *Facebook* durante os anos de 2012 a 2015 para extrair manifestações de usuário como elementos constantes para comprovar a hipótese citada acima.
- Análise da arquitetura *sígnica* do *site* e interpretação das constantes ou enunciados, extraídos das postagens de usuários nas páginas temáticas sobre: família-religião, pai, amor.
- O fio condutor da indagação contínua da hipótese e do objetivo consiste também no emprego do método *abduutivo* para os *insight* que possam indiciar o segredo daquilo que o signo *Facebook* não revela, o que tanto seduz as pessoas ao hábito diário de instigar a felicidade com a aventura do olhar.

CONTEXTO DA PESQUISA (ESPAÇO- INFORMAÇÃO) – FACEBOOK

A rede social *Facebook*, criada por Mark Zuckerberg em 2004, foi estruturada essencialmente, pela conexão dos *designs*: o *logo* do lado esquerdo superior em que está escrito *Facebook* em cor branca num plano de fundo azul. Logo abaixo, à esquerda, aparece a mensagem da sua funcionalidade de cor azul num fundo branco. Abaixo, um suposto mapa do mundo com fundo branco pérola, conectado com linhas pontilhadas e bustos em amarelo-ouro. Do lado superior direito do *logo Facebook*, há duas caixas de texto para o usuário digitar o e-mail e a senha que já tem o foco na barra de inserção posta no e-mail. À direita tem o botão entrar com a cor do texto branca e o fundo azul. Abaixo da caixa de texto, está um *link* para o usuário que esquecer a senha. Há, também, caixas de texto com o botão *checkbox* (mantenha-me conectado) e o botão entrar.

O logo, abaixo dos textos, apresenta três opções para mencionar o sexo; três campos: data de nascimento (dia, mês e ano), nome e sobrenome; novo e-mail e nova senha, organizados pela caixa de textos, pelo sexo, e, no final, data de nascimento. Logo abaixo, um *link*: “por que preciso informar minha data de nascimento?” Existe, também, um botão com fundo verde e com o texto em branco para imputar os dados do cadastro (cadastre-se). Abaixo, à direita, tem um *link*: crie uma página para uma celebridade, banda, empresa. Há, também, vários *links* de línguas que o *site* possui. Como, ainda, o *logo* de direitos autorais do *Facebook* 2011, à direita, junto com a língua do país. Além de diversos *links* (célula, localizar amigos, atalhos, pessoas) como outras atividades com a cor azul num fundo branco. Tudo isso é sustentado por três pilares: (a) *Slogan*: “No *Facebook* você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida” (letras azuis); (b) *Login*: não verbalmente, representando o mapa ou continentes sombreados de branco cristalino e linhas pontilhadas, conectados por bustos homogêneos amarelo-ouro; (c) *Feed* de notícias - estruturado em linguagens verbais e não verbais para dar acesso a tudo e a todos por meio de uma senha, criadora de uma conta.

Todo esse sistema é acessível por elementos interconectados através do eixo da seleção, acionado pelo *Facebook* de acordo com o perfil do usuário e com o cruzamento das informações postadas ao relacionar os perfis pelas afinidades afetivas, culturais, intelectuais, comerciais e financeiras etc. Abrindo *links* de buscas, de ofertas e interatividade, compartilhamento, páginas (geral e perfil), detalhamento do perfil, gerenciamento de interesses, grupos (fechados e abertos), privacidade, botões (símbolos não verbais) espelhados por todo site.

De tudo isso decorre o crescimento fenomenal do *Facebook* no mundo *online*, carregado de desejo de paz no imprevisível azul do céu ao nosso alcance - pontilhado por linhas vazadas, conectadas por bustos (masculinos-femininos) amarelo-ouro: o capital humano - no

menu com símbolos não verbais e verbais bem distribuídos no espaço de atualização momentânea e específica. A barra azul (acima) exibindo o alarme das três palavras mágicas: “mundo”, “amigos”, “mensagens”.

Deste modo, a arte, nessa rede é uma questão não só semiótica, mas também tecnológica. Pois é a arte que possibilita a junção e a articulação de ambas, através da criação de *links*, para conectar pessoas com gostos e convivência afins. Cada usuário tem sua página pessoal onde recebe informações do seu grupo e, através de *links*, interativamente integram-se aos demais.

Um *link* muda sua cor quando esta é tocada pela seta do mouse. Pode não parecer, mas, nesse sutil ato, existe arte. Isto porque a cor, que o texto do *link* ou a imagem altera, já foi selecionada *a priori* pelo diagramador, para transmitir àquele que clica a ideia de que aquilo é um *link* e não apenas parte do texto ou uma ilustração. Até o ângulo da página onde está o *link* tem de ser pensado, calculado. Assim, não só a cor como também cada letra, tipo da fonte e outras características são escolhidas de acordo com a informação e o enfoque que se pretende passar ao intérprete, dando primazia à harmonia do gesto artístico tecnológico que justapõe: forma, som e cor, expressões criadoras da emoção do belo que dependem, sempre, do meio social, idade, época e de cultura para serem interpretadas. Portanto, como definir rede social neste contexto espacial-informativo tão abrangente e particular ao mesmo tempo? De acordo com Novac:

[...] especialmente a arquitetura visionária, dos excessos de possibilidades, pois esta representa a manifestação da mente no reino do corpo, ao mesmo tempo que tenta escapar dos confins de uma realidade limitante. [...] uma obra de arquitetura líquida não é apenas um edifício, mas um contínuo de edifícios que evolui suave e ritmicamente tanto no espaço quanto no tempo (NOVAC *apud* SANTAELLA, 2007, p. 16-17).

A ideia de Novac é que se pode esquadrihar a arquitetura visionária para nela encontrar premonições da arquitetura do ciberespaço, pois este pode ser visto como um enorme laboratório virtual para contínua produção de novas visões arquitetônicas. Nesse sentido, Mattar (2013, p. 27), mais recentemente, define redes sociais “como associações entre pessoas conectadas por diversos motivos”. Segundo ele:

A análise das redes sociais não se limita a explorar seus indivíduos e atributos, mas pode incluir as relações entre os indivíduos (como no caso dos laços) ou mesmo entre diferentes redes, em um ambiente amplo, além da própria tipologia das redes (MATTAR, 2013, p. 27).

As redes sociais são dinâmicas, ou seja, modificam-se durante o tempo, segundo Mattar (2013, p. 118-119). “Grupos são espaços on-line em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários”. É possível criar grupos abertos, privados e fechados. O que ajuda a preservar a privacidade de seus membros e dos temas discutidos.

Páginas permitem também interações entre membros do *Facebook*. Uma página é pública, ou seja, qualquer um pode curtir, passando a receber atualizações de seu conteúdo em seu *feed* de notícias. Nas páginas no *Facebook*, é possível também utilizar notas e comentários, além de vários outros aplicativos que podem ser adicionados.

As páginas não podem ser fechadas ou secretas, ou seja, tudo o que for postado em uma página torna-se automaticamente público. Por isso, as amostragens dos enunciados, a seguir, foram extraídas de páginas que compõem a arquitetura visionária líquida do *Facebook*, enfatizada pela predominância das linguagens não verbais: azul e branco e pela indeterminação das palavras destacadas no *slogan*, no *login* e, principalmente, pela estrutura sistêmica do *feed* de notícias.

Por que escolher como meio de aferição a Rede Social *Facebook*? Porque esta rede social pode nos proporcionar acesso irrestrito às emoções, aos pensamentos e às condutas que nos são vedados na vida real. Essa imersão pode gerar espaços públicos que se misturam com privados e íntimos. Ela gera situações limiaries. A imersão de camada mais abductiva e sensorial imediata pode ser provocada por uma série de dispositivos que ampliam ou enganam nossos sentidos.

Imersão é um conceito complexo, que não envolve apenas sensação, ou seja, estruturas sensoriais e formas de representação, mas também sentimento e intuição, além de uma ampliação do processo de cognição. A imersão pode ser provocada também pelo sentimento de presença e por estruturas arquetípicas, como as que são despertadas pelas narrativas constantes na montagem dos enunciados logo à frente.

A diversão vem da ideia do diverso e de uma outra versão da realidade. O que nos diverte é aquilo que nos tira do “nosso mundo” e nos transporta para uma outra versão na qual possamos tudo, realizamos os nossos desejos, enfrentamos nossos medos, somos quem pensamos não ser.

Desse modo a categoria do pensamento e da natureza, a primeiridade, de Charles Sanders Peirce (1839-1914), relacionada ao sentimento, no caso das postagens *online*, deve ser ampliada às questões de empatia e de alteridade. Assim a função sentimento não se reduz a estímulos externos que podem provocar ou não emoções e levam à capacidade do sujeito de ser afetado pelo outro e criar tanto uma identificação, como relações mais complexas ao se colocar no lugar dele quanto um estabelecimento de vínculos. Como nos remete o *slogan* da rede social em estudo: “No *Facebook* você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida” (em letras azuis). A liberdade desse sujeito (você) não decorre de sua indeterminação, mas precisamente porque ele se define por um

processo de indeterminação. Ele é um sujeito “livre” no sentido de ser difuso, descentrado, provisório.

É justamente da simulação dessa liberdade que partem agora os impulsos para dominar os homens. A violência contra o pensamento não se manifesta mais como proibição de pensar, mas como liberdade de pensar o que já está pronto. Abrir *links* escolher caminhos, já definidos como um sedutor jogo na latência de Eros versus Instinto de Morte, distraindo a razão, que funciona como uma simples antena na superfície do poder e como indutora de docilidade social (FOUCAULT *apud* ROUANET, 1993, p. 98).

Paradoxalmente, na rede social *Facebook*, o sujeito navegante é livre, mas com autonomia restrita. A liberdade é, portanto, um tipo de arremedo, em que o sujeito é livre para transitar, com êxtase, por um universo arbitrário, contingente, aleatório, fundamentalmente fundado na sua própria ausência de fundamentação, permitindo a liberdade de ação pela sua própria natureza gratuita.

Em meio a esta distração, o heterogêneo mergulha no homogêneo e o indivíduo perde seus atributos pessoais. Sua inteligência declina e sua afetividade aumenta desmedidamente. A linguagem deixa de funcionar como instrumento de comunicação e se transforma em instrumento de mobilização passional. O homem-usuário tende a pensar por imagem, e não por conceitos. Ele introjeta na simulação uma parte cindida do seu ego, o ideal do eu, herdeiro da fase narcisista. Com isso a simulação se torna imune à crítica, porque é a soma de todas as perfeições que o ego narcisista encontra em si mesmo.

No caso específico desta pesquisa, o *Facebook* simula um novo poder pastoral, assegura a “salvação” do usuário ou da família patriarcal, alicerçada pela religião em “outro mundo” virtual, onde cada comunidade é um confessionário sem o constrangimento da palavra oral. Esta relação, simuladamente fantasística, permite ao sujeito civilizado as metamorfoses mais absurdas o que, de certa forma, alivia a culpa contra o modelo civilizatório pós-moderno.

PÚBLICO-ALVO

O público-alvo é constituído por mulheres com idade entre 25 e 60 anos, perfil religioso.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS, RASTREADOS EM PÁGINAS TEMÁTICAS NO *FACEBOOK*

Como as páginas rastreadas em 2012 não revelaram a realidade social da família nos séculos XX e XI, nova pesquisa empírica foi feita em 2014. Todavia, nenhuma das pesquisas revelou a realidade vivida e representada nas mídias como as novelas e outros programas na TV. Isto é, a família na contemporaneidade: homens e mulheres descasados, desquitados, divorciados. Todos formando novas famílias ao seu bem-querer, morando juntos ou separados.

O confronto das duas pesquisas, 2012 e 2014, mostrou a predominância das mesmas páginas temáticas. Diante dessa constatação, as páginas rastreadas, nas duas pesquisas, foram adicionadas e priorizadas, tendo em vista o número de enunciados em cada página em ordem decrescente. Cabe ressaltar que, nas três páginas temáticas priorizadas, tudo indica que a família-religião manifesta-se como sintoma do pátrio-poder imposto a todos os usuários universais. Isto é, o sintoma como alienação do desejo do outro, do desejo de assumir responsabilidade pelas mudanças na família contemporânea. Este sintoma inclui-se numa experiência de sofrimento em discurso constituído, que permite ser reconhecido e localizado em um registro moralmente religioso da família submissa a Deus ou “A Família como um Projeto de Deus”, segundo os enunciados abaixo indicados:

Primeira página temática²

- “Famílias felizes sabem que o amor é a herança mais importante.”
- “O amor por um filho pode te levar a atravessar metade de um oceano. E vai valer a pena.”
- “Precisamos de pais que ensinem os filhos no caminho e não apenas o caminho. Que amem a Deus e inculquem as verdades eternas na mente dos filhos. Precisamos de pais reparadores de brechas, intercessores fervorosos e que não abram mão de seus filhos.”
- “No início, os filhos amam os pais. Depois de um certo tempo, passam a julgá-los. Raramente ou quase nunca os perdoam.”
- “Nada é perfeito nesta vida e não seria a família uma exceção!”
- “Podemos perder os amigos, a roupa do corpo, ficarmos sem uma casa para morar, mas quem tem família recupera tudo isso facilmente!”
- “Família é uma palavra muito forte, ela pode ser o pilar a sustentar o mundo, pena que muitos não acreditam nisso.”
- “Está na família o segredo da felicidade em conjunto, pois uma família unida espelha a vitória.”
- “Se você não ama de verdade, não crê no amor e não sabe o que quer dizer responsabilidade e luta, não constitua uma família.”
- “Não há família que não tenha problemas, porém o maior problema é manter a essência dessa instituição.”
- “O amor da pátria começa na família.”

2 https://www.facebook.com/familiaempalavras/posts_to_page . Data de acesso: 02/03/12

- “Paz e harmonia: eis a verdadeira riqueza de uma família.”
- “No Estado pode haver vários chefes; na família só pode haver um.”
- “Deus proteja meus amigos e minha família que dos meus inimigos cuido eu.”
- “A família não é você, está junto de você, compõe o seu mundo, mas não é sua própria identidade.”
- “A família é um bem precioso que merece suprema atenção e reflexão.”
- “A família é uma palavra que está muito além de singelos laços de sangue.”
- “Toda a família realmente viva segrega um certo ritual sem o qual se arrisca a longo prazo a perder o seu convívio secreto.”
- “A família é como um corrimão quando a subida está difícil sempre temos em quem se apoiar!”
- “Se você não é capaz de ser feliz com sua família, dificilmente será feliz com você mesmo.”
- “Sem Deus não há vida, sem família não há base e sem amigos não há mundo colorido.”
- “Família não troco por nada, e nem por ninguém, são partes de mim, partes do meu ser. São Pedacos do meu Coração.” “Todas as famílias felizes se assemelham. Mas cada família infeliz é infeliz a seu modo.”
- “A família é muito maior do que se imagina. Ela representa o passado, o presente e também o futuro.”

Segunda página temática³

- “Minha família é minha força e minha fraqueza”
- “A família é uma das melhores obras-primas da natureza”
- “Minha família vem primeiro. Talvez isso seja o que me faz diferente dos outros caras.”
- “Família significa ninguém fica pra trás ou é esquecido. Porque não há amigo como a irmã em tempo calmo ou tempestuoso; para animá-lo de maneira tediosa, pra te buscar quando você vai pra longe, pra te segurar se você cambalear e pra te fortalecer enquanto você levanta.”
- “A família é o céu em um mundo sem coração.”
- “Se você olhar pra sua vida, a maior felicidade é a felicidade da família.”
- “Quando nossos parentes estão em casa, temos que pensar em seus pontos positivos porque senão será impossível conviver.”
- “Punhado de sangue vale mais que vários quilos de amizade.”
- “Em tempos de dificuldade, o melhor é a família”
- “A única pedra que eu sei que permanece parada, e a única instituição que eu sei que funciona é a família”.
- “No fim do dia, uma família amorosa deve achar que tudo pode ser perdoado”
- “As outras coisas mudam, mas nós começamos e terminamos com nossa família”

³ <https://www.facebook.com/pages/Family-quotes/108790879178842?fref=ts> Data de acesso: 03/07/14

- “Eu não me importo de quão pobre seja um homem; se ele tiver família, é rico.”

Terceira página temática⁴

- “Casamento é uma união entre homem e mulher que, em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, resolvem ser fiéis e viver para sempre um para o outro, com todas as suas diferentes aptidões e fraquezas, constantemente presentes nas necessidades e na abundância. Casamento existe quando, em nome do Amor Supremo, que é Deus, o casal serve um ao outro, ajuda um ao outro, respeita individualidades e liberdades, vive junto para tornar o amor um agente do Amor Maior. O abismo que separa quem apenas vive junto de quem casa é imenso. Entre eles está a felicidade ou o desespero, a vida ou a morte, o céu ou o inferno.”
- “Um católico não pode permanecer indiferente perante grupos de nossa sociedade que ridicularizam a Instituição familiar ou até mesmo tirando dela a autonomia na educação dos filhos. Não podemos assistir nossos filhos serem esfacelados por uma moral contraceptiva que chega até mesmo a loucura de uniões do mesmo sexo. O catolicismo tem o dever de proteger as famílias como um grande muro defende a cidade em tempos de guerra, mesmo que esse muro seja todo danificado pelos inúmeros ataques, pois a razão de sua existência está justamente, na defesa da vida humana.”
- “Deus não destrói uma família para construir outra. Você acabou com uma família e ainda tem a cara de pau de buscar revelação de Deus, para saber se esta união vai dar certo ? Entenda uma coisa, Deus não tem compromisso com quem destrói lares

⁴ <https://www.facebook.com/pages/MINHA-FAM%C3%8DLIA-BEN%C3%87%C3%83O-NA-MINHA-VIDA/277813975574049?ref=ts&fref=ts> Data de acesso: 18/04/14

e nem ouve orações de quem vive na prática do adultério. O mesmo demônio que te usou para destruir uma família, amanhã usará outra pessoa para acabar com seu lar.”

Os enunciados, nas três páginas temáticas, denunciam o *Facebook* como um espaço universal esteticamente criado para dissolver as particularidades locais e dissimular os conflitos humanos, enquanto simulam a emancipação, através de valores ideais materializados em tendências: racionais, individuais e universais da família tradicional sob o viés da religião. Isto é, mostra o público-alvo: mulheres . Solapado tanto pelo conformismo inerente à moderna sociedade de massas como pelas tentativas de reagir à massificação, ou seja, o mundo mergulhado no coletivo sob a simulação do individual como denuncia o enunciado abaixo, extraído da página temática nº 3:

Um católico não pode permanecer indiferente perante grupos de nossa sociedade que ridicularizam a Instituição familiar ou até mesmo tirando dela a autonomia na educação dos filhos. Não podemos assistir nossos filhos serem esfacelados por uma moral contraceptiva que chega até mesmo a loucura de uniões do mesmo sexo. O catolicismo tem o dever de proteger as famílias como um grande muro defende a cidade em tempos de guerra, mesmo que esse muro seja todo danificado pelos inúmeros ataques, pois a razão de sua existência está, justamente, na defesa da vida humana.

Neste sentido, para desvendar as simulações e as dissimulações da linguagem da rede social *Facebook*, a recomendação de Fantini (2009, p. 27) parece bem apropriada, ao dizer que os interessados na teoria psicanalítica “[...] devem lembrar o alerta de Freud acerca das resistências que sempre andariam juntas com a psicanálise. ” [...] A peste/inconsciente que espreita-nos e luta, com todas as forças, para resistir ao desmantelamento das certezas dos homens. ”

O “desmantelamento das certezas dos homens”, que o enunciado acima denuncia, parece ser o sintoma da mudança

gradativa, não apenas da família, mas também da sociedade a partir do século XIX. Isto porque, na visão de Bauman (2008, p. 147):

Vivemos num mundo de flexibilidade universal, sob condições de *Unsicherheit* aguda e sem perspectiva, penetrando em todos os aspectos da vida individual - fontes de sustento tão importantes quanto as parcerias amorosas ou as comunidades de interesses, parâmetros de identidade profissional e cultural, modos de apresentação do ser em público, assim como padrões de saúde e aptidão, valores que valem perseguir, assim como os meios de consegui-los. São poucos e raros os portos seguros para confiança, e na maior parte do tempo ela permanece desancorada. [...] Em uma vida governada pelo preceito da flexibilidade, as estratégias, os planos e desejos de vida só podem ser de curto prazo. [...] As consequências culturais e éticas dessa grande transformação ainda não começaram a ser exploradas com seriedade, e portanto só podem ser sugeridas.

Como se vê, nas três páginas rastreadas há, entre os enunciados sobre família-religião e as palavras de Bauman, um assombroso desacordo, tecido com a magia dos significantes: família, Deus, casamento, amor, filho, céu, tempo e pátria. Significantes estes que carregam um feixe de extravasamento que passa do individual para o coletivo. Como forças que dão certa existência ao equilíbrio e que, talvez, possam ser chamadas de princípio do prazer, no qual coexistem a questão da postagem e a questão do imaginário. Isto é, o encontro virtual do desejo e da Lei nas páginas oferecidas pelas Redes Sociais. Pois, assim como o cliente não vai ao analista para dizer ninharia e banalidades, como pode parecer, da mesma forma as usuárias não selecionam páginas para inscrever algo que não é nada, já que, em suma, é seu próprio sentido que elas vão mais ou menos procurar. Cabe, portanto, à intérprete desses enunciados (a pesquisadora) colocar-se, segundo um narcisismo bem conhecido, no lugar de suas interlocutoras.

Pondo-me no lugar das interlocutoras-usuárias das postagens selecionadas, eis o ritual da “família em palavras” que vai contagiando todos os enunciados das demais páginas, através da senha amor

contido em Deus. Uma senha capaz de alterar outra senha tão mágica quanto Deus e amor: o tempo das “verdades eternas que os pais que amem a Deus devem inculcar na mente dos filhos”, segundo as usuárias. Tudo isso contaminando a continuidade do pai como símbolo que vem completar a magia do “projeto de Deus”, porque, de acordo com Lacan (2005, p. 41-47), “[...] A criação dos símbolos realiza a introdução de uma realidade nova na realidade animal. Fazê-lo reconhecer por seus semelhantes, quer dizer, simbolizá-lo. O símbolo constitui a realidade humana”. Tudo isso, também, para encobrir a família retratada pela realidade atual em que sobressaem:

- Mudanças importantes na sexualidade, nos relacionamentos e no casamento.
- Reivindicações feministas. Sexo livre.
- A mulher como agente de suas próprias escolhas e independência.
- O divórcio anulando o pejorativo desquite.
- Relações homoafetivas.
- Sexo e desejo - independente do amor.
- Poliamor.
- Ficar.
- Século XXI - sexo e internet.

Por que este fenômeno acontece? A formação da família de direito em *O Mal-Estar na Civilização* ([FREUD, 1930]2011) mostra a religião e a família formando um pacto divino - o pátrio-poder: pai, papa, padre e patrão - que, durante séculos, constituiu a cultura erudita e a sociedade patriarcal. Ambas ligadas à elite e subordinadas ao

capital que viabiliza este tipo de cultura. Portanto, um pacto elitista priorizando o gênero masculino: o “senhor” do mundo, da esposa e dos filhos. Pois, segundo Forbes (2013, p. 123):

[...] O mundo é masculino. Que mundo? O mundo da palavra é masculino, ou seja, é esse mundo que dá lógica, sentido à bagunça dos termos como nos ensinou a filosofia aristotélica. E Freud definiu-a pela primeira vez em *A Interpretação dos Sonhos*, “como nó de desejos sexuais infantis recalçados” .

Desse modo, como a sociedade patriarcal, a religião e a família formam a tríplice aliança em defesa da tradição, negar a família global, contemporânea, é uma forma estratégica de negar o que Bauman (2008, p. 155-156) chama de “a separação entre o poder e a política com frequência mencionada sob o nome de “globalização”. Como explica esse autor a seguir:

[...]o termo “globalização” se estabeleceu no discurso atual ocupando o lugar que na modernidade era do termo “universalização - e o fez principalmente porque “globalização” se refere ao que está acontecendo conosco, mais do que - como o fez a “universalização” - aquilo que precisamos, devemos ou pretendemos fazer. “Globalização” indica uma espécie de “naturalização” do curso que as questões mundiais estão tomando, isto é, estão ficando essencialmente fora de limites e de controle, adquirindo um caráter quase elementar, não planejado, não antecipado, espontâneo e contingente. Assim como o usuário da internet pode selecionar apenas as escolhas disponíveis, e dificilmente pode influenciar as regras pelas quais a rede opera ou expande a gama de escolhas disponíveis sob essas regras, também o Estado-nação individual, colocado em um ambiente globalizado, tem que jogar o jogo segundo as regras ou arriscar uma retaliação severa, ou, na melhor das hipóteses, uma total ineficiência de suas ações, se as regras forem ignoradas.

Parece que o público-alvo, religioso, não está jogando “o jogo segundo as regras” da globalização, uma vez que, ao simular a família orientada pelo pai edípico, “Família Projeto de Deus” aumenta o vazio da comunicação sobre a família não parental, na medida em

que as proibições da civilização-religião continuam imperando sob a aparência de liberdade.

Cabe realçar que, neste novo cenário - negado pelas usuárias - as próprias mulheres são estrelas cadentes ou decadentes que, em sua maioria, assumem o sustento dos filhos e do lar. Pois, mais triste ainda é saber que a maioria de seus filhos e filhas, nem ao menos, têm o nome do pai. Como mostrou *O Jornal Hoje*, na reportagem de Patrícia Taufer, em 06/12/2014: “a criação de um mutirão da paternidade”, criado pela Justiça de São Paulo, para ajudar, legalmente, os filhos - sem o nome do pai - numa surpreendente coincidência com o tema em questão e com o livro *Nomes-do-Pai*, escrito por Lacan em 1967 (há 47 anos).

Além disso, as usuárias ocultam outros vínculos amorosos-familiares mais recentes como os homoafetivos que, cada vez mais, formam famílias com seus filhos adotados. Em dupla amorosa ou não. Assim, nas três páginas temáticas mencionadas, as usuárias são agentes que desempenham seu papel na falta do objeto da realidade. Ou seja, referem-se ao tema família como “noção de privação” que, para Lacan, (1995, p. 36), “[...] a privação em sua natureza de falta é essencialmente uma falta real. É um furo.” No caso das páginas rastreadas, faltam os novos valores familiares da realidade contemporânea que ameaçam o pátrio-poder como busca evidenciar esta pesquisa.

Por que as usuárias de uma mídia social mais acessada no Brasil como o *Facebook*, com sucesso consolidado em 2011, negam a nova família não parental? Porque o público-alvo (usuárias) representa o perfil religioso que, por sua vez, representa a religião católica associada à civilização, para dissimular toda a sobrecarga de conflitos existentes entre o desejo e a Lei, a exemplo da Anunciação do Senhor que desviou, com desvelo, o corpo do amor sexual. É isso que evidenciam alguns fragmentos extraídos da revista *Arautos do Evangelho: Cheia de Graça* (2012, p.13): “[...]quando o Anjo Gabriel disse: alegra-te Cheia

de Graça, o Senhor está Contigo!” “[...] nasceu da Virgem Maria pelo Poder do Espírito Santo” “[...] o verbo se fez carne e habitou entre nós.” Estes três fragmentos Sagrados anunciaram a transformação simbólica da família sexualizada em “Sagrada Família.” Simbolizada pela Virgem Maria - como redenção do pecado sexual de todas as fêmeas: pivô do “ato criminoso e memorável”.

A meu ver, foi a sutileza deste anúncio que fez do casamento um Sacramento e uma ocasião propícia para a realização do primeiro milagre de Jesus: “*O Milagre das Bodas de Caná*”, (ARAUTOS DO EVANGELHO, 2010, p. 11-17) “[...] que mais estremeceu a ordem do universo [...] não foi por acaso que a insuficiência do vinho deu ocasião ao primeiro milagre de Jesus Cristo e que o tenha ocorrido durante uma festa de casamento” - esta herança de dois mil anos que protege moralmente a família - segundo o juízo de valor das enunciadoras na página temática 3 “[...] a única pedra que permanece parada e a única instituição que funciona é o casamento. O abismo que separa quem apenas vive junto de quem casa é imenso. Entre eles está a felicidade ou o desespero, a vida ou a morte, o céu ou o inferno.”

Por outro lado, se refletirmos, por contraste, sobre o que Bauman (2008, p. 135), diz, abaixo, veremos que o pêndulo de equilíbrio da instituição familiar, atualmente, não consiste no casamento, mas:

[...] na modernização compulsiva e obsessiva, contínua e que não para, a ânsia avassaladora e endêmica pela destruição criativa, conforme seja o caso – para “limpar o terreno” em nome do design “novo e melhorado”: para ‘desmantelar’, “cortar”, “defasar” e “diminuir” em prol da maior produtividade ou concorrência. [...] Ser moderno significa ser incapaz de parar, que dirá de ficar imóvel. Nós nos movemos e estamos destinados a continuar nos movendo não tanto pelo “atraso na satisfação” como sugeriu Max Weber - mas devido à impossibilidade de sermos satisfeitos: o horizonte de satisfação, o fim do esforço e a merecida autocongratulação fogem mais rápido do que o mais veloz dos corredores. A satisfação está sempre no futuro, e as

realizações perdem seus atrativos e seu potencial de satisfação assim que atingidas. Ser moderno significa estar perpetuamente à frente de si mesmo, em um estado de constante transgressão; também significa ter uma identidade que só pode existir como um projeto não realizado.

Isto porque, ainda segundo Bauman (2008, p. 139):

Existe uma fenda larga e crescente entre o compromisso dos “indivíduos de *jure*” e suas chances de se tornarem “indivíduos de *facto*”: estar no controle de seu destino e fazer as escolhas que eles realmente desejam. É dessa lacuna abismal que emanam os mais venenosos eflúvios que contaminam as vidas dos indivíduos contemporâneos. E a brecha não pode ser preenchida apenas pelos esforços individuais nem pelos meios e recursos disponíveis dentro da “política da vida”. Construir uma ponte sobre essa fenda é uma questão política.

Em síntese, a família patriarcal e a cultura erudita resistem em ceder o lugar à formação da “má família”. É isto que evidencia a terceira página temática, mesmo que, há quase um século, tenham sido metamorfoseadas pelos reflexos e reflexões das revoluções: industrial, científica e tecnológica, que revolucionaram os mercados e as mulheres e criaram novas e excitantes vontades e necessidades sociais e sexuais. E que, simultaneamente, impulsionaram o divórcio, o divórcio e as rebeldias femininas, em busca de condições similares às do homem. Condições estas que libertaram a mulher para as conquistas profissionais e amorosas. Neste sentido Fantini (2009, p. 61-62) formula e responde a seguinte questão:

[...] é possível sustentar que o modelo de suporte à lei simbólica, advindo do modelo patriarcal permanecerá por muito tempo ainda e na maioria das sociedades? [...] história não tem caminho de volta. A posição da mulher, especialmente nas sociedades ocidentais, sua inserção no mercado de trabalho e sua ascensão intelectual; a multiplicidade de gêneros sexuais; a procriação genética possibilitando no real o *pater incertus est* – estes fatos, entre outros, parecem atestar, no mínimo, uma mudança que deve avançar nas instituições básicas das

sociedades, como o casamento e família, e, no futuro, talvez mesmo a filiação. [...] As consequências, para o bem ou para o mal, parecem difíceis de prever. É possível, no entanto, dizer que existe um nível de debate sobre essas questões que está não apenas nos discursos autorizados e nas defesas ideológicas, mas também em outra cena, a inconsciente.

A interrogação sobre o tempo de permanência do “modelo de suporte à lei simbólica”, na descrição argumentativa que Fantini enumera, nos caminhos para debate que ele sinaliza, o “inconsciente” parece ser, realmente, o mais relevante. Pois, se para Fantini, “história não tem caminho de volta”, para Peter Drucker, na palavra de Bauman (2008, p. 137):

“Não há mais salvação pela sociedade”, [...] “Não existe essa coisa chamada sociedade”, declarou Margaret Thatcher de forma ainda mais rude. Não olhe para trás ou para cima; olhe para dentro, onde residem sua própria habilidade, sua vontade e seu poder. Não existe mais “um Grande irmão vigiando você”; agora é tarefa sua vigiar grandes irmãos e Grandes irmãs, de perto e com avidez, na esperança de encontrar um padrão a seguir e um guia para lidar com seus próprios problemas, que, assim como os problemas deles, precisam ser tratados individualmente, e apenas dessa maneira. Não há mais grandes líderes para dizer-lhe o que fazer e para livrá-lo da responsabilidade pelas consequências de suas ações; no mundo dos indivíduos só existem outros indivíduos de quem você pode pegar exemplos, de como se ocupar de seu próprio negócio de vida, arcando com toda a responsabilidade pelas consequências de investir sua confiança em certo exemplo mais do que em outro. [...] Agora somos todos indivíduos não por escolha, mas por necessidade. [...] Muitos de nós fomos individualizados sem que antes nos tornássemos indivíduos, e muitos são assombrados pela suspeita de que não são indivíduos o bastante para enfrentar as consequências da individualização.

Em se tratando de inconsciente, Bauman nos alerta para uma contradição assustadora da sociedade globalizada e tecnológica: esse indivíduo que deve olhar “para dentro”, segundo o testemunho

de autoridade Margaret Thatcher, ele está, simultaneamente e continuamente, diante do espelho das mídias: de sofisticadas tentações, que o atraem para fora, para inatingíveis voos - muito além de si mesmo - para quem esse indivíduo entrega todo seu tempo de atenções e de intenções que poderia ser usado para reflexões criativas de reparo íntimo. Dessa forma, como se tornar antes um cidadão para se tornar um “indivíduo de *facto*” se, segundo o próprio Bauman (2009, p. 140-141):

Para o indivíduo o espaço público não é muito mais do que uma tela gigante sobre a qual as preocupações privadas são projetadas sem perderem, apesar da magnificação, a condição de particularidades. O espaço público onde é feita a confissão pública das intimidades e dos segredos privados. Os indivíduos regressam das visitas guiadas diárias ao espaço público fortalecidos em sua individualidade de *jure* e assegurados de que se a forma solitária em que se ocupam do negócio de sua vida é o que outros “indivíduos como eles” fazem, e – outra vez como eles, o fazem com sua própria medida de obstáculos e derrotas (que esperam ser transitórias). [...] Quanto ao poder, ele navega para longe das ruas e do mercado, das salas de reuniões e dos parlamentos, dos governos nacionais e locais, para fora do alcance dos controle dos cidadãos, na extraterritorialidade das redes eletrônicas. [...] O “indivíduo de *jure*” não pode se transformar no “indivíduo de *facto*” sem antes se tornar um cidadão.

Ainda sob o âmbito do inconsciente, considerando a interatividade e interpassividade, do indivíduo na “tela gigante”, novamente as exigências individuais colocadas por Margaret Thatcher ganham destaque, se confrontadas com as silenciosas reivindicações do espaço público, segundo Bauman. Isto porque as redes sociais como o *Facebook* instigam a necessidade de uma quantidade ilimitada de postagens, compartilhamentos e curtições, tudo isso medido pela infindável quantidade de amigos - silenciosa na insondável solidão - sintomas que Fantini (2009, p. 101) aponta como:

[...] o problema do narcisismo diz respeito a algo bem mais sério que isto. Diferentemente ao que se tornou comum pensar, no narcisista como o alguém autocentrado que não faz relação com as coisas que o rodeiam, o que a Psicanálise ensinou é o oposto: que se trata de um eu, inseguro de seus limites, que oscila ora em buscar e construir o mundo à sua imagem, ora fundir-se de modo indiferenciado ao mundo. [...] quanto mais os sujeitos são livres das amarras da tradição para “reflexivamente construir sua identidade” mais tem que suportar o contraponto do anonimato. A ideia de uma crescente “angústia do anonimato.”

Assim, o realce das evidências expostas explicita que a instituição do casamento não tem o poder de sustentar socialmente a família, porque, contrariando o público-alvo desta pesquisa, a família não é “a pedra que permanece parada” como enunciam as usuárias, porque conforme Bauman (2008, p. 154), “A economia política da incerteza é o conjunto de “regras para terminar com todas as regras”, e o casamento é uma regra advinda da sociedade patriarcal aliada à cultura erudita e à religião. O fenômeno da hibridização das culturas foi enfático à autoafirmação do indivíduo. Além da “desregulamentação e privatização das tarefas e dos deveres modernizadores”, segundo Bauman (2008, p. 136). “[...] Essa alteração fatal tem sido refletida na mudança do discurso ético/político, da “sociedade justa” para os “direitos humanos”, ou seja, para o direito de os indivíduos permanecerem diferentes e escolherem à vontade seus próprios modelos de felicidade e estilo de vida.” Desse modo, mesmo que “O catolicismo tenha o dever de proteger as famílias como um grande muro defende a cidade em tempos de guerra, mesmo que esse muro seja todo danificado pelos inúmeros ataques, pois a razão de sua existência está justamente, na defesa da vida humana”, como proclamam as usuárias, não deve restar dúvida ao catolicismo que essa defesa seja uma tarefa a enfrentar com consciência, tendo em vista todas as mudanças decorrentes da globalização.

Fantini, (2009, p. 62) amplia, mais ainda, esta questão:

O impasse contemporâneo relativo a um modelo de suporte à lei simbólica coloca, entre outras, da perspectiva da Psicanálise e da comunicação o problema da transgressão e da violência. Transgressão pensada aqui não em sua forma mais comum, como violação das leis sociais, mas no sentido mais positivo do termo, como ato capaz de criar uma situação nova, um ato insustentável para o sistema.

A meu ver, além de tudo isso, o pior que ameaça, inconscientemente, as usuárias desses enunciados, é o mal-estar de dizer, numa rede mundial, dizer ao mundo - que todas as mulheres em potencial - estão livres para o sexo hétero ou homoafetivo. Isto porque, como bem enfatizam as usuárias: “O amor da pátria começa na família”. Isto é, o amor patriarcal. Porque segundo elas “[...] A família é muito maior do que se imagina. Ela representa o passado, o presente e também o futuro”. Ou a eternidade com aquilo que não pode mudar: “o casamento”, isto é, o luxo que ostenta a sociedade patriarcal. Para Lacan é “[...] a sexualidade, ela mesma, pode ser uma defesa contra algo muito pior, chamado de Real. E o Real se mostra como mal-estar, como impossibilidade de dizer, de narrar e de nomear” (DUNKER, 2012 p. 25.). Neste caso, faz-se, conveniente, também, a palavra de Forbes (2012, p. 104):

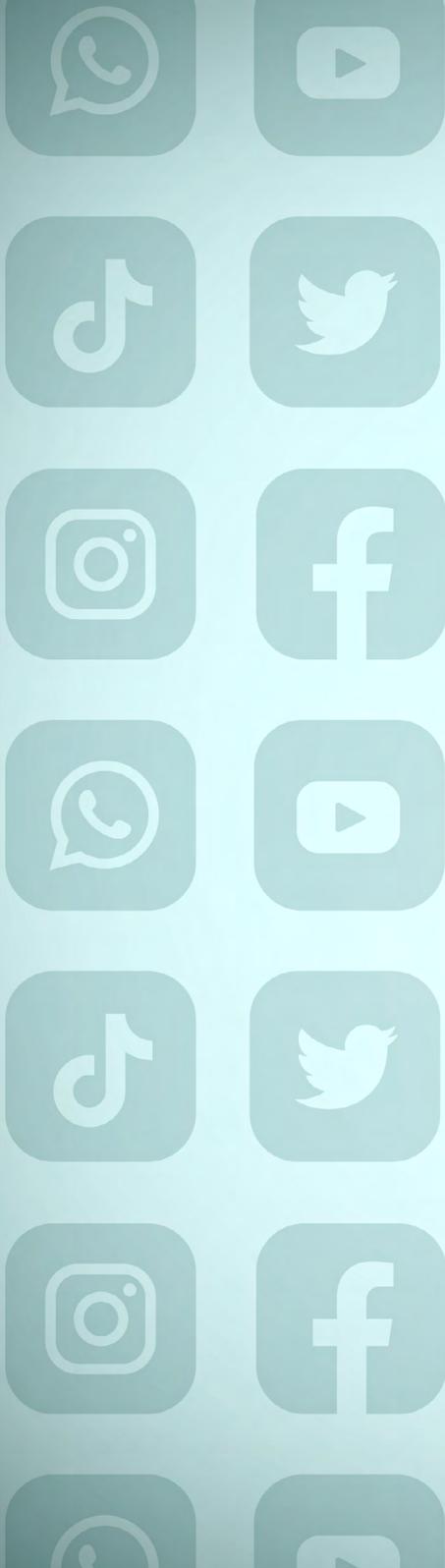
[...] o luxo está ligado ao amor e à recusa do amor que passa. No amor há o desejo da eternidade. [...] Mesmo o prazer de ficar na superficialidade da chama não é prazer sem um laço com a eternidade. A eternidade com aquilo que não muda, com o Real de que nos falou Lacan, gerador de um presente tão imenso que se torna inesquecível.

“Torna-se inesquecível”, mas não diante das “dimensões da incerteza pós-moderna” assinaladas por Bauman (2008, p. 115-116):

[...] Viver sob condições de grande incerteza, perpétua e autoperpetuante, é uma experiência desalentadora; temos calafrios diante das infindáveis possibilidades, assim como

hesitamos quando enfrentamos uma escolha; trememos ao pensar que as razões que hoje parecem sensatas podem se provar grandes erros amanhã; não sabemos mais o que o futuro nos reserva, e menos ainda como forçá-lo a entregar o que desejamos que ele ofereça. Incerteza, hesitação, falta de controle – tudo que resulta em ansiedade, que é o preço pago pelas novas liberdades individuais e pelas novas responsabilidades.

Dessa forma, nos entremeios do sonho virtual e das “dimensões da incerteza pós-moderna”, os enunciados sobre família-religião funcionam como inferências ou aceitações verbais escritas deste delírio mágico - a brecha do vazio da sociedade patriarcal - o “Deus-todo-Poderoso” que, na sociedade globalizada, perdeu os parâmetros verticais que definiam os comportamentos, gozos e emoções. Por isso, as mulheres de 25 a 60 anos e demais usuários recorrem - através dos fantasmas coletivos do pai primevo - ao poderoso Deus (o grande Outro) de todos e para todos no mundo *online*: o *Facebook*.



4

**O pai nas
redes sociais**

O Nome-do-Pai, que sucesso! [...] o Pai não tem Nome próprio. Não é uma figura, é uma função. O Pai tem tantos nomes quantos suportes tem a função. Sua função? A função religiosa por excelência, a de ligar. O quê? O significante e o significado, a Lei e o desejo, o pensamento e o corpo. Em suma, o simbólico e o imaginário. Com a ressalva de que, se esses dois se ligam a três com o real, o Nome-do-Pai vira um mero semblante. Em contrapartida, se sem ele tudo se desfaz, ele é o sintoma do nó fracassado.

Jacques-Alain Miller

Qual seria o sucesso do Nome-do-Pai, segundo Alain Miller na contracapa do livro *Nomes-do-Pai* de Jacques Lacan? E como se constata este sucesso e paradoxal fracasso na parte empírica da pesquisa? Ou seja, nos enunciados rastreados na rede social *Facebook*? Vejamos, mais adiante, o que nos diz a análise dos enunciados, logo após esclarecer devidamente ao leitor o percurso metodológico que, de resto, não apresentou modificações substanciais em relação ao que já foi exposto no capítulo anterior.

A pesquisa foi realizada com a busca direta na rede social *Facebook*, com base em dois tipos de rastreamento: a busca padrão e a procura por *hashtag* que, segundo Mattar (2013, p. 168): “permite a busca pela palavra ou expressão associada à *hashtag*”.

A busca padrão retorna a um resultado típico. Encontram-se comunidades e páginas, a maioria destinada a elogios, geralmente carregados de muita emoção. Nessas comunidades, há uma mistura de mensagens relacionadas à família, à religião cristã e à defesa de alguns valores politicamente classificados como “direita” ou também “nacionalistas”.

A outra busca, por *hashtag*, retorna a resultados de comentários de pessoas. Nessa pesquisa, a maioria das postagens é de cunho pessoal, em que as pessoas compartilham situações onde o próprio

pai está presente. A mesma mensagem é replicada mais de uma vez para as mesmas pessoas, por se tratar de “[...] laços fortes que tendem a se concentrar em grupos particulares” (MATTAR, 2013, p. 27).

A maioria das frases é divulgada e compartilhada pelo público adolescente/jovem, predominando o feminino. A escolaridade é o ensino médio, classe social média e média baixa. Esse tipo de público costuma interagir com enunciados positivos, muito utópicos e generalistas.

Todavia, faz-se exceção a página “menos pai”, destinada a um público masculino adulto. Ela contém frases que expressam uma visão realista do comportamento do pai atual. O dono da página alega ser uma ironia: “Para os menos entendedores de piada: Isso aqui é ironia! Mas não pense que os menos pais não existem, porque, sim, eles existem!”.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS

A manifestação simbólica do pai, a partir do imaginário dos usuários em páginas temáticas, funda-se em três diferentes categorias por ordem de prioridade. Segue-se a primeira delas.

Primeira categoria: A função do pai religiosa por excelência - página temática⁵

Aqui o pai ressurgue como metáfora resplandecente de expectativas de vida bem-sucedida. Segundo o usuário desta página, o pai é o representante de:

5 <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1444987849092140&id=100007428168517>
Acesso em: 10 abr. 2015.

[...] uma missão divina que o aproxima do Criador, é como um espelho que recebe a luz de Deus e a reflete sobre seus filhos, é o farol que nos guia até um porto seguro, é a esperança que nos dá forças para seguir adiante, é a segurança que nos envolve quando mais precisamos. Pai, como todos nós, é um filho de Deus, que é nosso Pai!

- “Um pai é mais do que um amigo, um herói, ele é nosso mentor, metaforicamente falando, é o piloto de nossa vida, o comandante que nos coloca no caminho e nos dá a oportunidade de seguir adiante, passo a passo, mas sempre debaixo de sua asa protetora.”
- Pai... Palavra amiga que inspira toda minha vida. Por onde estou, por onde vou, tuas boas ações e intenções sempre me orientar...
- Um Pai conhece melhor cada filho e educa-os com objetivos personalizados para fortalecer bom o caráter e aumentar a base de valores dos filhos, fazendo desta fase de transição do mundo da fantasia ao início da idade da razão, um elo inquebrável.
- Nada tão bonito como estas flores que pudesse simbolizar o grande amor que tenho por você, meu amigo, meu camarada, Meu Pai.
- Sou o que sou hoje, porque meu pai me ensinou a ter responsabilidade. Ser responsável é assumir a si próprio.
- Todo homem tem o direito de errar e escrever sua própria história no livro da vida, mas desperdiçar a oportunidade de aprender com os pais que estão ao nosso lado não é muito sábio.
- Ser Pai é: Sorrir, Chorar, Sofrer, Gargalhar. Ser filho é: Agradecer todos os dias a oportunidade de ter um Pai como você.

- Pai, você foi meu herói meu bandido, hoje é mais muito mais que um amigo. Nem você nem ninguém tá sozinho, você faz parte desse caminho. Que hoje eu sigo em paz.
- Um pai presente é como a luz que guia o peregrino durante sua longa jornada, ajuda a escolher o melhor caminho, oferece o conforto e calor para que a jornada seja de sucesso e próspera.
- Pai é apenas uma palavra com três letrinhas, simples de pronunciar, muitas vezes é a primeira palavra que falamos quando crianças, no entanto seu significado é tão grande que poderíamos derivar frases, livros e tratados inteiros para explicar o que é ser pai.
- O caráter é a fisionomia moral do homem, sou teu reflexo meu Pai.
- Um Pai muitas vezes suplanta a sabedoria de mais de uma centena de mestres.
- Semeie um ato, e você colhe um hábito. Semeie um hábito, e você colhe um caráter. Semeie um caráter, e você colhe um destino, meu Pai, o semeador de minha vida.
- “O pai é um guia, um mestre, que tem como missão passar para os filhos toda sabedoria, conhecimento e experiência que adquiriu ao longo da vida. Então, não perca a oportunidade de homenagear seu pai por alcançar o sucesso nessa missão”
- “Quando Pequeno, Achava Que Meu Pai Era Um Herói. Hoje Eu Tenho Certeza.”
- “Sábio é o pai que conhece o seu próprio filho.”
- “Eu amo o meu Pai. Ele mostra a direção e permite que eu escolha o caminho.”

- “A vezes o homem mais pobre deixa a seus filhos a herança mais rica”
- “Conduta de pai, caminho de filho.”

Os enunciados, acima transcritos, corroboram a citação inicial de Jacques-Allain Miller reiterada no *Facebook*: como descendência real-virtual, eterna no sentido de nobreza simbólica, que se sobressai nos traços de caráter da imago paterna - o ideal dos ideais - através de palavras que vão contaminando a metáfora paterna de tudo que tem sentido de: evolução, progresso, diferenciação, mediação, complexidade, exemplo, heroísmo, guia, mestre, mentor, piloto, comandante, luz, reflexo, semeador, fantasia, proteção, missão divina e espelhamento.

Estes significantes do reconhecimento do exemplo paterno evidenciam como o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro. No caso das amostragens, o pai é o grande Outro: o espelho escultor dos filhos, refletidos nos pedaços do pai. Ou seja, num transbordamento de manifestações afetivas como uma obediência retrospectiva ao pai morto que se torna mais poderoso do que jamais o fora enquanto vivo. Mais poderoso, também, como testemunha da continuação do mito freudiano na medida em que é o pai morto que impõe retrospectivamente a instituição do interdito do incesto a partir do qual se institui a edificação simbólica do pai a partir do pai primitivo. Edificação simbólica que constitui a pedra angular da função paterna para além de todos os pais da realidade. Por isso, ordena uma função essencialmente simbólica. Porque esse pai simbólico é universal – e representa, paradoxalmente a edificação simbólica do homem que possuía todas as mulheres como um deus a ser amado e em relação ao qual todos nutrirão uma dívida sem fim como paradoxo do homem que tinha todas as mulheres, mas só advém como pai a partir do instante em que está morto enquanto homem.

Tudo isto quer dizer que a edificação do homem em Pai se realiza ao preço de uma promoção simbólica que só se pode manter sustentando-se por interdito que tem força de Lei. Por isso Dor (2011,

p. 32) afirma: “O homem enquanto pai tem que dar provas, num dado momento, de que possui aquilo de que todo homem é desprovido”. O Pai enquanto homem, jamais pode dar outra prova senão dar aquilo de que é desprovido”. Ou seja, é necessário que a ele seja suposto deter este atributo imaginário fálico, fonte de ódio e inveja, que o institui como o único a ter direito. Assim, a dimensão simbólica do pai transcende em muito a contingência do homem real. E o estatuto do pai mostra-se como um puro referente, cuja função simbólica é sustentada pela atribuição do objeto imaginário fálico.

Por isso, “[...] não é preciso que haja necessariamente um homem para que haja um pai”, assegura Joel Dor (2011, p. 39, grifos do original). Daí a essência da magnitude do pai, que marca todos os enunciados acima em que este se sobressai pela singularidade: “Pai é apenas uma palavra com três letrinhas, simples de pronunciar, muitas vezes é a primeira palavra que falamos quando crianças, no entanto seu significado é tão grande que poderíamos derivar frases, livros e tratados inteiros para explicar o que é ser pai”.

Dor (2011, p. 12) acrescenta, teoricamente, o não dito no enunciado acima: “[...] nós não podemos deixar de ser tocados pela incidência de sua função que estrutura nosso ordenamento psíquico na qualidade de sujeitos”. E acrescenta que nenhuma outra saída é proposta a não ser curvar-se ao que lhe é imposto por esta função simbólica paterna que o assujeita numa sexuação.

Dessa forma, todos os enunciados, nesta primeira categoria - a função do pai religiosa por excelência - fazem uma retrospectiva da fantasia do pai que remete ao mito da horda primitiva e suas consequências. Este mito inscreve simbolicamente a problemática da diferença dos sexos com relação ao falo. Bem evidenciadas nas manifestações dos usuários como na fala do homem-pai em relação à mulher-mãe. Fica aí enfatizada a falta de função do significante fálico. Porque é justamente essa função de referência que impõe a todo

sujeito ter que negociar sua própria identidade sexual perante este significante fálico. E Dor (2011, p. 55) ressalta “que não é por acaso que Lacan insiste em designar esta incidência do significante fálico como significante da falta no Outro”.

“O significante da falta no Outro” especifica, antes de mais nada, a prevalência da castração. É neste lugar que o desejo da criança vai encontrar a lei do desejo do outro, a do pai. Nessas circunstâncias, a mãe irá se revelar como uma ocorrência barrada enquanto objeto de gozo. Assim, como o pai simbólico tem por estatuto uma existência significativa, apenas este significante Nome-do-Pai pode, pois, ser sempre potencialmente presentificado como instância na ausência do Pai real. Basta que ele o seja no discurso da mãe, de tal forma que a criança possa entender que o desejo da mãe se encontra referido a ele – ou, em caso extremo, que o tenha estado, ao menos durante certo tempo.

Dessa forma, a instituição da função paterna é diretamente tributária da circulação do falo na dialética edipiana. Todavia, esta circulação supõe, por sua vez, que diferentes protagonistas sejam levados a ocupar lugares específicos nesse espaço de configuração edipiana. Por isso, um pai não pode ser uma mãe; da mesma forma, uma mãe não substituir um pai. Dor (2011, p. 54) esclarece:

O papel materno é inexpugnável, no sentido em que é instituído e sustentado pela questão da diferença dos sexos aos olhos da criança. Por sua vez, a função paterna só é operatória simbolicamente por proceder diretamente dela. Em outras palavras é a lei do falo que é determinante.

Logo, basta que o significante Nome-do-Pai seja convocado pelo discurso materno para que a função mediadora do pai simbólico seja estruturante. Mas é necessário ainda que este significante Nome-do-Pai seja explicitamente, e sem ambiguidades, referido à existência de um terceiro, marcado em sua diferença sexual relativamente ao protagonista que se apresenta como mãe. É nessas condições, que,

na ausência do Pai real, o significante Nome-do-Pai pode ter todo o seu alcance simbólico.

Segunda categoria: Filhos que odeiam o pai. Página temática⁶

Nesta página, o ódio ameaça a certeza divina do Criador. Como evidenciam os enunciados abaixo:

- Toda noite sonho em ter um pai amigo, mas é só um sonho...
- Conviver com meu pai foi e é meu maior desafio. Conversamos muito pelo pensamento, já que não temos diálogo. Quando estou perto dele me sinto algemado, preso num lugar onde não encontro saída. O rancor e ódio que sinto me deixam doente, me matam, me destroem dia após dia. Às vezes tenho vontade de sair correndo, ir embora para um lugar que não sei ainda onde, para fazer não sei o quê...
- Desejo a morte para esse animal do meu pai todos os dias...
- É assim que vejo meu pai, com duas faces. Uma pessoa *boa* para quem é de fora, mas um verdadeiro INFERNO para nós aqui em casa.
- Senhor Jesus, ouça-me, olha para tudo que está acontecendo em minha casa. Olha como meu pai trata minha mãe. Não nos abandone senhor, eu imploro, em nome de Deus!
- Sim, pode ser chocante pra quem lê; pode ser comum; pode ser infantil. Foda-se! Eu odeio meu pai!
- Odeio meu pai, se eu pudesse o mataria.

6 Link: <https://www.facebook.com/pages/odeiomeupai?fref=ts>

- Eu confesso que odeio meu pai com todas minhas forças!
- Que ódio do meu pai, parece que não me entende e não faz a mínima questão de entender...
- Se espelha no pai do céu porque no pai da terra tá complicado.

As 10 (dez) amostragens denunciam a ambivalência dos filhos que odeiam o pai. Ambivalência esta cultivada com relação ao estatuto fálico e à perda inerente à castração que induz no obsessivo uma problemática específica no que diz respeito ao pai e perante qualquer figura que remeta, metonimicamente, à autoridade paterna.

Eis, então, a problemática específica do obsessivo em relação ao seu acesso ao universo da Lei, cujos vestígios se evidenciam sobre o modo de gozo passivo e na revolta competitiva com relação ao lugar de qualquer figura de autoridade que reative a imago paterna, como se constata no enunciado abaixo:

- Sim, pode ser chocante pra quem lê; pode ser comum; pode ser infantil. Foda-se! Eu odeio meu pai!

O enunciador parece estar cativo da satisfação na relação de suplência que mantém diante do investimento desejante materno. Ou seja, em lugar dele mesmo se chocar com a falta e se escoar na expectativa da demanda, o desejo é curto-circuitado pela mãe insatisfeita que encontra aí um objeto de suplência. Daí a servidão voluntária do obsessivo que “toda noite sonha em ter um pai amigo, mas é só um sonho...”, pois:

- “Conviver com meu pai foi e é meu maior desafio. Conversamos muito pelo pensamento, já que não temos diálogo. Quando estou perto dele me sinto algemado, preso num lugar onde não encontro saída. O rancor e ódio que sinto me deixam doente, me matam, me destroem dia após dia. Às vezes tenho vontade de

sair correndo, ir embora para um lugar que não sei ainda onde, para fazer não sei o quê...”

Este enunciado possibilita a compreensão do caráter particular do desejo que carrega sempre o selo exigente e imperativo da necessidade. Disso resulta uma enfermidade do lado da demanda que o inscreve numa passividade masoquista, impondo ao outro a obrigação de adivinhar e articular aquilo que ele mesmo não consegue demandar. Dor (2011, p. 61) explica por que isso acontece:

De modo geral esta enfermidade estrutural se traduz pela servidão voluntária do obsessivo, que o obriga a dever assumir todas as consequências de sua atitude passiva. Do mesmo modo, ele se compraz em ocupar, de bom grado, o lugar de objeto de gozo do outro, que o remete ao estatuto fálico infantil, no qual se encontrou precocemente encerrado como filho privilegiado pela mãe. Igualmente a queixa repetitiva da qual se beneficia, sobre este fundo de sadização, permite-lhe, em troca, assumir plenamente seu próprio gozo.

Desse modo, o sujeito permanece continuamente cativo da culpa e do temor da castração, os quais ele vai negociar, sintomaticamente, no terreno da perda. Por isso, deseja “a morte para esse animal todos os dias...” Neste sentido Lacan (1978, p. 307), explica que:

Na verdade a imagem do Pai ideal é uma fantasia de neurótico. Para além da Mãe, Outro real da demanda da qual se quereria que ela acalmasse o desejo (isto é, seu desejo), se perfila a imagem de um pai que fecharia os olhos sobre os desejos. Pelo que é mais marcada ainda do que revelada a verdadeira função do Pai que profundamente é de unir (e não de opor) um desejo à lei. [...] O pai almejado do neurótico é claramente, vê-se, o Pai morto. Mas igualmente um Pai que seria perfeitamente o senhor de seu desejo, o que valeria o mesmo para o sujeito.

Esta preocupação em tomar o lugar do outro através do desejo de morte abre brechas para todas as lutas de prestígio, todos os

combates grandiosos e dolorosos nos quais, paradoxalmente, não se perde uma oportunidade de se confrontar com a castração.

Este parece ser o modo do obsessivo controlar o outro para que ele não lhe escape de forma alguma. E, por ser onipresente, a imago paterna, mesmo após a morte, alimenta e mantém a dimensão da rivalidade e da competição nestes sujeitos. O Mestre é insuportável ao obsessivo por ser suposto deter aquilo que ele cobiça.

Também cabe realçar que, se o obsessivo tem necessidade de um Mestre, não se deve perder de vista que todas as estratégias de rivalidade e competição destinadas a desafiá-lo surgem sempre apenas para melhor assegurar que este lugar é inconquistável.

Assim como o herói obsessivo, o *Facebook* revela, também este despedaçamento épico da Lei do Pai. Lei que, dissimuladamente, ordena a tudo sacrificar, derrotar e dominar por sua própria conta. Segundo Dor (2011, p. 62) “[...] Essa luta imperturbável se desloca sobre múltiplos objetos de investimento, contribuindo assim para definir esse perfil específico da personalidade obsessiva que Freud definia sob a designação de “caráter anal”.

Terceira categoria: Menos pai?*

Esta categoria do “menos pai” parece responder não só a pergunta de (DOR, 2011, p. 12): “Como ficam os homens colocados empiricamente em situação de se designarem como pais?” Mas também, a afirmativa que Bauman (2008, p. 104-105) faz sobre o desfecho:

[...] de um século de feliz coabitação marital da ética com a razão racional-instrumental, o segundo parceiro optou por

* <<https://www.facebook.com/menospai/posts/348918935233318>>

deixar o matrimônio e a ética permaneceu sozinha para cuidar do lar, antes compartilhado. E quando está sozinha, a ética é vulnerável e não acha fácil manter sua posição.

Como respostas a Bauman (2008) e a Dor (2011) os enunciados, abaixo, denunciam a falta de ressonância dos fundamentos éticos com o discurso do “menos pai”: como sintomas do discurso dominante da contemporaneidade.

- “Fazer filho sem emprego até tem suas vantagens, se a mulher coloca na justiça, o juiz fica com peninha e pede pra pagar um valor menor! Daí a gente pode arrumar um emprego sem registro, ganhar o nosso, e ficar de boa...E ela que se vire! Quer dinheiro? Vai trabalhar!”
- “Pai casado tb sofre... Não precisa dar pensão (ufa!) mas precisa ficar cuidando de criança pra mãe tomar banho.”
- “Eu sou casado, e só eu trabalho fora. Qdo chego cansado, só quero saber do meu pc e do videogame, pra relaxar.”
- “A mulher fica em casa o dia inteiro, tá descansada, e ainda fica me enchendo pra eu cuidar do bebê??? Ah vah né? Ela reclama só pq precisa lavar, passar, cozinhar, cuidar de bebê 24 horas por dia e 7 dias por semana, não dormir mais nenhuma noite inteira, ou dormir com o sono leve e acordar por qualquer coisa, por cuidar de criança doente, precisar decifrar choros e gestos, não poder mais ser vaidosa, não poder mais sair sozinha com as amigas... Enfim, só faz reclamar. Ela não trabalha! Cara, pegar condução e trabalhar por 8 horas cansa! Eu preciso do restinho do dia e dos fins de semana pra relaxar.”
- “E não sou menos pai pq não dou tanta atenção assim pro bebeio nas minhas horas de descanso. Nem sou menos marido por estar pouco me lixando se a mulher tem horas de descanso também.”

- “Sou pai. Não cuido, não troco fralda, não dou banho...Isso é trabalho de mãe! Meu trabalho como pai é fiscalizar se ela tá fazendo como se deve, e quebrar o pau qdo ela faz errado!!! Pq sou pai e sei o que é melhor pra minha cria!!!”

Estes enunciados, denominados pelos usuários de “menos pai” põem em evidência a problemática da “[...] função paterna e da estruturação perversa” (DOR, 2011, p. 56-66), desenvolvida por Joel Dor em sua obra *Structure et perversions* à qual ele se remete no livro: *O pai e sua função em psicanálise* (DOR, 2011, p.17). Sobre este tipo de perversão, Dor esclarece que a sorte dessa atribuição fálica esconde a dialética edipiana, abrindo caminho para potencialidades de cristalizações significativas das quais dependerá diretamente a organização das principais estruturas psíquicas: perversa, obsessiva, histórica e, até mesmo, as estruturas psicóticas.

No caso da estrutura perversa, ele esclarece que a intrusão da figura do Pai imaginário, fantasiado pela criança, tal como um concorrente fálico junto à mãe, esboça a passagem da dialética do ser para a do ter. Todavia, diz ele, essa passagem só pode se efetuar logicamente sob a condição de que o pai apareça claramente à criança, num dado momento, como aquele que é suposto deter o objeto que a mãe deseja.

Daí resulta que a mãe deve saber se significar para a criança como uma mãe faltosa que não seria de forma alguma satisfeita pela criança, identificada ela própria ao seu falo. Nesse sentido, a criança se vê confrontada com um inevitável êxtase do desejo diante da função fálica: ser ou não ser o falo do Outro? Nem por isso ela deixa de ser solicitada a um reconhecimento do real da diferença dos sexos, daí por diante subtendida pela falta do desejo que prefigura, para ela, a assunção da castração.

Da mesma maneira, o discurso da mãe, que deixa em suspenso o questionamento da criança quanto ao objeto do desejo materno, vai incitá-la a conduzir sua interrogação para além do lugar onde sua

identificação fálica conhece um ponto de parada, isto é, a instância paterna da qual a mãe se assinala então como dependente.

E Dor assinala que esta proposição aberta em benefício de um investimento simbólico no pai pode, no entanto, dar lugar a um avatar do móbil fálico que se converte em quisto naquilo que Lacan designa como o ponto de ancoramento das perversões. Assim capturada na fronteira da dialética do ser e do ter, a criança vai se fechar na representação de uma falta não simbolizável que traduz o desmentido permanente que ela irá a partir daí manter quanto à castração da mãe. Posto que seu pai não pode ser destituído de sua investidura como rival fálico, fora da intercessão do significante da falta no Outro, a passagem do registro do ser para o do ter só será efetuada, neste caso, num espaço psíquico marginal. Daí o exercício, incapaz de ser superado, de dois estereótipos estruturais que atuam regularmente nas perversões: o desafio e a transgressão.

Conclui-se, então, que a ambiguidade indutora das estruturações perversas só é capaz de vetorizar a função paterna nessa vertente marginal sustentando-se em vários fatores favorecedores. Nesse sentido Dor (2011. p. 58) menciona “o apelo sedutor e a cumplicidade libidinal da mãe, associados à complacência silenciosa do pai”.

A meu ver, na contemporaneidade, parece que a mulher está contribuindo para a estrutura da perversão. Isto porque, na ânsia por libertação dos preconceitos machistas, ela acaba confundindo a dependência da instância paterna (a mãe significando como dependente do pai, enquanto aquele que lhe faz a lei do ponto de vista de seu desejo) com a mulher dependente do homem socialmente.

É importante também ressaltar que, por mais que essas diversas ocorrências determinantes na organização psíquica dos sujeitos permaneçam todas, de uma maneira ou de outra, dependentes da sorte destinada à atribuição fálica do Pai simbólico, isso jamais implicou que

haja realmente o falo, e, *a fortiori*, que um pai deva se esforçar para demonstrar à criança que o detém de verdade. Contraditoriamente, qualquer manobra paterna que se desenvolva nesse sentido se torna alarmante, visto que conduz à criança a perder o marco essencial em torno do qual intervém o falo para ela.

É preciso que esse falo seja suposto ao pai pela própria criança, a partir daquilo que ela pressente do desejo do Outro (a mãe). Por isso, fornecer à criança a prova de que ele o tem na realidade está destinada ao fracasso e permanecerá, para todo o sempre, imaginária. E não pode ser de outra maneira, devido ao caráter intrinsecamente imaginário do objeto fálico, além de manter a criança na ideia de que não há falta. Sem o saber, o pai atribui à criança, um lugar onde posteriormente ela só poderá se submeter ao imaginário da onipotência fálica.

Todavia, o “menos pai”, nos quatro extensos enunciados, nega o pai no real de sua encarnação, como representante do governo do pai simbólico, encarregado de assumir a delegação desta autoridade junto à comunidade estrangeira mãe-filho.

Em sua missão de representação e diante das teorias expostas, o “menos pai” não demonstra ser o mais adequado para poder negociar esta missão. Isto porque, se o simbólico permanece fundamentalmente assujeitado à instância da linguagem, Dor (2011, p. 12-13) afirma que: “[...] o embaixador paterno se desincumbe melhor de sua delegação simbólica ao praticar a língua do desejo dos protagonistas junto aos quais deve assumir sua função”. Porém, não se constata este tipo de desempenho na linguagem do “menos pai”. Como Dor enfatiza a seguir:

[...] é sob este aspecto e apenas sob este aspecto, que os pais da realidade se revelam melhores ou piores embaixadores. Por isso destaca-se uma primeira conclusão: nenhum pai, na realidade, é detentor e, *a fortiori*, fundador da função simbólica que representa. Ele é o seu vetor (DOR, 2011, p. 12-13).

E é justamente, neste vazio que, novamente se insere o momento de transição histórica do sujeito industrial para o da era da globalização. Propondo que uma análise possa ser conduzida além do Édipo, além das significações consagradas no ideal paterno e de seus representantes. A exemplo do que anuncia Bauman (2008, p. 108-109):

Todas essas notícias ruins para os que buscam a paz e a tranquilidade. Ser o guardião de seu irmão é uma sentença perpétua de trabalho duro e ansiedade moral, e nenhuma tentativa será capaz de anular. [...] É uma decisão de 100 anos de idade que celebramos hoje, a de assumir a responsabilidade por nossa responsabilidade, a decisão de medir a qualidade da sociedade pela qualidade de seus padrões éticos.

Isto porque a vida necessita de aspirações para o alcance de grandes conquistas. Porém, o pai real se apresenta como aquele do qual a criança só teve uma apreensão muito difícil, devido à interposição de fantasias e à necessidade da relação simbólica. Além da castração ser o nó que enlaça a história do pai, porque, como já vimos, ela é o signo do drama do Édipo como também dela é ele o pivô implícito. A condição para o sujeito atingir a maturidade genital, é que tenha sido castrado.

Como sintomas, Lacan diz que, mesmo Freud, jamais articulou plenamente o sentido preciso, a incidência analítica precisa deste temor, ou dessa ameaça, dessa instância ou desse momento dramático - todas essas palavras podem ser igualmente evocadas, com um ponto de interrogação, propósito da castração.

Para Lacan (1995, p. 36), a castração intervém abaixo da frustração e do jogo fálico imaginário com a mãe. Deste modo, a castração toma por base a apreensão no real da ausência de pênis na mulher. Lacan acrescenta que, na maioria dos casos, é este o ponto crucial, na experiência do sujeito masculino, o fundamento em que se apoia, de um modo especialmente eficaz e angustiante, a *noção de privação* - é o termo com referência ao qual se demarca a noção de castração, aquilo que Lacan chamou de um furo real.

Lacan procura reencontrar na realidade complexa este elemento do drama da castração: desenlaçar o nó psíquico do pai pivô da castração com a criação desta corrente simbólica, imaginária e real do pai simbólico é o significante de que jamais se pode falar senão encontrando, ao mesmo tempo, sua necessidade e seu caráter, e que, portanto, nos é necessário aceitar como um dado irredutível no mundo do significante. Só é alcançado por uma construção mítica que não está representado em parte alguma.

Uma construção mítica que não está representada em parte alguma, pelo fato de que temos uma enorme dificuldade de apreender aquilo que há de mais real em torno de nós, isto é, os seres humanos tais como são. E isto acontece também com o pai. Além de que o pai está sempre ligado à incidência, à intervenção, ao caráter fundamental do elo entre o pai real e a castração.

Em síntese, todos os enunciados, nas três categorias, evidenciam que o sucesso do Nome-do-Pai consiste na soberania de sua função, decorrente da apelação genérica do pai simbólico, da sua existência concreta e histórica de ser encarnado enquanto pai real. Considerando-se, também o pai imaginário “entidade fantasística sem a qual nenhum pai real poderia receber a investidura de pai simbólico”, soberania esta confirmada por Dor (2011, p. 16).

Portanto, toda a transcendência do pai simbólico resulta de um simbolismo legalista, como referência à Lei de proibição do incesto: a Lei e o desejo. Ou seja, o pai simbólico é apenas o depositário legal de uma lei que lhe vem de outro lugar, que nenhum pai real pode se vangloriar de ser seu detentor ou fundador. A prescrição simbólica desta lei supõe uma negociação imaginária prévia que se desenrola entre os diversos protagonistas familiares: pai-mãe-filho, reunidos comunitariamente sob a égide da triangulação edipiana. E referidos a um quarto elemento: o *falo*.

Por isso, Alain Miller, na epígrafe deste capítulo, diz que “o Pai tem tantos nomes quantos suportes tem a função”. E a função paterna conserva sua virtude simbólica inauguralmente estruturante na própria ausência de todo pai real. Eis a razão porque a ênfase é dada “ao alcance inexpugnável desta função simbólica que constitui a pedra angular da problemática paterna na psicanálise”, segundo Dor (2011, p. 16).

É preciso ressaltar que seu estatuto sendo o de puro referente, o papel simbólico do pai é sustentado, antes de tudo, pela atribuição imaginária do objeto fálico. Nessas condições, basta que um terceiro, mediador do desejo da mãe e do filho, dê argumentos a esta função para que seja significada sua incidência legalizadora e estruturante. Neste sentido, o estatuto do pai simbólico pode ser legitimamente remetido, como menciona Lacan, ao “estatuto de um significante que ele designa de Nome-do-Pai” (DOR, 2011, p. 17).

Estatuto desconcertante já que não exige em nada a presença de um homem em situação de se designar como pai na realidade. Operação simbólica, a metáfora do Nome-do-Pai, semelhante a operação durante a qual a criança substitui o significante do desejo da mãe pelo significante Nome-do-Pai. Na medida em que a operação consiste em designar uma coisa pelo nome de outra coisa, a metáfora se desenvolve com base numa substituição significante no decorrer da qual o significante de origem é provisoriamente recalcado em benefício do surgimento de um outro (o significante substituto). Só este recalque originário é suscetível de provar que a criança renunciou ao objeto inaugural de seu desejo. Cabe realçar, que ela só pode renunciar a ele na medida em que aquilo que o significa tornou-se inconsciente para ela. É apenas nessa medida que o Pai real foi investido como Pai simbólico, pela mediação do Pai imaginário. Onde o Nome-do-Pai se converte em um “mero semblante”.

Mas ela o faz sem saber, dado que o significante originário do desejo da mãe foi recalcado. Em consequência, produzindo o

significante Nome-do-Pai, a criança nomeia de forma igualmente metafórica o objeto fundamental de seu desejo. Daí resulta que o símbolo da linguagem tem por função principal perpetuar o objeto originário do desejo numa designação, sem que o sujeito daí por diante saiba alguma coisa sobre isso. Abrindo para ela o acesso ao simbólico, essa renúncia lhe assegura a possibilidade de poder se manifestar, como sujeito, a partir do momento em que é ela quem designa.

A primeira designação, inaugural, que testemunha o seu estatuto de sujeito, é a do Nome-do-Pai, seguindo-se daí que o sujeito se produz nesta designação como sujeito desejante, já que continua a significar, na linguagem, o objeto primordial de seu desejo (desejo pela mãe).

Além disso, fazendo-a advir como sujeito desejante, essa renúncia traduz explicitamente a expressão de sua própria castração. O advento do Pai simbólico como Nome-do-Pai atesta à criança, o reconhecimento de um Pai castrador, não apenas em razão da atribuição fálica que lhe é conferida, mas pelo próprio fato de que a mãe é suposta a encontrar junto a ele o objeto desejado que ela não tem.

O Pai simbólico só surge para criança como Pai castrador estritamente na medida em que a criança o investe igualmente como um Pai doador diante da mãe. A castração, tendo por objeto o falo, ele não pode traduzir outra coisa que não a perda simbólica de um objeto imaginário.

Tudo se passa justamente como se o pai com que lidamos nada mais fosse, como formula Lacan, que uma metáfora. Pois, essencialmente na qualidade de Pai imaginário que a criança vai perceber daí por diante este intruso que detém o direito, que priva, interdita e frustra: ou seja, as três formas de investimento que contribuem para mediatizar a relação fusional da criança com a mãe.

Assim, a privação unida ao interdito só pode, enfim, suscitar na criança a representação de um pai frustrador, que lhe impõe ser confrontado com a falta imaginária desse objeto real que é a mãe da qual necessita. Apresentando-se à criança como um hipotético objeto do desejo da mãe, o pai se mostra, aos olhos daquela como um falo rival.

Todavia, o signo mais espetacular deste domínio reside no processo de acesso ao próprio simbólico, pelo qual Lacan nos mostra como a criança vai a partir daí se constituir como sujeito mediante essa operação inaugural a que ele chama de metáfora paterna e seu mecanismo correlativo, o recalque originário.

Além de que o pai está sempre ligado à incidência, à intervenção, ao caráter fundamental do elo entre o pai real e a castração. Eis porque os enunciados, nas três categorias, evidenciam questões do sofrimento psíquico na contemporaneidade, relacionadas aos afetos, às crenças, aos desejos e aos sentimentos.

Na primeira categoria - prioritária como metáfora - é o gozo que faz com que Deus seja o ser supremo e que esse ser supremo não pode ser outra coisa senão lugar de onde se sabe qual é o bem de todos os outros.

Na segunda categoria - "odeio meu pai" - filhos algemados pelo ódio e pelo rancor manifestam o choque com ideal do eu, através do impacto da palavra: "foda-se!" O sintoma da morte como aquilo que eles têm de mais real.

A terceira categoria - "menos pai" - indicia a redução da dimensão do social à linguagem descuidada. Como já foi analisado, o "menos pai" é um Eu enfraquecido moralmente, que se denuncia através da ruptura da norma padrão da Língua Portuguesa. A norma culta desprezada pelo "menos" pai, que exhibe o seu poder de infrator

nas gírias, nos internetês, nos erros gramaticais e na rebeldia à sintaxe da Língua Portuguesa. Neste sentido, Lacan lembra que, atualmente,

Sofremos porque os padrões de ordenamento de nossas normas, de nossa linguagem, de nossa identidade e de nossos valores não nos permitem lidar com a indeterminação que vem do corpo. Por isso ele foi um dos primeiros psicanalistas a compreender como o enfraquecimento do Eu não era exatamente um problema a ser resolvido pela clínica, mas algo que a clínica deveria usar a seu favor. (SAFATLE, 2012, p. 23).

Para a humanidade contemporânea, esse trabalho de harmonização da regra com o corpo não é uma tarefa fácil. Porque como vimos na rede social *facebook*, a fala se dá por meio de muitas vozes que, cada vez mais, impossibilitam que o sujeito mantenha, segundo Bauman (2008, p. 123), “sua identidade separada” e sustente “a melodia resultante dessa identidade”, além do mundo de incertezas contemporâneas que falam através da linguagem do corpo.

5

**Conteúdos
em torno
do amor**



O tema do amor foi rastreado nas redes por julgarmos que nele encontraríamos pistas para a questão da família e conseqüentemente com a inserção do pai, problema que esta pesquisa está colocando sob exame. Lacan em *O Seminário, livro 20 mais, ainda* ([1972-1973] 2008b, p. 72), talvez, intuitivamente, tenha renunciado a relação entre psicanálise, computador, redes sociais e amor quando declara:

Há muito tempo que escandi com um certo *Há Um...* [...] Esse *Há Um* não é simples. Na psicanálise, ou mais exatamente no discurso de Freud, isto se anuncia pelo Eros que, de grão em grão, é suposto tender a fazer só um dessa multidão imensa. [...] É evidentemente metáfora permitida a Freud pela feliz descoberta das duas unidades do gérmen, o óvulo e o espermatozoide, de que se pode dizer grosseiramente que é de sua fusão que se engendra o quê? - um novo ser.

Parece-me que, implicitamente, existe um paralelo entre “esse Há Um” lacaniano e o modo como os avanços científicos e tecnológicos como o computador passaram a escandir a nossa mente como uma mera máquina de calcular “esse Há Um” não só como a metáfora freudiana do óvulo e do espermatozoide mas também como proliferação do amor postado nas Redes Sociais e disseminado como:

[...] a máxima célebre onde La Rochefoucauld nos diz que *há pessoas que não teriam jamais se apaixonado, se não tivessem jamais ouvido falar do amor*, não no sentido romântico de uma *realização* toda imaginária do amor que se faria uma objeção amarga, mas como um reconhecimento autêntico do que o amor deve ao símbolo e do que a fala traz de amor (LACAN, 1978, p. 128).

Lacan (2008b, p. 73) continua a decifrar a evidência da metáfora de Freud no sentido do amor:

[...] Mas a metáfora biológica seguramente está aqui ainda muito menos do que alhures, a que pode bastar para nos confortar. Se o inconsciente é mesmo o que eu digo, por ser estruturado como uma linguagem, é no nível da língua que temos que interrogar esse Um. Esse Um, a série dos séculos

lhe fez ressonância infinita. [...] É daí que se apreende o nervo do que temos mesmo que chamar pelo nome com que a coisa retine por todo o curso dos séculos, isto é, o amor.

A reflexão sobre estas três citações instiga-nos a saber, o que fez “o amor retinir por todo o curso dos séculos, que se fez e se faz ressonância infinita”? A investigação empírica sobre o amor na rede social *Facebook*, acompanha, teoricamente, esse caminho de longa retinência do amor.

A pesquisa teve início em 2012 e, em seu percurso, uma contradição real-virtual foi apresentada. A quantidade de usuários que postava sobre o amor nas páginas temáticas no *Facebook* era significativa, mas somente para “amor de namorados”. Insatisfeita e intrigada com a falta do amor sexual nas redes sociais, em 2014 e em 2015, com mais experiência teórica e prática, tentei investigar grupos fechados, na suposição de que o amor sexual, talvez inibisse a participação das pessoas publicamente, por receio do assunto ser associado ao perfil pessoal e ao tabu. Pois o próprio Freud, em *O Mal-Estar na Civilização* (2011, p. 48), define: “[...] chama-se *amor* a relação entre homem e mulher, que fundam uma família tendo por base as suas necessidades genitais.” Ou seja, define o amor genital ou sexual em coexistência com a família. Sobretudo, para atender às duas demandas de amor nas páginas temáticas rastreadas no *Facebook*, a pesquisa apresenta dois tipos de amor:

- Amor de namorados - em páginas públicas
- Amor sexual - em grupos fechados - ambos com procedimentos metodológicos diferentes.

AMOR DE NAMORADOS

- Os procedimentos utilizados foram: procura das palavras-chave amor, relacionamento e namoro, pelo mecanismo de busca.
- Procura de palavras-chave amor, amar, relacionamento, ficar e namoro, pelo mecanismo de busca do site 'google' vinculando a palavra *Facebook*.
- Observação de páginas e usuários desconhecidos.

Todos os enunciados são postados e compartilhados por pessoas religiosas entre 15 e 40 anos de idade. De classes sociais baixa, média e média alta.

A análise dos enunciados em “Amor de namorados” legitima o amor que simboliza a aliança com a eternidade divina ou “namoro firmado em Deus” - “eterno amor” - como define o público-alvo.

Quero um amor para a vida inteira⁸.

Quero ficar só com você⁹.

Quer casar comigo?¹⁰

Nestas três páginas reina a hipótese de Deus nos significantes que firmam o “eterno amor dos namorados”. Pois, para se manter na esfera do divino, o amor precisa da operação de significantes etéreos, extraídos dos enunciados citados abaixo, como corpo e alma do amor: beleza, perfume, tempo, sorriso, sonho, eternidade, presença, ausência, completude, sentimento, casamento, carinho, cumplicidade, respeito, vida, história-de-amor, alegria, gratidão,

8 <https://www.facebook.com/QueDure1000Anos>

9 <https://www.facebook.com/quero.ficar.so.com.voce>

10 <https://www.facebook.com/AliancasGiftGaleria>

prazer, caminhos, escolhas, desejo, matrimônio, namoro, coração, relacionamento, amizade, foto, olhar, envelhecimento, fidelidade, perfeito-amor, alianças, felicidade. Todo este devaneio evaporando-se na embriaguez do tempo das certezas do “namoro firmado em Deus e nas AliançasGiftGaleria”.

A página “quer casar comigo” mostra o símbolo da aliança e da página “gift galeria” que se trata de uma loja *online* de alianças que publica conteúdo de relacionamento amoroso sempre com a imagem da marca, uma associação que ajuda a reforçar o que os próprios usuários já sabem: a aliança como símbolo que sela compromisso com o ser humano e com Deus. O grande Outro encarregado de encaminhar o bom relacionamento amoroso. As alianças são aparelhos do gozo, mesmo após a morte de um dos cônjuges. Elas também consagram o casamento simbólico dos padres e freiras com Deus. Porque, segundo Lacan (2008b, p. 51),

O Outro, o Outro como lugar da verdade, é o único lugar, embora irreduzível, que podemos dar ao termo *ser divino*, Deus, para chamá-lo daquele nome, para chamá-lo por seu nome. Deus é propriamente o lugar onde, se me permitem o jogo, se produz o deus-ser - o deuzer - o dizer. Por um nada, o dizer faz Deus ser. E enquanto se disser alguma coisa, a hipótese Deus estará aí.

- “Pra ela que me faz feliz... Pra ela que faz cada dia ter um significado especial, e que me dá motivos de sobra pra sorrir! Pra essa mulher linda, cheirosa e de cabelos lindos que me mostra todos os dias o quanto se pode ser amado, e o quanto você pode significar pra alguém. Ela que me faz querer planejar um futuro que, se Deus quiser, nem está tão longe assim! Feliz dia dos namorados meu amor! Obrigado por ser essa companheira completa em todos os sentidos! Obrigado por estar sempre ao meu lado, e por me presentear todos os dias com esse sorriso lindo! Te amo!”

- “A gente não precisa de data pra comemorar o namoro... Fazemos isso todo dia , pelo amor, confiança, respeito, companheirismo e o sorriso estampado no rosto de cada um é prova disso... Feliz dia dos namorados pro amor da minha vida, a pessoa pela qual eu me apaixono todos os dias de todas as maneiras! Amo você.”
- “Sempre que deito na cama fico sonhando e incrivelmente você está em todos os sonhos! Afinal quando não estou pensando em você? Até quando to estudando e trabalhando do nada lembro de você! Você não sai da minha cabeça! Espero que nunca saia da minha vida!!! Te amo muito amor da minha vida! te amo muito meu amor!”
- “Amor, a cada dia que passa, mais e mais eu me dou conta do quanto você significa para mim, o quanto você é importante em minha vida. A cada dia que passa eu descubro o quanto eu adoro estar com você, para partilhar nossos momentos, pensamentos e sentimentos um com o outro.
- “Gosto muito de você e a todo momento eu vejo como pode ser maravilhoso o nosso relacionamento, porque a cada dia em que vivemos juntos eu quero você e preciso de você mais e mais. Você traz alegria para os meus dias, contentamento para a nossa vida e amor para o nosso viver. Minha vida se enche de felicidade porque você faz parte dela. Quero dizer da gratidão a você pelos dias felizes que vivemos, pelos bons momentos que partilhamos e que eu nunca esquecerei. Pelo modo como você traz um novo sentido a cada coisa que faço ou penso em fazer, só para dizer da minha gratidão por toda alegria de estar com você.”
- “Fique. Fique mais. Fique sempre.”

- “Marido de 91 Anos lê diário para esposa com amnésia para manter o amor vivo.”
- “Dois olhares apaixonados são como duas chamas que nunca se apagam.”
- “Curitiba amanheceu cheia de amor no Dia dos Namorados.”
- “O verdadeiro amor nunca se desgasta. Quanto mais se dá, mais se tem.”
- “O fim do amor é mais triste que o fim da vida.”
- Casados somos, não oficialmente, mas gostaria de repetir aquele velho clichê onde diz: porém eternos namorados. Feliz dia dos namorados.”
- “Porque quando tu ama, ser fiel é um prazer e não um sacrifício.”
- “Uma pessoa pode mudar um momento de sua vida, mas apenas Deus pode mudar toda a sua história.”
- “Trair é para os fracos, fortes são fiéis até o fim”.
- “Amor para a vida inteira e sem limites de amar!!”
- “olhares apaixonados são como duas chamas que nunca se apagam.”
- “Meu coração queria ir te ver, mas expliquei a ele que sem ele eu morro, e ele me disse que sem você ele não vive.”

A predominância de “O eterno amor dos namorados” nas três páginas temáticas rastreadas choca-se, assombrosamente, com a natureza volátil da sociedade globalizada e tecnológica retratada por Bauman (2008, p. 115):

Como tudo o mais, as identidades humanas – suas autoimagens – se dividiram em coleções de instantâneos, cada uma tendo que evocar, carregar e expressar seu próprio significado, muitas vezes sem se referir a outros instantâneos. Em vez de construir nossa identidade de maneira gradual e paciente, como se constrói uma casa, lidamos com formas montadas instantaneamente, apesar de desmanteladas com facilidade, pintadas umas sobre as outras é uma *identidade palimpséstica*. É o tipo de identidade que se adapta a um mundo em que a arte de esquecer é um bem mais importante do que a arte de memorizar; em que esquecer, mais do que aprender, é a condição de adequação contínua, segundo a qual novas coisas e pessoas entram e saem do campo de visão da câmera estacionária da atenção e onde a própria memória é como uma fita de vídeo, sempre pronta para ser apagada para poder gravar novas imagens.

Mas, o “coração quebrado Deus conserta e enche”. Paradoxo afirmado, com convicção, pelo usuário. Isto porque. “Deus é o Grande Outro” segundo Zizek (2010, p. 16). O que “Lacan quer dizer com o *grande Outro*”.

A ordem simbólica, a constituição não escrita da sociedade, é a segunda natureza de todo ser falante: ela está aqui, dirigindo e controlando os meus atos; é o mar que eu nado, mas permanece essencialmente impenetrável - nunca posso pô-la diante de mim e segurá-la. É como se nós, sujeitos de linguagem, falássemos e interagíssemos como fantoches, nossa fala e gestos ditados por algo sem nome que tudo impregna. Será isso o mesmo que dizer que, para Lacan, nós, indivíduos humanos, somos meros epifenômenos, sombras sem nenhum poder real próprio? Que nossa autopercepção como agentes livres autônomos é uma espécie de *ilusão do usuário* cegando-nos para o fato de que estamos nas mãos do grande Outro que se oculta por trás da tela e puxa os cordões?

No “namoro firmado em Deus”, o grande Outro opera num nível simbólico. Na tela do *facebook*, o espaço simbólico funciona como um padrão de comparação contra o qual cada usuário pode se medir. É por isso que o grande Outro pode ser personificado como um agente

único, o Deus que designou o amor como o maior mandamento. Deus e amor impulsionam a demanda e, com ela, a fé, a esperança e tudo mais que Deus precisa para se manter Onisciente e Onipresente. E Todo-Poderoso! Todavia, Zizek (2010, p. 18-19) adverte:

[...] Apesar de todo o seu poder fundador, o grande Outro é frágil, insubstancial, propriamente virtual, no sentido de que seu status é o de um pressuposto subjetivo. [...] Esse caráter virtual do grande Outro significa que a ordem simbólica não é uma espécie de substância espiritual que exista independentemente de indivíduos, mas algo que é sustentado pela contínua atividade deles. [...] Ele só existe na medida em que *sujeitos agem como se ele existisse*.

Talvez por isso, para Lacan (2008b p. 55-56):

O ponto de partida do discurso analítico é o sujeito, cuja definição é o efeito intermediário entre o que caracteriza um significante é outro significante, isto é, ser cada um, ser cada qual, um elemento. No amor, o que se visa, é ao sujeito como tal, enquanto suposto a uma frase articulada, a algo que se ordena ou pode se ordenar por uma vida inteira. [...] Um sujeito, como tal, não tem grande coisa a fazer com o gozo. Mas, por outro lado, seu signo é suscetível de provocar o desejo. Aí está a mola do amor.

Assim, os sujeitos operadores da leitura dos enunciados, interagem com as postagens da seguinte forma: o sujeito inferencial (leitora-pesquisadora) interage como um Outro desabilitado do tempo e do espaço virtuais. Por isso, quanto mais ela lia os enunciados transcritos, mais suas palavras desapareciam. O vazio invadiu-a durante meses. E para sair desse estado de apatia, transportou-se até Freud em *O Mal-Estar na Civilização* (2011, p. 25-26):

[...] a realidade: o único inimigo, a fonte de todo sofrimento, com a qual é impossível viver e com a qual, portanto, devem-se romper todos os laços, para ser feliz em algum sentido. [...] O indivíduo que, em desesperada revolta, encetar este caminho para a felicidade, normalmente nada alcançará; a realidade é

forte demais para ele. Torna-se um louco que, em geral, não encontra quem o ajude na execução de seu delírio.

A pesquisadora estava diante da “execução do delírio” tão temido por Freud. Estava diante do delírio do amor despedaçado em enunciados verbais virtuais - marcados (todos) por um intervalo esvaziado. O vazio de uma época passada para ela, que se evaporava diante das lembranças do amor. Como um passado a falar de amor no vazio do signo. O vazio de um amor que jamais seria preenchido. Porque o objeto deste signo amor é inexistente e inconsistente. isto é, um objeto faltante, paradoxalmente, desejante e instigante do sujeito nas trilhas da busca.

Afinal, o que o sujeito (pesquisadora) buscava? Indiciar o amor de namorados na rede social *Facebook* como sintomas do declínio da função paterna. No decorrer daquela reflexão, uma hipótese se revelou: todos os enunciados do amor seriam “*objetos a*”. Como Lacan define o “*objeto a*”?

O que Lacan chama de objeto a é o agente desse encurvamento: o insondável X que faz com que, quando nos confrontamos com o objeto de nosso desejo, obtenhamos mais satisfação ao dançar em torno deste que nos dirigindo diretamente a ele (ZIZEK, 2010, p. 97).

Foi esse encurvamento, esse insondável, esse não sentido que os enunciados evocaram. Algo que é da ordem do gozo pela ausência: sexo sem sexo. Letras, palavras (da ordem do sentido) - registro imaginário. Porque, quanto mais se fala no amor, menos o significante está presente no discurso. Nessa passagem de objeto para sujeito do amor, responder com sua própria falta o que falta ao outro é uma forma inconsciente de driblar a relação sexual e, segundo Lacan (2008b, p. 51) “O que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor”. Por isso, Lacan (2008b, p. 54) recomenda:

Mas o que mereceria ser olhado mais de perto é o que suporta cada um dos sujeitos, não em ser um entre os outros, mas em ser, em relação aos dois outros, aquele que está em jogo no pensamento deles. Cada qual só intervindo nesse terno a título desse objeto a que ele é sob olhar dos outros. (*grifos nossos*)

Em outras palavras, a citação acima quer dizer que se procura o inconsciente nas lacunas das manifestações conscientes e nos seus silêncios. Ou seja, os fenômenos lacunares são indicadores da realidade do inconsciente. Lacan (2008b, p. 119) faz aqui, simultaneamente, o questionamento e a resposta do leitor-usuário:

[...] que relação poderá haver entre a articulação que constitui a linguagem e um gozo que se revela ser a substância do pensamento, desse pensamento tão facilmente refletido no mundo pela ciência tradicional? Esse gozo é o que faz com que Deus seja o ser supremo e que esse ser supremo não possa, Aristóteles *dixit*, ser outra coisa senão o lugar de onde se sabe qual é o bem de todos os outros.

A demanda tanto de Deus quanto do amor instigam o excesso de letras e de palavras que expressam o enunciado de Lacan (2008b, p. 155) “[...] eu defini a relação sexual como aquilo que não para de não se escrever. Aí há impossibilidade. É também que nada pode dizê-la - não há, dentro do dizer, existência da relação sexual”.

O sujeito-leitor em rede mundial (leitor em potencial) interage de forma silenciosa, competitiva. Movida pelo dinamismo energético do olhar do eu ideal e do ideal do eu, em que a autoimagem idealizada do sujeito postador dos enunciados colide não somente com o seu ideal do eu interno como: a rede de normas simbólicas e ideais que o sujeito postador internalizou no decorrer da sua história de vida. Mas também com o ideal do eu externo que o vigia e o impele a dar o melhor de si, ou seja, o ideal que tenta impressionar segundo o modelo vigilante do grande Outro.

Esta luta díspar chega ao seu clímax fantástico com a vingança do supereu imperativo do gozo: “curta, compartilhe, comente.” E a disparada corrida quantitativa de curtidos (dores) se acelera como a inconsciência de espermatozoides na busca de inconscientes óvulos assexuados.

Em relação aos termos freudianos *eu ideal*, *ideal do eu* e *supereu*, Zizek (2010, p. 99-100) sinaliza: [...] “O princípio estruturante subjacente a esses três termos é claramente a tríade de Lacan imaginário-simbólico-real.” Assim com uma fórmula mágica, os três registros lacanianos, cada um em sua especificidade, oferecem possibilidades para se pensar a clínica psicanalítica. Pois, eles são os operadores de leitura dos significantes verbais e não verbais *online*.

O registro imaginário pode conduzir o usuário (leitor) a outros significantes imaginativos ou marginais. Fenômenos do narcisismo, do corpo despedaçado que se faz unidade no espelho do Outro.

O registro *simbólico* se estrutura na ordem da fala, da linguagem em que o sujeito se constitui, marcado por esse grande Outro, “O que é então o grande Outro?” Zizek (2010, p. 53) pergunta e responde:

[...] É o mecanismo anônimo da ordem simbólica, ou um outro sujeito em sua radical alteridade, um sujeito do qual estou separado para sempre pelo muro da linguagem. [...] *A fantasia fornece uma resposta para esse enigma: no seu nível mais fundamental, a fantasia me diz o que eu sou para meus outros.*

A fantasia do amor de namorados diz, nas lacunas dos enunciados, o que ele é para os seus outros, que ele carrega duas heranças. Primeira, a herança cultural e filosófica da Grécia Antiga, que retrata o amor na sua relação intrínseca com a superioridade divina da beleza e do sexo masculino. Porque naquela época a beleza já era Deus. Como se constata nos *Diálogos de Platão em O Banquete* (s/d p. 133-134). Onde:

[...] Sócrates pensa que o amor é simplesmente um desejo, uma privação, percebe que desejo e privação não condizem com o que é perfeito e belo. [...] define o amor como *intermediário*, um grande gênio ao qual cabe transmitir aos homens as ordens dos deuses e aos deuses as preces dos homens, [...] a principal função do amor é a de criar a virtude através da beleza. E a mais alta de todas as virtudes é o saber. [...] Fedro acrescenta que o amor é o mais velho dos deuses... É ele que inspira o bem e impede o mal. [...] Pausânias distingue duas espécies de amor: celeste (almas nobres) e vulgar (homens grosseiros).[...]
Aristófanes vê o amor com comedimento piedoso.

Segunda, o mito de Aristófanes em *O Banquete* (s/d p. 133-134) na origem, os homens eram dotados de órgãos duplos – ágeis e ousados – para atacar o próprio Olimpo. E, então, os deuses enfurecidos resolveram vingar-se e separar os homens em duas metades. “O amor nasceu daí. É a eterna procura, o eterno desejo que os homens sentem de procurar a outra metade que um dia perderam. Quando alguém a encontra, encontra também a felicidade”.

Como se vê, o desejo e a demanda pela beleza, pela felicidade e pelo divino exclui o feio, o velho e o feminino. Por isso, Fedro diz (nas mesmas páginas citadas) que o amor é o mais jovem dos deuses. “Dotado de uma eterna mocidade, foge a tudo que é feio e velho”. Visa exclusivamente a beleza. E, dessa exclusão, nasce o Eros “vulgar e celeste”. Para Platão (s/d, p. 133-134):

O amor vulgar é o Eros da deusa mais moça que, em virtude de sua origem, participa tanto do masculino como do feminino. [...] O outro Eros é o da Afrodite celeste: não participa do feminino, mas unicamente do masculino, e por isso é o amor dos mancebos. É o amor da deusa mais velha, e por isso não se excede na concupiscência, e é por essa razão que os adeptos deste Eros preferem o sexo masculino e nele amam o que por sua natureza é mais forte, mais inteligente.

As semelhanças entre o Eros platônico e o Eros freudiano em relação à superioridade do masculino se tornam evidentes, diante dos

diálogos citados. E, quando confrontados com o primeiro capítulo desta tese: *o pai em Freud*, vem à tona aquela questão da servidão da mulher ao “macho forte” que deu origem à sociedade patriarcal em nome da fidelidade ao amor que se mantém na segunda herança medieval em que o amor cortês da época feudal é, segundo Lacan (2008b p. 75-92), o amor que:

[...] se enraíza no discurso da fidelidade, da fidelidade à pessoa, em último termo, a pessoa é sempre o discurso do Senhor, do Mestre. O amor cortês é, para o homem, cuja dama era inteiramente, no sentido mais servil, a sujeita, a única maneira de se sair com elegância da ausência da relação sexual. [...] O amor cortês brilhou na história como um meteoro, e viu-se retornar em seguida todo o bricabraque de uma pretensa renascença das velharias antigas. O amor cortês restou enigmático. [...] depois do meteoro do amor cortês, foi de uma partitura completamente diferente que veio o que rejeitou à sua fertilidade primeira. Foi preciso nada menos do que o discurso científico, ou seja, algo que não deve nada aos pressupostos da alma antiga. [...] E é dali somente que surge a psicanálise, isto, a objetivação do fato de que o ser falante a falar em pura perda.

Todavia, na palavra de Rodrigué (1995, p. 29):

Freud disse: *Com a palavra amor*, em suas múltiplas acepções, a linguagem criou uma síntese perfeitamente justificada. O termo é usado tanto para designar os lances sensuais concretos, como para os sentimentos do pai com respeito a um filho (narcisismo dos pais) e vice-versa (desejos incestuosos), assim como para falar da identificação entre o líder e seus seguidores (identificação). Sexo é tudo isso e, na polifonia dos sentidos, o termo se enriquece nas mil pequenas mortes do orgasmo. De fato, ele o leva a seu espectro mais amplo: sexo equivale amor. Porque, para ele, o sexo sempre foi mais que genitalidade. [...] Mas ele insiste em dizer sexualidade *para não ceder à pusilanimidade* e também, às vezes, com o intuito de escandalizar. [...] Freud protesta, não compreende porque a palavra em questão promove tanto escândalo.

Por isso, o “amor de namorados” - “eterno amor” – são heranças filosóficas platônicas e arcaicas do pai primevo que, aliadas à civilização e à religião, conduzem o amor nestas duas direções conflitantes, ou seja, o amor como sentimento e, ao mesmo tempo, como valor: um direito que, juridicamente, não poderia ser atribuído às relações afetivas - como mostra o primeiro capítulo desta tese. Neste sentido paradoxal Rodrigué (1995, p. 131) esclarece:

Freud parte da base de que o ego é empobrecido pelo amor. Entre estar amando e o estado de hipnose existe *apenas um pequeno passo* diz em seu *Livro das massas*. E acrescenta: Há a mesma sujeição humilde, a mesma submissão, a mesma postura acrítica..., a mesma debilitação da iniciativa. O amor cria as condições de *massa* naquele que está amando. A supervalorização normal do objeto sexual diminui com o coito e a libido do ego é restaurada na obtenção de gratificação, de maneira que a gratificação sexual afrouxa os relacionamentos sexuais e reduz a necessidade em relação ao objeto amoroso e ao seu valor.

Esta citação fala do estado amoroso como um fenômeno negativo, por representar a luta da pessoa para se livrar do desprazer, da tensão. E, embora a “supervalorização sexual” seja sinônimo de amor, é um amor massificado feminizado. A isso parece somar-se o estatuto problemático do prazer. Pois, se a função essencial do sexo é um alívio de tensão, a ideia de prazer na união torna-se, contraditória, na medida em que o anseio erótico é abolido no momento da realização. Esta ideia de “supervalorização sexual” é similar ao amor vulgar de Eros: a deusa mais moça em o *Banquete*. Mas, como alerta Rodrigué (1995, p. 30):

Este amor ampliado tem sócia na antiguidade - o amor platônico, Platão o pai de Eros. As semelhanças são sugestivas. Ambos veem a amizade como coesão social. Mas o Eros freudiano é radicalmente diferente do Eros platônico. Mais que isso: a ideia psicanalítica da sexualidade serve como crítica à ideia platônica sobre a sociedade. As intenções são diferentes. Para Platão - no *Banquete* - a emoção adquire o ranço de seu objeto; de modo que o amor mais elevado é superior ao mais baixo. Freud não faz essa apologia do sublime.

O sentido da “máxima célebre de La Rochefoucauld” contamina os enunciados que fazem a competição paralela entre a aproximação ou a fuga do sujeito de seus objetos de desejo. Onde, ainda segundo Zizek (2010, p. 97):

[...] a velocidade constante (e distância dele) do objeto-causa-de desejo reside no espaço curvo do desejo: por vezes o caminho mais curto para realizar um desejo e evitar o objeto meta, fazer um desvio, adiar seu encontro. Neste caso o que Lacan chama de objeto a é o agente desse encurvamento: o insondável X que faz com que, quando nos confrontamos com o objeto de nosso desejo, obtenhamos mais satisfação ao dançar em torno deste que nos dirigindo diretamente a ele.

Toda essa dança longeva do amor filosófico e do amor cortês, tecida pelas teorias de Freud, Lacan e Zizek amplifica o paradoxo do mundo retratado por Bauman (2008, p. 102). “A vida repleta de ansiedade e medos”. A nossa sociedade de risco enfrentando “uma tarefa assustadora quando se trata de conciliar seus membros com os riscos e pavores da vida cotidiana”, sinalizados abaixo:

Todos nós, em maior ou menor grau, entendemos o mundo em que habitamos como cheio de riscos, incerto e inseguro. Nossa posição social, nossos empregos, o valor de mercado de nossas habilidades, nossas parcerias, vizinhanças e redes de amigos em que podemos nos apoiar são todas instáveis e vulneráveis - portos inseguros para ancorar nossa confiança. A vida de constante escolha do consumidor também não é tranquila: o que dizer da ansiedade perpétua no que diz respeito à sensatez das escolhas que temos de fazer todos os dias; e da identidade que todos buscamos desesperadamente, com seu detestável hábito de sair de moda bem antes que a descobramos?

“A vida de constante escolha do consumidor” na rede social *Facebook* se instaura como “captura imaginária e lugar do desejo, a relação a um mais além, que é fundamental em toda instauração da relação simbólica”, para além do objeto do amor – o fetiche. Segundo Lacan (1995, p. 159).

AMOR SEXUAL - EM GRUPOS FECHADOS

A metodologia empregada envolveu:

a) Visita e observação do site de relacionamento *Facebook* durante os anos de 2014 e 2015.

b) Para realizar o levantamento dos enunciados em (grupos fechados), sobre o amor sexual, foram digitadas as palavras amor e erótico no campo de busca do *Facebook*, para ter acesso aos principais perfis que apresentaram: “sexo, frases picantes, putaria”.

c) O fio condutor da indagação contínua da hipótese e do objetivo consiste no método indutivo, porque o amor sexual nas páginas temáticas do *Facebook* são sintomas de fetiches da venda de mercadoria.

Todavia, foi percebida certa dificuldade em encontrar material relevante em relação ao tema, porque as políticas do *Facebook* sobre privacidade dificultaram a coleta de dados, pois qualquer informação que este site considere “imoral” é barrada. E o amor sexual ainda é considerado imoral no século XXI.

Sobre a questão de grupos abertos e fechados, Mattar (2013, p. 118-119) esclarece: “[...] grupos são espaços online em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários”. Para ele, é possível criar grupos abertos, privados e fechados. O que ajuda a preservar a privacidade de seus membros e dos temas discutidos. E, por isso, os usuários, em um ambiente mais anônimo como em “grupos fechados”, sentem-se mais à vontade para se exporem.

A pesquisa revelou casos onde a mesma pessoa abordava o assunto no grupo fechado, porém nos grupos abertos, ela agia completamente diferente, criando, no caso, dois perfis sociais e

psicológicos coerentes com a dualidade conflituosa do amor sob o olhar tanto em Freud e em Lacan quanto em Platão. A meu ver, este tipo de contradição também denuncia a forma habitual do *Facebook* driblar a civilização, dissimulando o sentido do termo responsabilidade que, embora banalizado hoje em dia, no passado fez parte de um discurso moral. “Responsabilizar e culpar” sempre estiveram vinculados à cultura erudita e à sociedade patriarcal. Porque, a civilização, necessariamente universal, conflita com os mecanismos de representação dos desejos individuais, que, segundo o olhar da clínica lacaniana, responsabilidade deve vir antes da liberdade.

O público-alvo é generalizado. Isto porque, neste site de relacionamento, o véu que esconde o amor sexual em (grupos fechados) é o fetiche. Através do *marketing* estético de produtos, na sua maioria, femininos, tais como: calcinhas, meias, sandálias e uma série de outros objetos eróticos, faz-se a mediação simbólica entre o masculino e o feminino em que se destacam a imagem do rosto e do corpo.

O nome das páginas são sintomas que falam da relação complexa desse cenário sexual-virtual fetichista. Isto é, a relação do fetichista com seu objeto - que, virtualmente, é uma relação simulada pelos artifícios da publicidade, propaganda e *marketing* como estratégia de venda de produtos íntimos.

Por isso, para realizar o levantamento e análise dos 49 enunciados sobre amor sexual, agrupei-os em três categorias, considerando os nomes das páginas e a quantidade de enunciados em ordem decrescente.

Primeira: “casal sem vergonha”¹¹ - com 25 enunciados

- “O homem começa a morrer na sua primeira experiência sexual.”
- “Se o café tem que ser quente... O resto tem que pegar fogo!”
- “- DRAMA, + CAMA”
- “Amar é sempre ter calma, alma, cama e beijos para quem a gente ama.”
- “Me leva pro teu quarto que eu te levo pro céu.”
- “Por um mundo com MENOS reclamações e MAIS gritos de prazer! Eu apoio os vizinhos que transam!”
- “A gente nunca sabe se vai durar uma noite ou uma vida toda.”
- “De acordo com o Kama Sutra, fazer amor é uma forma de arte – O que você tem feito para aprender mais a fundo?”
- Vem me fazer feliz porque eu te amo.
- “Só o riso, o amor e o prazer merecem revanche. O resto, é mais que perda de tempo... É perda de vida.”
- “vai gozar, cara, quanto mau humor”
- “A vida é para beijos profundos, aventuras estranhas, conversas aleatórias e caminhadas sem destino.”
- “Eu sou a favor da pegação.”
- “Adoro o jeito que você me provoca...”
- “Sexo bom é sexo sem roteiro.”

11 <https://www.facebook.com/casalsemvergonha/photos/pb.116646285074738.-2207520000.1417123948./743273729078654/?type=3&theater>

- “Não deixe para amanhã os beijos que pode dar hoje.”
- “Pede-me a noite mais louca da tua vida.”
- “43% das mulheres nunca fizeram sexo anal.”
- “Orgasmo, vem em mim.”
- “Eu sou seu, do jeito que você quiser.”
- “Faça amor, não faça joguinhos!”
- “O corpo inteiro é uma fonte de prazer.”
- “A única linguagem verdadeira no mundo é o beijo.”
- “Hoje estou com uma vontade louca de uma pegada violenta.”

Segunda: “mensagens picantes com um toque provocante”¹²
- com 18 enunciados

- “Homem que é homem faz a mulher molhar a calcinha, e não os olhos.”
- “A sugestão desperta mais interesse... O sexo começa na mente!”
- “-Kerqu’t Chup?”
- “Nem todas as coisas doces fazem você engordar.”
- “Um amor vai curando o outro, até que a gente encontre um que não machuque, que não maltrate e que não deixe o próximo existir.”

¹² <https://www.facebook.com/MensagensPicantesComUmToqueProvocante/photos/pb.519975084695916.-2207520000.1415928409./706202522739837/>

- “Mulher gosta de HOMEM que tem pegada!!”
- “Queria você, aqui, agora”
- “Não faça fofoca, faça sexo!”
- “Sabia que sexo é a cura para dores de cabeça?”
- “Estudo mostra que sexo deixa as pessoas mais inteligentes.”
- “Quando rola química, a física é sensacional!”
- “Quando a vontade bate, hora e lugar é o de menos!”
- “Vem bagunçar a minha cama, vem tirar o meu sossego.”
- “Todos desejam que o amor seja doce e o sexo picante!”
- “Se você não tem coragem, não adianta ter vontade.”
- “Sexo de manhã faz bem pra saúde.”
- Certas coisas não se planejam... Só acontecem.”
- “- VIOLÊNCIA, + ORGASMO”

Terceira: “amor putaria”¹³ - com 06 enunciados

- “Dizem que sexo prolonga a vida. Vem que te faço imortal.”
- “Na cama a gente se entende.”
- “Enrosca meu pescoço, dá um beijo no meu queixo e gême!”
- “Anota aí: Ainda vamos passar muitas noites dormindo juntinhos.”

¹³ <https://www.facebook.com/amorputaria/photos/pb.219234928167636.-2207520000.1417125844./575154689242323/?type=3&theater>

- “Você fez questão de abrir meu apetite. Agora eu faço questão que mate minha fome!”
- “Coisa boa, é sexo no chuveiro.”

Os enunciados verbais, nas três categorias, separados de seus objetos, indicam, apenas, sintomas do desejo de sedução. Porque, segundo Lacan (1995, p. 158):

“[...] o desejo aparece como metáfora do amor, mas o que o agarra, a saber, o objeto, este aparece como ilusório, e na medida que é valorizado como ilusório. [...] o famoso *splitting* do ego, quando se trata do fetiche, nos é explicado com o argumento de que a castração da mulher é ali ao mesmo tempo afirmada e negada. Se o fetiche está ali é porque ela, justamente, não perdeu o falo mas ao mesmo tempo pode-se fazê-la perdê-lo, isto é, castrá-la. A ambiguidade da relação com o fetiche é constante, e incessantemente manifestada nos sintomas.”

Quais os sintomas que os enunciados manifestam nas três categorias? Os sintomas da: perda, incompletude, ausência-presença, fome insaciável, imortalidade, inconstância, coragem, doçura, imprevisibilidade, atemporalidade, corpo, orgasmo, arte. Tudo isso para provar este enunciado: “Só o riso, o amor e o prazer merecem revanche. O resto, é mais que perda de tempo...É perda de vida.” Isto acontece, porque, segundo Lacan (1995, p. 158) “[...] desde que se coloca a cortina, sobre ela se pode pintar alguma coisa que diz: o objeto está para além. O objeto pode então assumir o lugar da falta, e ser também como tal, o suporte do amor.” Neste sentido, Lacan (1995, p. 160) esclarece:

“[...] o fetiche é de certa maneira imagem, e imagem projetada, é que esta imagem não passa do ponto limite entre a história, na medida em que esta continua, e o momento a partir do qual ela se interrompe. Ela é o signo, a referência do ponto de recalque. [...] É por uma metáfora que o amor se transfere ao desejo que se apega ao objeto como ilusório, ao passo que a constituição do objeto não é metafórica, mas metonímica. Ela é um ponto na

cadeia da história, lá onde a história se interrompe. Ela é o signo de que é ali que começa o mais-além constituído pelo sujeito.

Nas páginas temáticas sobre o amor sexual esta imagem a que Lacan se refere acima, é por excelência, a imagem do rosto. Isto porque, para Aristóteles, na visão de Lacan (2008b p. 68-69): “[...] no ver reside o prazer supremo”. Em decorrência, na era da comunicação visual, a linguagem do corpo é a linguagem do rosto. Toda cultura visual das mídias, com ênfase na rede social *Facebook*, gira ao redor do corpo. Isto é, o rosto como grande concentração do corpo inteiro como nos apresentam os grupos fechados. Cada detalhe do rosto, a técnica das expressões e dos comportamentos, a arte da maquiagem, o tipo de penteado: tudo é o resultado de um trabalho imenso que se vê empenhado nos estúdios e na pesquisa dos grandes meios de entretenimento como Lacan (2008b, p. 99) complementa:

[...] o gozo só se interpela, só se evoca, só se suprema, só se elabora a partir de um semblante, de uma aparência. [...] Mesmo o amor se dirige ao semblante. E, se é verdadeiro que o Outro só se atinge agarrando-se ao *a*, causa do desejo, é também do mesmo modo à aparência de ser que ele se dirige. Esse ser aí não é um nada. Ele é suposto a esse objeto que é o *a*. [...] Esse imaginário, eu o designei expressamente com o *I* aqui isolado do termo imaginário. Não senão da vestimenta da imagem de si, que vem envolver o objeto causa do desejo, que sustenta mais frequentemente - é mesmo a articulação da análise - a relação objetual.

Neste sentido, a pós-modernidade evidencia o rosto como dissimulação, fingimento, onde, através da máscara, é possível transitar do conhecido ao desconhecido; do eu ao outro; do cotidiano ao inusitado; do móvel ao imóvel; do falado ao silencioso. Ou seja, a máscara como decalque, como caveira. Diviniza e animaliza o homem em sua busca fisionômica, ela realiza aquele salto triplo, identificado como essencial, para quebrar as correntes que separam as ordens do divino, animal e homem.

A caveira é, então, a coisa que permite a ruptura do limite: ela é o território a ser conhecido infinitamente, para poder fixar a extrema variabilidade por trás daquilo que parece sempre igual. Cada erro e cada dor do passado histórico configura-se no rosto, aliás na caveira de um rosto. E, para Caillois (1981, p. 105): “a função das máscaras é o que se pensa capaz de fortalecer, rejuvenescer, ressuscitar”. A meu ver, máscara é um protesto contra a insuficiência do eu do usuário de conviver com o seu desejo em relação à alteridade, para viver o desejo de ser muitos eus virtualmente. Rompendo a identidade, a unicidade do ego, seja em relação à temporalidade, para impedir a decadência da própria imagem e realizar o outro grande desejo, seja para ser imutável e indestrutível como imagem. Isto é: a máscara como uma cortina que se abre sobre a caveira. Logo, em cada máscara, há essa contemporaneidade que, ao mesmo tempo, mostra-escondendo como nos grupos fechados. E como bem explica Zizek (2010, p. 46):

O hiato entre minha identidade psicológica direta e minha identidade simbólica (a máscara ou título simbólico que uso, definindo o que sou para e dentro do grande Outro) é o que Lacan (por razões complexas que podemos ignorar aqui) chama de *castração simbólica*, tendo o falo como seu significante. Por que o falo é, para Lacan, um significante e não simplesmente o órgão de inseminação? Nos rituais tradicionais de investidura, os objetos que simbolizam poder também põem o sujeito que os adquire na posição de exercer poder.

O enunciado: “O homem começa a morrer na sua primeira experiência sexual.” na página “casal sem vergonha” - parece ilustrar bem esta citação de Zizek: Este enunciado verbal vem junto ao não verbal: 4 mulheres nuas carregando um caixão de defunto - duas mulheres na frente e duas atrás. Os bicos dos seios de cada uma das mulheres - desveladamente pontudos – são símbolos fálicos que, paradoxalmente, imortalizam a vida do morto homem.

Ou, talvez, o meu olhar já esteja fálico. Pois, vejo também se “sobressaindo para sempre como uma prótese excessiva, incoerente”, o próprio caixão de defunto. Olhando este caixão na foto (antes de excluí-lo do enunciado) e, lembrando do formato de todos os caixões de defunto, na realidade, olho-o como o único objeto que exhibe o corpo humano após a morte: o caixão. Laureado de flores e brilhos como “uma espécie de órgão sem um corpo” motivo de fascínio e de horror, “um tipo de insígnia” tal como o próprio falo. Zizek parece confirmar esta minha suposição quando diz:

Assim temos de pensar no falo não como o órgão que expressa imediatamente a força vital de meu ser, mas como um tipo de insígnia, uma máscara que uso do mesmo modo que um rei ou um juiz usa suas insígnias - o falo é uma espécie de órgão sem um corpo que eu visto, que fica preso ao meu corpo, mas nunca se torna uma parte orgânica, *sobressaindo para sempre como uma prótese excessiva, incoerente* (ZIZEK, 2010, p. 47).

Como se vê, o falo como máscara carrega uma inquietação atrativa que envolve a humanidade refletida na rede social *Facebook*, em que o corpo se apresenta como obsessão. Uma obsessão que fala com loquacidade. Ininterrupta e sempre. Mais fragmentada, numa multiplicidade de estilos de vida e de códigos corporais. É a história do rosto como controle da expressão ou da cultura contemporânea, onde tudo que permite a abordagem da realidade resta enraizado na fantasia. Isto significa que as emoções que são encenadas através da máscara (a falsa persona) podem, de uma forma estranha, serem mais autênticas e verdadeiras do que se admite sentir em seu foro íntimo. Como esclarece Zizek (ibid., 47):

Quando construo uma falsa imagem de mim que me representa numa comunidade virtual de que participo (em jogos sexuais, por exemplo, um homem tímido muitas vezes adota na tela a persona de uma mulher promíscua e atraente), as emoções que sinto e finjo como parte do meu personagem não são simplesmente falsas: embora (o que eu considero como) meu ver-

dadeiro eu não as sinta, elas são contudo verdadeira em certo sentido. Paradoxalmente, é o próprio fato do usuário estar ciente de que, no ciberespaço, ele se move dentro de uma ficção que lhe permite expressar ali seu verdadeiro eu - é isso, entre outras coisas, que Lacan tem em mente quando afirma que “a verdade tem a estrutura de uma ficção”.

O usuário na página: “Mensagem Picante com um Toque Provocante” parece dizer algo que se assemelha a esta citação no enunciado: “A sugestão desperta mais interesse... O sexo começa na mente!” Os significantes sexo e mente trans(versam) os tornozelos femininos cruzados, destacando a beleza estética da calcinha e da sandália pretas “com um toque provocante” - como sugere a página. Ou seja, o sexo virtual como sexo sem sexo e sem o rosto “[...] a realidade virtual é experimentada como realidade sem o ser. Tudo é permitido, você pode desfrutar tudo - com a condição de que tudo seja privado da substância que o torna perigoso”, conclui Zizek (2010, p. 51) e Lacan (1995, p. 158) complementa:

[...] a relação do homem com tudo o que cativa, isso não ocorre, sem dúvida, sem alguma razão, mas está certamente ligado ao sentimento que ele tem de uma certa ilusão fundamental em todas as relações tecidas por seu desejo. É nisso mesmo que o homem encarna, idolatra seu sentimento deste nada que está para além do objeto do amor.

Segundo Clóvis Pereira (2013, p. 112-114) “[...] desde a etimologia – o feitiço como atribuição de poderes abstratos a objetos ou seres que não os têm *a priori*. Parte também desse ponto a compreensão materialista do fetiche da mercadoria”. Na equivalência cultural e histórica do termo fetiche ou feitiço feita pelo autor, dois sintomas são relevantes à convergência do amor ao declínio do pai:

Primeiro, o fetiche curiosamente catalogado como substantivo feminino. Segundo, o fetiche ser desembarcado no Brasil como apresentação de bruxaria e de feitiçaria, associado ao estranhamento

causado por certas práticas ligadas ao feminino no discurso cristão. Uma vez que feitiçaria e bruxaria constituem o padrão de recalque do discurso masculino cristão. Neste sentido, os dois sintomas apontados por Clóvis Pereira, se refletidos à luz de Freud em Totem e Tabu (2013, p. 121):

[...] recorrem à derradeira fonte do totemismo, ou seja, a incerteza dos selvagens quanto ao processo pelo qual homens e animais se reproduzem. Em especial a ignorância do papel dos machos na fecundação. Tal ignorância deve ser favorecida pelo longo intervalo entre o ato da fecundação e o nascimento da criança (ou a sensação dos primeiros movimentos da criança). Por isso o totemismo é uma criação do espírito feminino, não do masculino. Suas raízes estão nos caprichos (fantasias doentes) da mulher grávida. Tudo que impressionou a mulher naquele misterioso momento de sua vida, quando ela primeiramente se deu conta de ser uma mãe, pode ser facilmente identificado por ela com a criança que tem no ventre. Tais fantasias maternas, tão naturais e tão universais, parecem ser a raiz do totemismo.

Todavia, Freud (2013 p. 127) ressalta que:

[...] não há uma aversão natural ao incesto como se supõe. Mas sim um instinto natural para ele, e que se a lei o reprime, como reprime outros instintos naturais, assim o faz porque os homens civilizados chegaram à conclusão de que a satisfação desses instintos naturais é nociva aos interesses gerais da sociedade.

Com ênfase, a sociedade capitalista, a corruptora da própria imaginação humana através do fetiche. E isto se deve à produção industrial e à cultura de massa que expulsaram as massas trabalhadora e consumidora do processo de produção. Por isso, para Le Bon *apud* Rodrigué (1995, p. 31): “[...] Sua Psicologia das massas parte da base de que todo homem numa multidão perde sua individualidade para incorporar uma parcela de alma coletiva, amorfa, animalesca, acéfala”.

Isto quer dizer que, sustentado pela cultura de massa, uma grande quantidade de indivíduos distintos vai perdendo a

espontaneidade da comunicação e de questionamento, resultando numa massa homogeneizada que reage a formas padronizadas de estímulos externos no sentido determinado pelo hipnotizador (o pai consumo) que, sabiamente, usou o poder da imaginação humana para criação e atração do fetiche mercadológico através das escolas de publicidade, propaganda e *marketing*, que apelam para a sedução da linguagem - transformadora de mercadorias em irresistíveis fetiches amorosos agregados ao corpo - como nos grupos fechados rastreados. Isto porque a beleza é o delírio da massa. Haja vistos os padrões de beleza consagrados pelas mídias. Diante disso, a maioria dos enunciados apresentados em grupos fechados refletem o padrão de beleza em vigor em nossa sociedade, comprovando que o julgamento ou escolha de um parceiro para “curtir” ou “compartilhar”, sexualmente, leva em conta a sexualidade decorrente da beleza como padrão de consumo. Porém, esse critério, idealizado socialmente, não está dito verbalmente, mas visualizado nas formas e nas vestes dos corpos.

Tanto na filosofia antiga quanto na psicanálise freudiana, o amor não é um sentimento, um signo icônico. Mas um signo dual, indicial de uma eterna demanda de beleza e de felicidade – sintomas do preconceito revestidos pelas linguagens não verbais: sedutoras tentações expressas pelo *marketing* do amor na máscara dos faces como o fetichismo da mercadoria.

Em se tratando dos enunciados transcritos, onde estão os malefícios do fetiche mercadológico? A análise evidencia dois modos divergentes de ver o fetiche. O fetiche sinaliza os malefícios do enigma do contágio disseminado pelas mídias, inclusive nos grupos fechados, que sopram a faísca desejante para o grande Outro como desejo pelo outro; desejo de ser desejado pelo outro; e, especialmente, desejo pelo que o outro deseja, como a inveja e o ressentimento, elementos constitutivos do ser humano que o assujeitam ao *marketing* do consumo. Neste caso, há uma retrospectiva a Freud (2011a, p. 87-88)

“[...] o pai primevo como hipnotizador que, de posse de um poder misterioso, rouba ao sujeito a vontade própria, através da hipnose do olhar” como no caso das postagens. Para Zizek (2010, p. 116):

[...] O fetichismo da mercadoria (nossa crença de que mercadorias são objetos mágicos dotados de um poder metafísico inerente) não está situado em nossa mente, na maneira como percebemos (ou distorcemos) a realidade, mas em nossa própria realidade social.

Se a mercadoria fetichista estrutura a fantasia do desejo humano, sem que ele tenha consciência de que o seu desejo foi roubado e transformado em sintomas criadores de necessidade e de convicção de compra, tanto o usuário quanto as mercadorias que ele anuncia são fetiches da tela com a mesma curiosidade exótica ou ingenuidade infantil. E, dessa forma, rompem a semântica que separa sujeitos de objetos. Têm corpo e alma. Um *sex-appeal*. A dimensão visual cria um valor acrescido entre o corpo da mercadoria e o corpo do consumidor-usuário. Vivifica novas formas de fetichismo. Multiplica o valor das coisas com seu espectro. Porque o amor como sentimento, ao ser polido como arte, ele se torna um fetiche. Mas o icônico do sentimento é algo inatingível e tudo que o ser humano não entende se esvai ao feitiço. Paradoxalmente, é um grande consolo para a humanidade, porque sendo assim, o feitiço amoroso nunca vai acabar.

O problema consiste quando o sentimento amor é deslocado para a mercadoria, um produto. Como valor, apenas, de sedução. Como é o caso do amor em grupos fechados e em todas as propagandas onde o amor é confundindo com o poder de compra dos objetos que os corpos vendem. É neste sentido que o fetiche aliena, porque além de ocultar o trabalhador no produto trabalhado contraria a noção de sujeito em favor da noção de consumidor. E o amor se torna um mediador, consumível, na relação com o Outro. Neste caso, são as mercadorias que enfeitam os usuários e os enunciados de amor postados. Ou seja, o amor é mediado pelo fetiche da mercadoria

sofisticadamente elaborado para enfeitiçar. Isto porque, a tríade: amor, arte e fetiche sempre esteve sob a mira do divino e do demoníaco. Como bem ilustra o enunciado “Eu sou seu, do jeito que você quiser.”

Todavia, os sintomas do feitiço na atualidade são incontroláveis, porque são anônimos e poderosos. Trata-se de uma feitiçaria em rede onde o termo fetiche não tem mais pátria. Nivela religião, economia, publicidade e propaganda e *marketing* como mágicos capazes de dar vida, voz e eternidade aos objetos efêmeros - criadores da ilusão de que todos precisam.

Fetiche ou feitiço, ele continua sendo o substantivo feminino porque representa o objeto do desejo: a mãe. Mas onde os olhos do pai primevo caem é no poder de consumo que nivela pessoas e mercadorias. Porque, na contemporaneidade, tanto as pessoas como as mercadorias têm uma vida social própria. Elas não são mais objetos, mas plenamente sujeitos. Possuem uma individualidade inscrita em suas formas, em seus empregos, em suas idades. Também nascem, amadurecem, envelhecem, adoecem e morrem. Têm nomes, parentescos, genealogias, evoluções e mutações, sensibilidade e inteligência, uma biografia. Um corpo cheio de símbolos e sinais. São fetiches. São animadas. As mercadorias têm corpo e alma. Normas de atenção, repulsa, não somente para consumidores culturais, mas também entre si. Certas coisas ficam bem juntas: amantes. Outras acostumam-se a ficar juntas como velhos cônjuges. A dimensão visual cria um valor acrescido entre o corpo da mercadoria e o corpo do consumidor. Vivifica novas formas de fetichismo. Multiplicam o valor das coisas com o seu espectro - tudo isso como foi bem mostrado pelo I e pelo II *Simpósios Internacionais - A Vida Secreta dos Objetos: ecologias da Mídia* em 2012 e em 2015 na PUC-SP.

Neste paralelismo amoroso do consumidor-mercadoria, considerando os grupos (fechados), faz-se necessário enumerar

quatro pontos dialógicos segundo Lacan (2008b, p. 44): o gozo, o Outro, o signo, o amor.

[...] o gozo do outro simbolizado pelo corpo, não é signo do amor [...] ali está como o pivô de tudo que se instituiu pela experiência analítica - o amor, há muito tempo que só se fala disso. Será que preciso acentuar que ele está no coração do discurso filosófico [...] como o que ele é, uma variante do discurso do Senhor. [...] O homem, uma mulher, não são nada mais que significantes. E daí dizer enquanto encarnação distinta do sexo, que eles recebem sua função. [...] O Outro, na minha linguagem, só pode portanto ser o Outro sexo.

Interessante, também, é o questionamento que Lacan (2008b, p. 45) faz a seguir:

O que há com esse Outro? O que há com sua posição em vista desse retorno pelo qual se realiza a relação sexual, isto é, um gozo, que o discurso analítico decantou como função do Falo, cujo enigma resta inteiro, pois ela só se articula por fatos de ausência? Pode igualmente dizer que o amor visa ao ser, isto é, aquilo que, na linguagem, mais escapa - o ser que, por um pouco mais, ia ser, ou, o ser que, justamente por ser, fez surpresa. E pode acrescentar que esse ser é talvez muito próximo do significante sê-lo, é talvez o ser no comando, e que aí há o mais estranho dos logros. Não é também para nos comandar que interrogamos no que é que o signo se distingue do significante?

Segundo o meu ponto de vista, o enigma da função do falo “resta inteiro, pois ela só se articula por fatos de ausência”, a mulher como mercadoria patriarcal, o avesso do fetiche. Ou seja, “O que de mais famoso, na história, restou das mulheres é, propriamente falando, o que delas se pode dizer de infamante”. Diz Lacan (2008b, p. 91) e graças à Lacan, minha memória foi buscar, não muito longe, as infâmias do dote que, até o século XX, destinou a mulher como a pior mercadoria (sem fetiche). Aquela, cruelmente, encomendada pelo comprador-marido em potencial. O dote, como foi chamado o montante de dinheiro ou bens que o pai ofertava ao candidato comprador da filha. O dote é a

mais cruel desvalorização da mulher na história da humanidade. No nordeste o dote ainda está vivo no registro da dor de muitas mulheres que passaram por esta infamante tortura até há pouco tempo.

O bordel, eu o vejo como a contradição do dote. Porque ele é o mercado da fantasia do macho, para ser capaz de suportar o dote (a mulher) e preservar a “boa família” aos olhos da sociedade patriarcal.

As mídias, como representantes das revoluções científicas, tecnológicas e da mulher, revolucionaram o dote e o bordel numa só indústria, a do consumo do amor, onde a mulher negocia a roupagem de sua imagem de venda pelos encantamentos do fetiche, criado graças às tecnologias dos cosméticos, da moda e da imaginação dos publicitários e marqueteiros que a modela como extensão de produtos estéticos, ou seja, como o nivelamento de valores capitais que sustentam a emancipação feminina em todos os níveis socio-econômicos.

A rede social *Facebook*, como rede mundial, simuladamente, nivela homens e mulheres. Ambos fetichizáveis como mercadorias culturais: plurais, fragmentárias, competitivas, dissipadoras, descentralizadas, conjuntas e conflitantes, global e local ao mesmo tempo. Por isso, navegar na hipermídia *online* como na rede social *Facebook* exige do navegante (usuário) uma sinfonia dos sentidos tão admirável que Santaella (2007, p. 255) chamou de “estéticas tecnológicas”.

Portanto, a estética, nesse caso tecnológica, está voltada para o potencial que os dispositivos tecnológicos apresentam para a criação de efeitos estéticos, quer dizer, efeitos capazes de acionar a rede de percepções sensíveis do receptor regenerando e tornando mais sutil seu poder de apreensão das qualidades daquilo que se apresenta aos sentidos.

Já os grupos fechados ao (amor sexual), como mercadorias visuais, são caracterizados, ecologicamente, por uma circularidade contínua entre o nível tecnológico e o nível aurático, porque multiplicam o valor das coisas com seu espectro. E tanto para o usuário quanto para

a mercadoria, o drama está nas incertezas de avaliação e de identidade. Porque para desenvolver o ponto de vista da reflexão reflexiva, fundada na percepção do olhar, na sensibilidade do ver, o usuário torna-se olhar, faz-se olho. E diante desse presente ocular - entremeado de passado infamante e de audacioso futuro em relação à mulher - eu reitero a pergunta de Freud apud Rodrigué (1995, p. 128): “O que quer a mulher?”

Eis que no século XXI, exatamente no dia 24/09/2015, no *Jornal Hoje* em reportagem de Danilo Vieira, vejo e ouço uma menina de 17 anos de idade, selecionada para falar na Assembleia Geral da ONU, anunciar, corajosamente, a resposta que ressuscitou um século de Freud:

- “Eu vou dizer ao mundo: não quero mais ouvir”;
- “Não pode fazer isso ou aquilo porque você é menina”.
- “Isso é o mais importante que eu vou falar na ONU” - acrescentou ela ao repórter.

Por que o que mais indigna a garota, é, ao mesmo tempo, o mais importante para ela? No meu modo de ver, a importante indignação da garota consiste no paradoxo de uma sociedade globalizada, tecnológica e pós-moderna que exercita o discurso das velharias antigas como na “putaria” do amor sexual em (grupos fechados) e no “[...] meteoro do amor cortês... restou enigmático...” (LACAN, 2008b, p. 92), no amor de namorados em páginas públicas que “não para de não se escrever” sobre o amor da alma antiga.

Por que Freud fez aquela pergunta? Lacan responde (2008b, p. 105) “[...] se a libido é apenas masculina, a querida mulher, não é senão de lá onde ela é toda, quer dizer, lá de onde o homem a vê, não senão de lá que a querida mulher pode ter um inconsciente”.

O que se sabe é que a vida profissional de Freud sempre esteve permeada de mulheres. Todas figuras históricas no desenvolvimento da psicanálise. E mesmo em 1910, quando a psicanálise era um assunto de homens, ele acolheu Margarete Hilferding - a primeira mulher aceita na Sociedade de Viena. Mas, mesmo assim, segundo Rodrigué (1995, p. 130):

Para Freud, a superioridade do homem era assunto pacífico, chegando até a falar do masoquismo natural da mulher. Ela era a campeã do narcisismo, junto com os gatos, as crianças e os criminosos. [...] Acontece que, com sua insistência na inveja do pênis como força central do desenvolvimento e do caráter da mulher, ele descreveu a feminilidade inteiramente à sombra da masculinidade. [...] Freud reproduz o *protesto masculino*, característico de seu tempo e lugar. [...] cumpre uma função teórica vital para seu conceitual, na medida em que ele considera um monismo libidinal.

Talvez, seja ainda esta renitência secular do protesto masculino que oprime o corpo da mulher e o reveste com fetiches de produtos impressos nos seus próprios corpos. Ao escrever online o que corpo secularmente cala: as vestes de sedução do masculino. Elas são as mais cuidadas e as mais descuidadas. Porque o pudor que cobre os encobre em grupos fechados, em linguagens do *marketing* da moda do amor que impõe o peso, a altura, as formas e os gestos artísticos tecnológicos impostos pelos padrões de consumo. Por isso, o corpo (em grupos fechados) cala a realidade social de cada dia porque não alcança o modelo perfeccionista exibido pelo fetiche do produto (mercadoria). O pêndulo que regula este fetiche é cruelmente paradoxal. Ele eleva o consumidor-usuário tanto às elevadas doses de alegria quanto às de frustração. Porque a realidade ficcional se desloca para a técnica e se afasta do ser humano. O indivíduo perde o equilíbrio entre ele e o que a sociedade espera dele.

Paradoxalmente, (em grupos fechados) o corpo fala da alforria do corpo, do amor presencial, das enfermidades e das deformidades

físicas, da má aparência, do cheiro avassalador em todos os sentidos, dos ínfimos detalhes e toques imbuídos da fala: magnetismo da atração ou da repulsão casual. Paradoxalmente, ainda, o corpo fala que tanto no mundo presencial quanto no mundo virtual, esta cruel dialética do sexo assujeitada ao desejo e ao gosto do Outro constitui e sustenta a dinâmica do mundo em todas as esferas. Mas, o corpo cala (penosamente) a tremenda dificuldade de expressão, sobretudo do amor e de como podemos viver o amor. E o pavor oriundo da dificuldade de cada qual sustentar seu desejo. Pois, sendo este desejo singular, não compartilhável, atrai, com facilidade, a fantasia da exclusão, de ser abandonado pelo grupo, tribo ou bando a que pertence.

Essa é a nova forma de tratamento da angústia que a psicanálise propõe ao homem: levá-lo a sustentar o seu desejo, ou seja, a não ceder no que deseja. Para atingir esse ponto é necessário atravessar o conforto das soluções coletivas fantasmáticas. E ter a coragem de assumir a sua singularidade.

O fantasma é o sentido utilitarista do desejo do corpo. Do corpo-vestido com índices de venda de produtos. Sintomas que calam o corpo e anunciam o mal-estar, como impossibilidade de dizer, de narrar e de nomear. Daí os clichês moralistas das páginas temáticas: "sem vergonha, putaria"... Palavras antigas carregadas de preconceito. Mas são elas as ideias de compatibilidade possível entre o homem e a civilização. Porque: "[...] falar do desejo é falar da tese do conflito, que se sustenta na ideia de que há sempre um resto na relação com a civilização. Um resto promotor do desejo". É o que diz Forbes (2013, p. 51). Lacan (2008b, p. 57-61) confirma esta citação: "Em relação a Aristóteles e Freud: *a Outra Satisfação*". E mais:

Todas as necessidades do ser falante estão contaminadas pelo fato de estarem implicadas com uma outra satisfação - à qual elas podem faltar. [...] A outra satisfação é o que satisfaz no nível do inconsciente - e na medida em que ali algo se diz e não se diz, se é verdade que ele é estruturado como uma linguagem

que se esclarece sem dúvida por se colocar como aparelho do gozo. Mas inversamente, talvez o gozo mostre que, em si mesmo, ele está em falta - pois, para que isto seja assim, é preciso que alguma coisa, de seu lado, manque.

O que manqueja é a sexualidade, por isso que os grupos fechados recorrem ao utilitarismo ou às velhas palavras para nomear as páginas temáticas referentes ao sexo e aos enunciados. Como diz Lacan (2008b, p. 65-66) “[...] Sabe-se para o que elas servem, para que haja o devido gozo. [...] e que esse não para de não se escrever é a sua articulação”.

Não sei se estou certa em dizer que os enunciados amorosos na rede substituem a carta de amor e, talvez, as cantigas de amigo e de amor na Idade Média. Não são a relação sexual. Ambos giram em torno do fato de não haver relação sexual. Segundo Lacan (2008b p. 63) “[...] o homem, a maneira masculina de girar em torno e, a mulher como da maneira feminina, isto se elabora pelo não-todo”. Lacan (2008b, p. 67) conclui:

Em suma, esse gozo, se ele vem àquele que fala, e não é por nada, é porque é um prematurozinho. Ele tem algo a ver com essa famosa relação sexual que se tem oportunidades demais de perceber que ela não existe. [...] a gente recalca, o tal gozo, porque não convém que ele seja dito. E tudo isso tem relação com o utilitário. Isso torna vocês capazes de servir para alguma coisa, e isto por falta de saber gozar de outro modo que não o de ser gozado, ou jogado, pois é justamente o gozo que não deveria, que não seria preciso.

Servir “para alguma coisa” na rede social (em grupos fechados) - “em suplência à relação sexual” - é ser útil ao *marketing* estético de produtos como recalque do gozo. Zizek (2010, p.34) esclarece, abaixo, de forma brilhante, esta questão do gozo utilitário quando se refere à interatividade e à interpassividade no ciberespaço, como ele:

[...] dá à grande maioria das pessoas a oportunidade de escapar do papel do observador passivo que acompanha o espetáculo encenado por outros, e de participar ativamente não

só do espetáculo, mas, cada vez mais, do estabelecimento das regras do espetáculo. [...] O outro lado dessa interatividade é a interpassividade. A contraparte da interação com o objeto (em vez do acompanhamento passivo do espetáculo) é a situação em que o próprio objeto tira de mim minha passividade, priva-me dela, de tal modo que é o objeto que aprecia o espetáculo em vez de mim.

Isto é bem o que acontece com o fetiche nos grupos fechados. Os objetos em propaganda apreciam o espetáculo do sexo pelos usuários. Como ironia, os usuários gozam através da leitura interpassiva de toda parafernália fetichista das mercadorias. É importante realçar que esta leitura interpassiva de Žižek é muito coerente com a hipótese desta tese sobre o declínio do pai que tão bem se relaciona ao amor sexual em grupos fechados no Facebook. O que só agora torna compreensível a dificuldade imposta pelo site à pesquisa do tema: amor sexual que, no ciberespaço, nos leva à noção de “falsa atividade”, porque os usuários não agem para mudar alguma coisa na civilização em relação ao amor na convergência sexual do declínio do pai. Ao contrário, parece que a aparência de liberdade sexual na rede social, sustentada pela simulação dos enunciados, acontece de modo que nada venha a mudar.

Neste sentido, a aculturação, aliada à *cibercultura*, dissimula a cultura erudita, como sustento da sociedade patriarcal, ao mesmo tempo que simula a tese da harmonia como vencedora. Porque a maior nação do mundo que tem o poder econômico, o poder bélico, continua determinando como as pessoas devem amar, falar, abraçar...

Assim, o desejo do homem não podendo ser universalizado, padronizado, denuncia a vigilância opressora pelo ridículo. Daí a contradição da liberdade sexual ser tema e voz de muitos usuários. Pois, quando têm que enfrentar publicamente a exposição desses valores, as pessoas se omitem, se escondem atrás de falsos perfis. E aqueles que ainda ousam se expor, de forma explícita, se veem cercados de críticas do próprio círculo de amizades.

Assim como, na realidade presencial, parece que o amor, mesmo diante de tantas transformações no mundo feminino, ainda prevalece (celeste, sagrado, santo). Logo, esta pergunta se faz necessária: do que falamos quando falamos do amor sexual? Falamos da necessidade intensa de liberdade do ser humano. Asfixiado pelas restrições da civilização, que a rede social *Facebook* dissimula tão bem. Liberdade, no cibersexo, é um antagonismo à sexualidade, porque mesmo que a internet simule liberdade entre os membros da comunidade ciberespacial de maneira libidinal, libera apenas a energia dos neurônios, ao mesmo tempo em que bloqueia a energia afetiva do corpo no ato sexual, que exige atributos transcendentais ao universo financeiro, intelectual e estético e, por isso mesmo, são atributos tão difíceis de carregar e praticar corpo a corpo com felicidade.

De certa forma, talvez, esta necessidade intensa, do homem civilizado de postar sobre sexo nas redes sociais, seja a de libertar-se do seu próximo terrestre que é o seu próprio estranho. Assim, simulando o amor no cibersexo, (em grupos fechados) sem o sentir tátil, olfativo, gustativo e audiovisual do outro, o usuário esteja não só simulando sexo, mas também simulando a prática da máxima mais antiga e gloriosa, reivindicada pela civilização e pela religião: “amar ao próximo como a si mesmo”. Exigência esta que, segundo Freud (2002, p. 70) “já em tempos históricos, ainda era estranha à humanidade”.

A verdade é que, diante de tanta infelicidade nas relações amorosas no espaço terrestre, o homem ou a civilização encontrou o seu aliado mais próximo: o *Facebook*. Efêmero, lúdico, cúmplice e ajudante nas horas impróprias de hostilidades e antipatias e, portanto, um prolongador do prazer e do desejo, sem os rastros lineares de obrigações desgastadas pelo tempo das tradições.

Deste modo, aperfeiçoar-se no *Facebook* é redimir-se, sem a ameaça dos pecados da carne e das leis, principalmente, da lei da língua pátria (como denunciam os erros gramaticais dos enunciados) além

do deslocamento para diversificados idiomas, variantes linguísticas e *internetês* num processo, também, de dissimulação linguística. Assim, num jogo de poderes mágicos, o intérprete usuário é seu autoajudante e seu autocontrolador não só da sua sexualidade, como também da sua agressividade que, como diz Freud (2002 p. 70) [...] constitui a base de toda relação de afeto e amor entre pessoas.

Como se vê, não existe a permissão de liberdade completa da vida sexual nem no espaço terrestre nem no ciberespaço, porque libertar, totalmente, o homem para o sexo é “abolir a família, célula germinal da civilização” (Freud: 2002 p. 70-71). “E essa característica indestrutível da natureza seguirá a civilização”. Da mesma forma, não existem igualdade e fraternidade na inteligência coletiva, como idealiza Pierre Lévy, pois como bem se certificou Freud (2002 p. 70, “[...] a natureza, por dotar os indivíduos com atributos físicos e capacidades mentais extremamente desiguais, introduziu injustiças contra as quais não há remédio”.

Por isso, cada vez mais, a humanidade necessita de significantes que suportam o amor como promessas que elevam o homem a Deus na demanda de todas as faltas humanas tangíveis e intangíveis. Manipuladas pelas tramas do desejo e da fantasia. Lacan já havia esclarecido:

[...] nossa sexualidade designada por Lacan em seu enunciado paradoxal *Não há relação sexual* - não há nenhuma garantia universal de uma relação sexual harmoniosa com nosso parceiro. Cada sujeito tem de inventar uma fantasia apropriada, uma fórmula *privada* para a relação sexual - a relação com uma mulher só é possível na medida em que o parceiro aderir a essa fórmula. (ZIZEK, 2010, p. 62)

Por isso, relação sexual como fórmula fantasística revela a linguagem introduzindo uma falta, como entidade de percepção e pensamento e, portanto, que é e não é; que aparece e desaparece como objetos imaginários que se registram no inconsciente como fonte

de prazer - fase narcísica - onde o objeto do prazer, que é imaginário, vai criando, pela ausência-presença o corpo do objeto amor como se constata nos enunciados transcritos.

Em síntese, ao entrelaçar o *Facebook* como uma rede de relacionamento entre pessoas e vitrine publicitária, esta rede social expande a interpretação da realidade no mundo virtual permitindo visualizá-la como uma mídia em que os usuários estão, a todo o momento, acessando e recebendo propagandas influenciadoras de tendências e ideias: a moda mundial que instiga usuários a exibirem propagandas de ideias, produtos e seus próprios perfis impactantes do gosto, dos amigos das fotos, gerando uma nova esfera social em que apresentar-se é fazer-se produto, como fazer amor com a própria imagem. E, de “estar na moda” e ser visto por uma multiplicidade de olhares. A importância da interatividade ou interpassividade é indiferente. O que vale à pena é estar em uma rede/site de relacionamento na internet. É ser o status ou a fantasia da mais completa realidade: “[...] é que falar de amor é, em si mesmo um gozo” diz Lacan (2008b, p. 90). E esclarece abaixo:

Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes. [...] Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado - perverso de um lado, no que o Outro se reduz ao objeto a - e do outro, eu direi louco, enigmático. Não é do defrontamento com este impasse, com essa impossibilidade de onde se define um real, que é posto à prova o amor? Do parceiro, o amor só pode realizar o que chamei, por uma espécie de poesia, para me fazer entender, a coragem, em vista desse destino fatal. Mas é mesmo de coragem que se trata, ou dos caminhos de um reconhecimento? Esse reconhecimento não é outra coisa senão a maneira pela qual a relação dita sexual – tornada aí relação de sujeito a sujeito, sujeito no que ele é apenas efeito do saber inconsciente - para de não se escrever. [...] Destaquemos de passagem que o deslocamento dessa negação nos coloca a questão do que é da negação quando ela vem tomar o lugar de uma existência. De outra parte eu defini a relação sexual como *aquilo que não para de não se escrever*. Aí há impossibilidade.

É também que nada pode dizê-la - não há, dentro do dizer, existência da relação sexual (LACAN, 2008b, p. 155).

A meu ver, “não para de não se escrever” faz recorrência à constituição psíquica do sujeito, onde a relação de amamentação é o traço de completude, de envolvimento, de preenchimento da falha geral. Porém, em um determinado momento, fisiologicamente, o elemento absorvido se torna insuficiente e é preciso repeti-lo. “E a repetição dessa experiência de amamentação - que é a experiência do gozo - é infinita”, segundo Lacan (2008, p. 27-38). De onde parte a minha suposição de que o amor é uma categoria de convergência ao declínio da função paterna. Isto porque o pai é o determinante inconsciente da senha do amor sexual que dá origem a todos tipos de amor. E tento sustentá-la com argumentos teóricos extraídos dos livros: *Como Ler Lacan*, de Slavoj Žizek (2010) e *O Pai e sua Função em Psicanálise*, de Joel Dor (2011).

Qual o critério que define a escolha de uma senha? (LACAN, 2005, p. 24-25) responde:

senha tem essa propriedade de ser escolhida de forma completamente independente de sua significação. É efetivamente assim que podemos considerar a linguagem como detentora de uma função. Nascida entre aqueles animais ferozes que devem ter sido os homens primitivos – a julgar pelos homens modernos, isto não é inverossímil - a senha é aquilo graças a que não se reconhecem os homens do grupo, mas o próprio grupo se constitui como tal. Isso, certamente, não está longe de tocar a questão do horror do anonimato.

Para mim, no contexto dos enunciados em páginas temáticas, o anonimato não é um horror, mas um atrativo; um sistema de forças impactantes que dão certa existência ao equilíbrio de alcançar e dominar a realidade. Ou seja, as satisfações ilusórias do sujeito contemporâneo que são, evidentemente, de ordem diversa das satisfações que encontram seu objeto no real puro e simples. Porque esse tipo de objeto que o homem contemporâneo busca para sua

satisfação imediata se inscreve na categoria conceitual qualificada como o imaginário. Lacan (2005, p. 20-21) esclarece:

[...] um comportamento pode se tornar imaginário, quando sua orientação a partir de imagens, se seu próprio valor de imagem para um outro sujeito, o torna suscetível de deslocamento fora do ciclo que assegura a satisfação de uma necessidade natural. [...] De fato convém perceber que o imaginário está longe de se confundir com o campo do analisável. [...] um fenômeno só é analisável caso represente outra coisa que ele próprio.

Logo, o exemplo vivo de fenômenos não analisáveis são os enunciados sobre o amor nas redes sociais, porque, para mim, eles são objetos: a causa do desejo conexas às relações de parentesco onde as palavras amor e Deus são senhas mágicas que inspiram o modelo da busca da finalidade da vida; da busca da felicidade “[...] de onde apareceu a ideia de deus” - ideia esta que Freud em *Totem e Tabu* (2013, p. 153), deixa sem resposta.

Certamente, não há respostas para senhas. Elas fazem parte não só do delírio do mundo mágico das religiões, mas também da senha do amor sexual que é inconsciente e criada mediante a operação inaugural que Lacan (*apud* Dor, 2011, p. 16) chama de metáfora: “[...] o signo mais espetacular deste domínio, porque no processo de acesso *ao próprio simbólico*, a criança se constitui como sujeito”.

Essa operação inaugural, chamada por Lacan de metáfora paterna se estabelece quando o objeto primordial do desejo da criança: a mãe, é, metaforicamente, recalcada para produzir o significante Nome-do-Pai. Embora o significante desejante continue a significar na linguagem objeto primordial do desejo pela mãe. Aqui cabe a palavra de Zizek (2010, p. 20) para esclarecimento:

[...] para Lacan, a linguagem é um presente tão perigoso para a humanidade quanto o cavalo foi para os troianos: ela se oferece para nosso uso gratuitamente, mas, depois que a aceitamos, ela nos coloniza. [...] Todos que amam sabem disto: para que

um presente simbolize meu amor, deve ser inútil, supérfluo em sua própria abundância - somente assim, com seu valor de uso suspenso, ele pode simbolizar meu amor.

O amor paterno, por sua ambiguidade inconsciente, eu o vejo como “um valor suspenso”. O perigo, neste caso, reside no caráter traçoeiro da linguagem como mecanismo de presença e ausência. De enunciado e enunciação. De conteúdo manifesto e conteúdo latente. Por isso, segundo Dor, (2011, p. 17), “[...] o pai real é um terceiro mediador do desejo da mãe e do filho, no processo dessa negociação é investido como pai simbólico pela mediação do pai imaginário”. Assim, esta troca simbólica do desejo da mãe pelo Nome-do-Pai fica, inconscientemente, registrado na psique da criança, como corrente positiva do desejo a partir da metáfora paterna. E de onde decorre a ênfase de Dor (2011, p. 39, grifos do original) “*não é preciso que haja necessariamente um homem para que haja um pai*”. Isto quer dizer que o papel simbólico do pai é sustentado pela atribuição imaginária do objeto fálico. Logo, o pai imaginário é uma entidade fantasística sem a qual nenhum pai real poderia receber a investidura do pai simbólico.

É, aqui, que a meu ver se inscreve a senha do amor sexual. Ou, a onipotência fálica da senha do amor, que é determinada pela Lei do falo, porque, segundo Dor (2011, p. 56) “[...] sem o saber, o pai atribui à criança, um lugar onde, posteriormente, ela poderá se submeter ao imaginário da onipotência fálica”. Dor (2011, p. 12) parece dar ênfase a esta minha hipótese do pai como senha do amor sexual ao afirmar que: “[...] nenhuma outra saída é proposta a não ser curvar-se ao que lhe é imposto por esta função simbólica paterna que o assujeita numa sexuação”. Todavia, Lacan (2008b, p. 78), sabiamente adverte:

Fazer o amor, como o nome o indica, é poesia. Mas há um mundo entre a poesia e o ato. O ato de amor é a perversão polimorfa do macho, isto entre os seres falantes. Não há nada de mais seguro, de mais coerente, de mais estrito quanto ao discurso freudiano.

Nesta citação lacaniana se instala o paradoxo da senha do amor sexual, quando a poesia se confronta não só com a herança arcaica do Eros em Platão e do Pai primevo em Freud mas também com “O trabalho e a religião, na formação da família de direito que desviou, assustadoramente, o sentido freudiano de amor sexual” (FREUD, 2011a, p. 43-44).

Neste sentido, o amor passa a ser suportado pela lei que estabelece o poder dessa comunidade família como Direito, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como força bruta. Passo cultural decisivo. Vigiado pela religião - até os dias atuais - como mostram os enunciados sobre família-religião e amor dos namorados.

Contudo, a emancipação da mulher, como sintoma do declínio do pai, atenta-nos para o enfraquecimento do poder do “macho forte” diante da existência intelectual da mulher. Neste sentido, a senha do amor sexual - como o grande Outro - destina o pai ao sucesso ou ao declínio. Uma vez que ela foi criada a partir da dialética de três desejos: da mãe pela criança; da criança pela mãe; do pai pela mãe - na direção de um caminho invisível, traçado pelas tramas do inconsciente à semelhança

da criatura mítica chamada por Lacan de a lâmina, um órgão que dá corpo à libido. Lacan imagina a lamela como uma versão do que Freud chamou de objeto parcial: um estranho órgão que é magicamente autonomizado, sobrevivendo sem o corpo do qual deveria ter sido um órgão, como a mão que perambula sozinha em antigos filmes surrealistas... Uma lamela é indivisível, indestrutível e imortal (ZIZEK, 2010, 78).

É como esta criatura mítica, *lâmina*, que eu visualizo, imaginariamente, a senha do amor, equivalente à senha do pai. E nesta equivalência o pai primevo é o exemplo mais surreal do morto que se tornou mais importante do que vivo, justamente pelo *status* fantástico da libido - o macho forte que possuía todas as mulheres. E Zizek (2010, p. 79), acrescenta e esclarece;

A insistência cega, indestrutível da libido é o que Freud chamou de pulsão de morte, e aqui deveríamos ter em mente que *pulsão de morte* é, paradoxalmente, o nome freudiano para seu próprio oposto, para o modo como a imortalidade aparece dentro da psicanálise - para um estranho excesso de vida, um ímpeto morto-vivo que persiste além do ciclo (biológico) de vida e morte, geração e corrupção. Freud equipara a pulsão de morte à chamada *compulsão de repetição*, um estranho ímpeto de repetir experiências passadas penosas que parece superar as limitações naturais do organismo afetado por ele e persistir mesmo depois da morte do organismo.

Neste sentido, a religião católica é a representação por excelência da pulsão de morte. A morte do filho que se tornou Pai-Todo-Poderoso, ao consagrar a senha do amor como o maior mandamento. Em uníssono, tanto Lacan e Zizek quanto Dor me fazem crer que o sucesso desta senha do amor sexual – origem de todo amor - é validado pelo discurso da mãe, cuja palavra legitima o reconhecimento de um pai castrador. Caso contrário, não há reconhecimento do falo como rival e, conseqüentemente, não haverá a renúncia do objeto primordial do desejo da criança: a mãe. E daí advirá todas as implicações da não castração, que conduzem o declínio da função paterna. E se confirma a citação de Jacques Alain-Miller no IV capítulo [...] “sem ele tudo se desfaz, ele é o sintoma do nó fracassado”.



Conclusão

A CRUZ CARREGA O CORPO DO AMOR AO DECLÍNIO DO PAI

O declínio da função paterna na rede social parece ser decorrência do paradoxo do corpo do amor na cultura e na religião e, como reversão desse paradoxo, no excesso da imagem do corpo da mulher na psique do homem e nas mídias sociais. A começar pela constituição psíquica do sujeito, isto é, o fenômeno do instante da caracterização do ego em que a instância de relação com o mundo exterior da criança não só cumpre as funções psicológicas superiores, mas também passa pela instância de alienação interna. Ou seja, a identificação da criança com uma imagem: imagem do próprio corpo da criança que é a imagem da mulher (mãe). Portanto, foi a noção de tensão narcísica, da relação do homem com a imagem, que introduziu a ideia da medida comum libidinal, e, ao mesmo tempo, a do centro de reserva a partir do qual se estabelece toda relação objetual, na medida em que ela é fundamentalmente imaginária. “Em outras palavras, uma das articulações essenciais é a fascinação do sujeito pela imagem, que não passa, afinal, de uma imagem que ele porta em si mesmo” (LACAN, 1995, p. 52).

A marca inconsciente desse delírio na constituição da psique do homem parece que ajudou na execução do delírio da realidade por meio da velocidade da imagem no imaginário psíquico e global. Isto é, o delírio social que se acelerou na década de 1970. Momento da terceira virada cibernética. Terceira revolução tecnológica que penetra em todos os setores da sociedade, em que tudo passou a ser intermediado por processos tecnológicos: os ajudantes na execução do delírio do mundo.

No mesmo ritmo da Internet e das telecomunicações como agentes dessas transformações, a sociedade capitalista, de forma ousada e abrupta, simultaneamente, alforriou e leiloou – sem escrúpulo e sem pudor

- o corpo da mulher. Paradoxalmente, com as mesmas vestes da histeria feminina que a humilharam por séculos, encobriram o corpo do másculo poder. E a mulher enfraqueceu a libido do homem com o despudor da nudez e a oferenda do corpo-oscilante além e aquém do imaginário. E, assim, desvestiu, com tentação, o olhar do não consentido desejo, manifestado no site de relacionamento *Facebook*, em que a origem e estrutura ambíguas do “pai freudiano como espetáculo” (FREUD, 2013, p. 157) reiteraram-se nas situações de despotismo, de sedução, de exibição, de sua forma a pulsões sadomasoquistas, isto é, o desejo de ver e de ser visto, em sua essência destruidora do outro. Com ênfase na destruição das mulheres em todo o mundo. E com destaque no Brasil, onde, no segundo semestre/2014, 30.000 mulheres sofreram violência física ou psicológica. E todas tinham relação afetiva com o agressor, segundo *Jornal Hoje* em 03/01/2015, em reportagem de Renata Assunção.

Neste sentido, a análise dos enunciados rastreados em páginas temáticas - em todos os seus capítulos - revelou a assustadora dissimulação virtual da família não parental e de todas as mudanças e implicações sociais e amorosas decorrentes delas e vigentes na sociedade global e tecnológica, como sintomas dessa devassa violência a tantas mulheres. Isto, talvez, porque a religião e o amor como convergências do pai ao declínio nas redes sociais tenham elevado demais “[...] O Deus Eterno tomado ao pé da letra, não de seu gozo, sempre velado e insondável, mas de seu desejo como interessado na ordem do mundo, eis o princípio no qual, petrificando sua angústia, o perverso se instala como tal” (LACAN, 2005, p. 75).

Talvez, ainda, “petrificando sua angústia, o perverso” tenha se instalado no espetáculo de “A mulher, de Lacan”, que já existe. Seguindo esta lógica, “o que começou com o pai terminou na massa” e, no seu reverso: a reinvenção da massa feminina, muito mais inquietante do que previa Freud já em 1920-1923, no livro *Psicologias das Massas e Análise do Eu*. Por quê?

Talvez, na sociedade globalizada, a mulher seja o significante que substituiu o “Cordeiro primordial”, uma vez que, para Fantini (2009, p.138) “[...]Na Psicanálise, a figura do sacrifício está ligada à socialização que ocorre por meio do sacrifício do objeto incestuoso perdido para sempre.” A partir do qual, a meu ver, instalou-se o amor divino versus o amor carnal (o fetiche): o pivô que continua dividindo o mundo de homens e de mulheres tanto no espaço presencial quanto no espaço virtual como mostra a pesquisa empírica sobre amor sexual em (grupos fechados) e amor dos namorados em páginas públicas. Ambos nos revelando o entendimento da relação entre o “desejo do Deus Eterno como interessado na ordem do mundo” e a origem da família de direito que destinou o pai ao trabalho de produtor de bens e, implicitamente, de população. Por isso o pai se transformou em Lei moral, social, sexual, mas, principalmente, em Lei de sustento da família em todos os sentidos. Em que, mais uma vez “o perverso se instala como tal” não só no mundo terrestre, mas também no mundo virtual, confirmando a suposição inicial: a rede social *Facebook* como um fenômeno cultural criado para driblar o mal-estar na civilização e simular a convalescença do pai enfraquecido libidinalmente. O sintoma da morte, diagnosticado na história cultural e religiosa do pai, é a satisfação, o gozo velado e insondável da história do pai primevo, em que o mito freudiano do pai como Lei e desejo comanda tanto o declínio quanto a convalescença do pai pelo viés da religião em que o amor, primeiro mandamento no Evangelho, vai contaminando as mentes dos usuários. O *Facebook*, oferece ao usuário certas condições ou procedimentos para uma produção *ad infinitum* através dos navegadores de internet. Assim, uma interatividade complexa de relações, criada pelo próprio sistema tecnológico de informação, evidencia o reconhecimento autêntico do que o amor deve ao símbolo e do que a fala traz de amor. Isto porque “[...] As palavras vivem nas mentes daqueles que as usam. Mesmo que eles estejam todos dormindo, elas vivem nas

suas memórias”, ressalta Santaella (1990, p. 68). E Lévi-Strauss (*apud* Lacan, 1978, p. 143-144) bela(mente) reduz o poder da fala à forma de um signo algébrico:

Os símbolos envolvem, com efeito, a vida do homem com uma rede tão total que conjugam antes que ele venha ao mundo aqueles que vão engendrá-lo *pelo osso e pela carne*, que trazem no seu nascimento com os dons dos astros, senão com os dons das fadas, o desenho do seu destino, que dão as palavras que o farão fiel ou renegado, a lei dos atos que o seguirão mesmo até onde ele não está ainda e para além de sua morte mesma, e que por eles seu fim encontra seu sentido no julgamento final onde o verbo absolve seu ser ou o condena - salvo ao atingir a realização subjetiva do ser-para-a-morte.

Toda esta grandiosidade servil do ser-vivente aos símbolos expressa o que salta aos olhos no *Facebook*: a corrida fantástica para a satisfação do “desejo do Deus Eterno” que exige ser reconhecido pelo acordo da fala ou pela luta de prestígio no símbolo ou no imaginário. O que não deixa de ser uma aparência ou uma fantasia do que está escondido por trás da máscara feminina nas mídias. “[...] Assim, por exemplo, a fantasia masculina fundamental relativamente à mulher não é a sua aparência sedutora, mas a ideia de que essa aparência deslumbrante esconde algum mistério imponderável” (ZIZEK, 2010, p. 149).

Talvez, “algum mistério imponderável” seja, inconscientemente, a máscara, o véu que o homem necessita para ocultar a presença carnal da mulher. Dois fatos recentes, extraídos das mídias internet e cinema ilustram este argumento. O primeiro, uma reportagem do *Fantástico*, no dia 11/01/2015, sobre “o desinteresse por sexo”, da maioria dos homens no Japão. Em algumas cidades, mostradas, as maternidades e as escolas foram totalmente abandonadas. A que se deve esse desinteresse? As respostas dos entrevistados destacaram: “as cobranças e as responsabilidades do amor presencial. Além das brigas. Preferiam o sexo virtual. Mulheres que vão aonde eles quiserem.

E dão prazer”. Um deles tinha 38 anos, mas no sistema do computador, tanto ele quanto a namorada simulavam “15 anos com alegria”.

O segundo, é o instigante filme *ELA*, de Spike Jones, estreado em abril/2014, em que a voz do homem anuncia os novos desejos masculinos na virtualidade: sem a presença do corpo feminino. No filme, a mulher representa um sistema operacional (SO) - ideal para o século XXI – malabarista de um novo amor, percorrendo os labirintos invisíveis do espaço-informação sob a trilha sonora da voz masculina, deixando escapar por entre ondas incessantes e estonteantes o slogan: “dentro desse sistema vale à pena amar!”

“ELA (Samantha)”: O invólucro da mente criativa e da mente técnica espacialmente mágica, prazerosamente disponível, eficazmente volátil e sexy. A nova inteligência feminina a que o homem anseia. Interativamente avançada - apta a “acessar áreas mais profundas da mente masculina” - sem os contragostos do corpo e do tempo presenciais. E, por isso, mapeadora do novo território do amor como meio de orientação num ambiente desnorteante.

Estes ilustrativos fragmentos mais o empírico sobre o amor e a família-religião no *Facebook* assinalam que, nesse meio século de globalização, perpetuar na tradição e ao mesmo tempo inovar (ser fiel a uma herança sendo, ao mesmo tempo, moderno) são imperativos contraditórios muito difíceis de conciliar, principalmente, quando se trata de homens e mulheres, porque o “lar” desse sonho cinematográfico e virtual “deriva seu significado das oposições entre risco e controle, perigo e segurança, combate e paz, episódio e perpetuidade, fragmentação e o todo”, como alerta Bauman (2008, p. 12).

Todas estas contradições minam do conflito do mundo presencial com o mundo virtual ou *ciberespaço* em que a herança cultural funesta e hostil “do ato criminoso e memorável” que instituiu a sociedade patriarcal, associada à civilização e à religião, choca-se com o hibridismo das culturas inerentes ao mundo globalizado e tecnológico.

Por isso, tanto as ilustrações quanto a pesquisa empírica rastreada nas páginas temáticas no *Facebook* ressaltam a palavra de Lacan (*apud* SAFATLE, 2012, p. 23) “O corpo é um princípio de desestabilização de toda norma” evidentemente, o corpo da mulher que lá na “horda primeva” - desestabilizou o corpo dos “machos fortes” (pai e filhos) e continua desestabilizando até hoje. Fenômeno este que nada mais é do que a desestabilização da norma patriarcal. Isto porque, como mostra Freud em toda obra de *Totem e Tabu* ([1913] 2013), o corpo é o centro da questão do sacrifício. A exemplo do corpo do cordeiro ao corpo do pai primevo devorado pelos filhos e elevado às alturas do espetáculo da massa como pai hipnotizador que, como ironia dos fenômenos sociais, alforriou a mulher para as seduções espetaculares do corpo nas mídias sociais, ambos atraídos pelas armadilhas fetichizantes da imagem, o véu para mais além, fantasias incorporadas pela senha do amor que é a senha da metáfora paterna, registro imaginário que funciona como o objeto-causa-de desejo. “[...] O agente desse encurvamento: o insondável X que faz com que, quando nos confrontamos com o objeto de nosso desejo, obtenhamos mais satisfação ao dançar em torno deste que nos dirigindo diretamente a ele.” (ZIZEK, 2010, p. 97). Isso revela que o “mistério imponderável” não pertence somente à mulher mas também ao homem, porque, como pai, ele é o “determinante inconsciente da metáfora paterna: o signo mais espetacular deste domínio, porque no processo de acesso ao próprio simbólico, a criança se constitui como sujeito” (DOR, 2011, p. 16). A “metáfora paterna” a senha do amor sexual que, paradoxalmente, também é determinante do sucesso ou do declínio do pai na rede social *Facebook*. Isto porque, a satisfação do amor se faz, faticamente, dessa dança em torno do objeto da Lei e do desejo: “o amor do Pai Eterno” que conduz os usuários a “[...] uma ação concreta e real de obediência como resposta ao signo” (SANTAELA, 1990, p. 61).

Logo a convalescença do pai, enfraquecido libidinalmente se dá através de manifestações de usuários que “postam, curtem, compartilham e comentam” postagens sobre o pai e o amor. Como mostra o recorde no dia dos pais, 09/08/2015, às 10h39 - em que foram registradas 17.904 curtidas na página¹⁴ “Eu-amou-meu-pai” espelhando a conformidade da senha do amor sexual à senha da “metáfora paterna”. A senha do “grande Outro”, “a investidura simbólica do pai real através do imaginário”, o fio condutor da hipótese e do objetivo deste trabalho, o segredo ou o raciocínio abduutivo que seduz, em todo o mundo, o hábito diário de instigar a felicidade com a aventura do olhar: a oferta mundial que a *Facebook* faz ao homem contemporâneo que busca, para sua satisfação imediata, o objeto que se inscreve na categoria conceitual qualificada como imaginário, sob o comando invisível e inatingível de “o Grande Outro, algo sem nome que tudo impregna” segundo Zizek (2010, p. 16) e que nada mais é do que “uma espécie de ilusão que cega o usuário para o fato de que estamos nas mãos do grande Outro que se oculta por trás da tela e puxa os cordões?”

Resta-nos, portanto, “algum mistério imponderável” que continua imperando e proliferando através do seio materno e do falo: canais de comunicação infundáveis e infinitos que expandem a vida de todo ser humano, o sustento imaginário de uma psique corporal. Mistério duplo ou conflito dual do significante da senha do amor sexual que se inscreve na psique de todo ser humano: a primeira self a ser repetida infinitamente... A self do amor carnal!

14 Link: <<https://www.facebook.com/pages/Eu-amou-meu-pai/221848411341028?fref=ts>>

REFERÊNCIAS

ARAUTOS DO EVANGELHO. Associação privada internacional de fiéis de direito pontifício. *O Milagre das Bodas de Caná*. Ano IX, nº 97, São Paulo: 2010.

_____. *Cheia de Graça*. Ano XI, nº 123, São Paulo: 2012.

_____. O Espírito Santo e nossos maravilhamentos? Ano XIII, nº 145, São Paulo: 2014.

_____. *Elevado a alturas inimagináveis...* Ano III, nº 147, São Paulo: 2014.

ASSUNÇÃO, Renata. *Lei Maria da Penha ainda não é totalmente aplicada no Brasil*. G1, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/01/lei-maria-da-penha-ainda-nao-e-totalmente-aplicada-no-brasil.html>.

BAUMAN, Z. *Sociedade individualizada - vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahaar, 2008.

BÍBLIA. Malaquias. Português. In: *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 919.

BÍBLIA. Romanos. Português. In: *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 1109.

BYINGTON, C. *Construção amorosa do saber*. São Paulo: Religare, 2003.

COSTA, N. da. *Breve história da lógica ocidental*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2011.

DOR, J. *O pai e sua função em psicanálise*. 2. ed. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahaar, 2011.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Gallimard, 1992.

DUNKER, C. I. L.. O Real e a Verdade do Sofrimento. *CULT-Revista Brasileira de Cultura*, v. 1, p. 24-29, 2012.

FANTINI, J. A. *Imagens do pai no cinema: clínica da cultura contemporânea*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FERREIRA NETTO, G. A. *Doze lições sobre Freud & Lacan*. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2014.

FORBES, J. *Você quer o que deseja?* 9. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

FOUCAULT, M. *Estratégia, poder-saber*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. *O mal-estar na civilização*. 1. Ed. Tradução Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Psicologia das massas e análise do Eu*. 1. ed. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

_____. *O Futuro de uma Ilusão*. Tradução Renato Zwick. Porto alegre: L&PM, 2011b.

_____. *Totem e Tabu*. 1. ed. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud inconsciente*. 23ª. Reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GOMBRICH, E. H. *Arte e Ilusão: um estudo psicológico da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

HUSTON, J. *Freud, Além da Alma*. (Filme). Estados Unidos: 1962, (140').

JOHNSON, S. *Cultura da interface*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KEEN, A. *Vertigem digital*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, J. *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. 2. ed. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1978.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Nomes-do-Pai*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

_____. *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

_____. *Nomes-do-Pai*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LATOURET, B. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2005.

LEITE, M. P. de S. *Psicanálise lacaniana*. São Paulo: Iluminuras, 2010.

LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

LÉVY, P. *Tecnologia da inteligência*. Rio de Janeiro: Edições 34, 2000.

LOBO, H. R. *A filosofia e sua evolução: pequena história do pensamento humano*. São Paulo: Ed. Populares, s/d.

LOPES, M. M. de F. *Conceito de amor em psicanálise*. São Paulo: Hacker/Fapesp, 1997.

MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

MATTAR, J. *Web 2.0 e redes sociais na educação*. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

Papa Francisco ganha grafite em sua homenagem em rua de Roma. Globoplay, 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3111007/?s=0s>.

PLATÃO. *Diálogos: Mênon – Banquete – Fedro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

RODRIGUÉ, E. *O século da psicanálise: 1895-1995*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

ROUANET, S. P. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *O Homem e o discurso (A Arqueologia de Michel Foucault)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

RUIZ, C. B. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

SAFATLE, W. *Grande hotel abismo. Por uma reconstrução da teoria do reconhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SAMPAIO, M. C. C. *O Espelho semiótico na rede social: uma questão da linguagem*. II Congresso PeopleNET. Education: Congresso de Redes Sociais Aplicadas à Educação. São Paulo: ABC Branding, 2012.

_____. Como as estrelas no céu. *Caderno da 15ª Jornada de Estudos Peirceanos*. CIEP-PUC/SP, v. 15, p. 183-189, São Paulo: 2012.

_____. Redes Sociais: novos educadores educando - à luz do olhar da Psicanálise e da Semiótica II PEOPLE.NETIN. EDUCATION: Congresso de Redes Sociais Aplicadas à Educação. *Anais...* São Paulo: 2014.

SANTAELLA, Lúcia. *Estética: de Platão a Peirce*. São Paulo: Experimento, 1994.

_____. O Instinto da Razão. In: *O Método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Unesp/Fapesp, 2004.

_____. *A Teoria geral dos signos: semiose e autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Matrizes da Linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. *Cultura e Artes do pós-humano – da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Thompson, 2002.

_____. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Os desafios do pós-humano. *Commmunicare Revista de Comunicação*, v. 4, n. 1, p. 17-26, São Paulo: 2004a.

_____. Por que a Semiótica de Peirce também é uma teoria da comunicação. *Comunicação e Linguagens*, v. p. 43-52, Lisboa: 2002.

_____. O que Matrix não mostra: o corpo sensorio-perceptivo do cibernauta. In: LYRA, Bernadete; SANTANA, Gelson Santana. (Org.). *Corpo e Mídia. Arte e Ciência*, v.1, p. 77-96, São Paulo: 2004,

_____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *A Ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

_____.; NOTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. HISGAIL, Fani. (Org.). *Semiótica Psicanalítica: clínica da cultura*. 1. ed., São Paulo: Iluminuras, 2013.

TAUFER, Patrícia. *Tribunal de Justiça faz mutirão da paternidade em São Paulo*. G1, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/12/tribunal-de-justica-faz-mutirao-da-paternidade-em-sao-paulo.html>.

VIEIRA, Danilo. *Carioca de 17 anos é escolhida para representar brasileiras na ONU*. G1, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/09/carioca-de-17-anos-e-escolhida-para-representar-meninas-brasileiras-na-onu.html>.

VIGOTSKI, L. S. *A Formação social da mente*. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZIZEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CULT 174. *Sofrer Hoje*. ano 15, São Paulo: 2012.

CULT 175. *A nada santa alma freudiana*. P. 38-39, ano 15, São Paulo: 2012.

SOBRE A AUTORA



Maria do Carmo Cardoso Sampaio

Maria do Carmo Cardoso Sampaio era doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Concluiu Bacharelado em Língua e Literatura Portuguesas, com Licenciatura Plena em 1979 e participou de diversos cursos, eventos e palestras relacionados à área de Comunicação. Como Docente, ministrou aulas e coordenou cursos no INAMPS, PUC-SP, FMU, FIAM, FIEO, etc. Desde 1992 até seu falecimento, lecionava com muito amor na Faculdade de Tecnologia de São Paulo FATEC-SP. Maria do Carmo tinha amor pela escritora literária e pela prática da criação textual verbal e não-verbal como terapia, experiência contada em sua Dissertação de Mestrado: “O Ensino de Redação-Leitura à margem da Instituição”, defendida em dezembro de 1987. Além do trabalho, Maria do Carmo foi uma mãe extremamente dedicada e através dos seus exemplos, ela estimulava o prazer pela vida e pelo estudo em todos à sua volta.

ÍNDICE REMISSIVO

A

amor 12, 20, 21, 25, 28, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 57, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 72, 95, 97, 98, 104, 105, 112, 115, 117, 118, 120, 126, 131, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205

amor paterno 37, 192

amor presencial 183, 199

amor sexual 31, 39, 40, 44, 46, 62, 120, 152, 166, 167, 172, 181, 182, 186, 187, 190, 191, 192, 193, 194, 198, 201, 202

B

Bauman 117, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 139, 140, 144, 149, 156, 165, 200

C

castração 75, 78, 83, 89, 92, 94, 96, 99, 100, 135, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 145, 147, 148, 171, 173, 194

cibercultura 25, 29, 60, 61, 62, 186, 206

cibersexo 187

civilização 15, 21, 25, 26, 28, 31, 34, 35, 36, 37, 39, 43, 44, 45, 46, 50, 55, 58, 60, 61, 64, 67, 71, 84, 104, 120, 164, 167, 184, 186, 187, 188, 198, 200, 204, 205

contemporaneidade 30, 60, 103, 111, 140, 142, 148, 173, 179

cultura 25, 27, 29, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 51, 54, 55, 57, 61, 62, 73, 84, 107, 118, 119, 122, 125,

167, 172, 174, 176, 186, 196, 203, 205, 206

cultura de massa 29, 57, 176

D

Debord 58, 60

Deus 26, 29, 31, 49, 50, 58, 66, 67, 68, 75, 76, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 127, 131, 136, 148, 153, 154, 156, 157, 158, 160, 161, 188, 191, 197, 198, 199

E

Édipo 26, 27, 41, 42, 60, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 89, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 144

ego 83, 84, 88, 89, 93, 94, 97, 98, 99, 110, 164, 171, 173, 196

Eros 38, 43, 45, 47, 48, 52, 64, 110, 151, 162, 164, 193, 205

espetáculo 26, 27, 34, 43, 47, 48, 51, 52, 54, 57, 58, 60, 67, 87, 185, 186, 197, 201, 203

F

Facebook 11, 19, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 60, 61, 62, 84, 85, 88, 93, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 116, 120, 124, 127, 129, 133, 139, 152, 153, 159, 165, 166, 167, 172, 174, 181, 187, 189, 197, 198, 199, 200, 201, 202

família 12, 15, 25, 28, 29, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 49, 52, 56, 57, 59, 60, 66, 67, 71, 72, 75, 76, 77, 79, 89, 92, 102, 104, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 129, 151, 152, 181, 188, 193, 197, 198, 200

Fantini 59, 116, 122, 123, 124, 126, 198

Figura paterna 98

filho 9, 34, 41, 55, 58, 73, 75, 76, 84, 90,
93, 97, 99, 100, 112, 117, 131, 132, 133,
138, 140, 143, 145, 146, 163, 192, 194
Forbes 119, 126, 184
Freud 14, 15, 19, 22, 26, 33, 34, 35, 36,
37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 51,
52, 53, 54, 56, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65,
66, 67, 68, 72, 81, 82, 92, 93, 96, 97, 98,
99, 100, 101, 116, 119, 139, 144, 151, 152,
158, 159, 163, 164, 165, 167, 176, 177,
182, 183, 184, 187, 188, 191, 193, 194,
197, 201, 203, 204, 205

G

globalização 27, 61, 67, 70, 119, 125, 144,
200

I

imagos 79, 84, 89, 96, 98, 101
internautas 53, 65

J

Jesus 66, 75, 76, 77, 121, 136

L

Lacan 19, 22, 26, 27, 59, 69, 70, 71, 72,
73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95,
96, 97, 98, 99, 100, 118, 120, 126, 129,
135, 138, 142, 144, 145, 146, 147, 148,
149, 151, 154, 157, 158, 159, 160, 161,
163, 165, 167, 171, 172, 173, 175, 180,
182, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192,
193, 194, 197, 199, 201, 203, 207
Le Bon 43, 47, 52, 56, 57, 60, 176
libido 41, 44, 52, 55, 56, 62, 74, 96, 164,
182, 193, 194, 197
linguagens 26, 31, 50, 106, 108, 177, 183

M

mãe 12, 13, 16, 27, 30, 31, 41, 59, 66, 68,
70, 72, 75, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 90, 91,

93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 134, 135, 136,
137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145,
146, 147, 148, 176, 179, 191, 192, 193,
194, 196
marketing 31, 53, 57, 167, 177, 179, 183,
185
massa 19, 29, 43, 46, 47, 49, 51, 52, 53,
56, 57, 58, 60, 61, 63, 64, 164, 176, 177,
197, 201
mulher 27, 31, 32, 39, 40, 44, 55, 56, 57,
59, 72, 78, 81, 98, 99, 115, 118, 122, 134,
140, 142, 144, 152, 154, 163, 169, 171,
174, 176, 180, 181, 182, 183, 185, 188,
193, 196, 197, 198, 199, 200, 201

N

namoro 153, 154, 155, 157
narcísico 47, 70, 78, 84, 95, 99, 100
narcisismo 74, 86, 88, 89, 90, 99, 117,
125, 161, 163, 183
natureza 35, 36, 37, 38, 41, 46, 47, 48, 55,
61, 62, 109, 110, 114, 120, 156, 157, 162,
188
Nome-do-Pai 11, 76, 99, 129, 135, 136,
145, 146, 147, 191, 192

O

ódio 30, 38, 45, 48, 65, 66, 97, 134, 136,
137, 148
online 106, 109, 127, 154, 161, 166, 181,
183

P

pai 13, 19, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
34, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47,
48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59,
60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72,
73, 75, 76, 77, 78, 84, 88, 91, 92, 93, 94,
95, 96, 97, 98, 99, 100, 104, 105, 118, 119,
120, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134,
135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142,
143, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 163,

164, 175, 177, 178, 179, 180, 186, 190,
192, 193, 194, 196, 197, 198, 201, 202,
203
paradoxalmente 15, 26, 31, 45, 48, 60, 61,
84, 100, 133, 139, 159, 173, 194, 201
paternalista 71, 73, 92
pós-moderna 54, 72, 126, 127, 182, 204
Psicologia 15, 37, 41, 47, 52, 63, 176, 204

R

Redes Sociais 65, 117, 151, 206

S

sedução 70, 74, 87, 171, 177, 178, 183,
197
sexo 31, 39, 44, 59, 91, 92, 98, 106, 115,
116, 118, 126, 159, 161, 162, 163, 164,
166, 168, 169, 170, 171, 175, 180, 184,
185, 186, 187, 188, 199
sexual 22, 31, 35, 39, 40, 41, 44, 46, 47,
49, 52, 55, 57, 61, 62, 66, 72, 91, 92, 93,
97, 98, 120, 121, 135, 152, 159, 160, 163,

164, 166, 167, 168, 172, 173, 180, 181,
182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191,
192, 193, 194, 198, 201, 202
sexualidade 47, 73, 92, 96, 97, 98, 118,
126, 163, 164, 177, 185, 187, 188
sociedade 25, 26, 27, 29, 34, 35, 38, 42,
43, 45, 46, 47, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 63,
67, 70, 71, 72, 76, 115, 116, 117, 118, 119,
123, 125, 126, 127, 144, 156, 157, 163,
164, 165, 167, 176, 177, 181, 182, 183,
186, 196, 197, 198, 200, 203
sociedade do espetáculo 54, 57, 203

T

Totem e Tabu 34, 38, 42, 46, 66, 67, 176,
191, 201, 204

V

vida sexual 44, 55, 61, 188

Z

Zizek 157, 158, 161, 165, 173, 174, 175,
178, 185, 186, 190, 191, 193, 194, 202

www.pimentacultural.com

○ DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA NAS REDES SOCIAIS

uma leitura semiótico-psicanalítica